



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**



**MÃOS E CORPOS QUE FALAM:
O ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE TRABALHADORES SURDOS NO IL
SURDO GELATOS EM ARACAJU/SERGIPE**

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2023.1**

SUZY KELLY BARBOSA LISBOA

**MÃOS E CORPOS QUE FALAM:
O ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE TRABALHADORES
SURDOS NO IL SURDO GELATOS EM ARACAJU/SERGIPE**

Texto de defesa apresentado como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social na Universidade Federal de Sergipe-UFS.

Orientador: Drº Luiz Gustavo Pereira de Souza Correia

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2023.1**

SUZY KELLY BARBOSA LISBOA

**MÃOS E CORPOS QUE FALAM:
O ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE TRABALHADORES
SURDOS NO IL SURDO GELATOS EM ARACAJU/SERGIPE**

Texto de Defesa apresentado como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social na Universidade Federal de Sergipe-UFS.

Orientador: Drº Luiz Gustavo Pereira de Souza Correia

APROVADO (A) EM:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Drº Luiz Gustavo Pereira de Souza Correia

Prof. Drº Frank Nilton Marcon

Prof. Drº João Mouzart de Oliveira Junior

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2023.1**

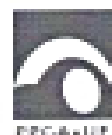
**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

L769m Lisboa, Suzy Kelly Barbosa
Mãos e corpos que falam : o estudo etnográfico sobre
trabalhadores surdos no IL Surdo Gelatos em Aracaju/Sergipe /
Suzy Kelly Barbosa Lisboa ; orientador Luiz Gustavo Pereira de
Souza Correia. – São Cristóvão, SE, 2023.
144 f.

Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Universidade
Federal de Sergipe, 2023.

1. Antropologia. 2. Etnologia. 3. Pessoas com deficiência -
Emprego – Aracaju. 4. Surdos. 5. Trabalhadores. 6. Empresários -
Aracaju. I. Correia, Luiz Gustavo Pereira de Souza, orient. II. Título.

CDU 572.025:331.1-056.263



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Ata de Defesa da Dissertação de Mestrado da discente Suzy Kelly Barbosa Lisbon. Aos trinta dias do mês de agosto do ano de 2023 (dois mil e vinte três), às 9h (nove horas), reuniram-se na sala de estudos do PPGA a comissão Examinadora composta pelos/Professores/as Doutores/as: Luiz Gustavo Pereira de Souza Correia (Presidente/Orientador PPGA/UFS), João Mozart de Oliveira Junior (1º Examinador-Externo à Instituição/UFBA), Frank Nilton Marcon (2º Examinador-Interno/PPGA/UFS), para avaliar o trabalho intitulado: “Mãos e corpos que falam: O estudo etnográfico sobre os trabalhadores surdos no Il Sordo Gelato”. O orientador, na condição de Presidente da Comissão Examinadora, passou a palavra à Candidata Suzy Kelly Barbosa Lisbon para que ela expusesse os principais aspectos da pesquisa. Antes do início da apresentação, o Presidente informou a Candidata que ela teria 30 (trinta) minutos para a apresentação e que cada Examinador iria dispor de 20 (vinte) minutos para a arguição, podendo a Candidata dispor de igual tempo para as respostas. Terminada a exposição da Mestranda, o Presidente passou a palavra aos membros da Comissão Examinadora, que iniciou a arguição na seguinte ordem: primeiro arguiu a Candidata o professor João Mozart de Oliveira Junior; em seguida, o Professor Frank Nilton Marcon e, por último, O professor Luiz Gustavo Pereira de Souza Correia. Finalizada a arguição e, uma vez garantida a Candidata a oportunidade para a apresentação das respostas, os membros da Comissão examinadora discutiram reservadamente, a fim de atribuir as notas. Logo em seguida, o Presidente convocou a Candidata, comunicando que ela foi considerada APROVADA. Após proclamado o resultado, que deverá ser homologado pela secretaria de Pós-Graduação em Antropologia, o Presidente agradeceu aos participantes, encerrando em seguida a sessão. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata. Cidade Universitária “Prof. José Aloísio Campos” São Cristóvão, Sergipe/Brasil PPGA/UFS CEP: 49.100000- (79) 3194- 6840, 30 de agosto de 2023.


Prof. Dr. Luiz Gustavo P.S. Correia

Presidente-orientador – PPGA/UFS


Prof. Dr. João Mozart de O. Junior

1º Examinador- Externo à Instituição

Prof. Dr. Frank Nilton Marcon
2º Examinador- Interno- PPGA/UFS


Aluna: Suzy Kelly Barbosa Lisbon
Suzy Kelly Barbosa Lisbon

DEDICATÓRIA

Direciono a dissertação para a pessoa mais doce e cheia de ternura que já conheci, minha linda avó (in memória) que é uma importante referência para mim, tudo que eu sou e faço hoje terá sempre uma pintada de seu amor, eterna gratidão pelas lições preciosas [...] e sei que sempre estará a vibrar e comemorar este importante ciclo. Também dedico a toda a comunidade Surda deste país que me ensinou a transgredir o tempo todo.

Gratidão!

A gratidão vai além de simplesmente dizer "obrigada". Ela envolve um sentimento profundo de reconhecimento e uma disposição para expressar gratidão de forma sincera. É um estado de espírito que nos conecta com os outros e nos lembra da generosidade e do apoio que recebemos. É um sentimento de reconhecimento.

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a todas as pessoas que contribuíram para o desenvolvimento e conclusão desta dissertação de mestrado: Em primeiro lugar agradeço a Deus por me conceder saúde, oportunidades e habilidades para alcançar meus objetivos.

Sou imensamente grata ao meu orientador, Luiz Gustavo Pereira de Souza Correia, pela sua orientação, conhecimento e apoio durante toda a jornada deste trabalho. Sua dedicação, paciência e insights foram fundamentais para o meu crescimento acadêmico e para a qualidade deste estudo.

Agradeço também aos membros da banca examinadora, Frank Nilton Marcon e João Mouzart de Oliveira Junior, por dedicarem seu tempo e corroboraram com seus saberes no desenvolvimento da dissertação e avaliarem com delicadeza e afeto este +trabalho. Portanto, foram e são fundamentais por fornecer valiosas contribuições e sugestões, enriquecendo ainda mais os resultados e as discussões apresentadas.

Gostaria de expressar minha gratidão aos colegas de curso e amigos, que estiveram presentes durante todo o percurso do mestrado. Suas trocas de ideias, debates e apoio mútuo foram fundamentais para o meu crescimento como pesquisadora e para o enriquecimento deste trabalho.

Sou grata a instituição Universidade Federal de Sergipe Programa De Pós-Graduação Em Antropologia Social.

Agradeço aos participantes da pesquisa, toda comunidade Surda cuja contribuição e disposição para compartilhar suas experiências foram essenciais para a coleta de dados e para a realização deste estudo.

Não posso deixar de agradecer à minha família, em especial ao meu esposo Jorge Lisboa e filho Paulo Roberto, minha amada mãe Maria Arleide, Edina Maria e irmãos pelo amor, incentivo e apoio incondicional ao longo de toda a minha trajetória acadêmica.

Hoje vim falar do abraço... que acolhe, que aperta, tranquiliza e confia... a transferência da gratidão do compartilhar os batimentos cardíacos, que vibram a simbologia do amor, que troca o movimento de um momento que se eterniza, que proporcionará lembranças da sensação dos cheiros que um dia serão somente saudade. Então não desperdice a oportunidade de trocar/compartilhar um abraço.

Analice Meira

RESUMO

A presente dissertação objetiva compreender os processos relacionais de trabalhadores surdos na empresa iL Sordo Gelato em Aracaju/SE. Isso se articula com a trajetória empresarial de Breno Oliveira. Desta forma, tracei um caminho metodológico que contribuiu com a aproximação com o objeto delimitado, seguindo os indícios de problematização do fazer etnográfico com pessoas surdas conforme destacado pela antropóloga surda Mello (2019) que sinalizou a importância da descrição e da aproximação com o universo estudado e da necessidade de olhar para os registros produzidos e elaborados sobre as ocorrências existentes em um determinado grupo. Nesse caminhar foi possível transitar em diferentes espaços que transcorreu: o estabelecimento, o espaço de moradia e de retorno dos trabalhadores, o ambiente de sociabilidade e os diferentes meios de comunicação (Facebook e Instagram) que buscavam destacar a marca e gerar a visibilidade do empreendimento. O que auxiliou a sentir os ritmos que atravessavam a vida das pessoas surdas em seu circuito para o trabalho. A entrada que realizei em diferentes contextos seguiu os passos de Magnani (2007) tentando deter suas experiências, escolhas e posicionamentos no exercício de suas atividades de trabalho, levando em consideração a formação das redes relacionais. Por fim, foi possível apreender suas escolhas, iniciativas, desejos e sonhos atrelados a carreira profissional que estabeleceu, sendo a imagem da empresa uma inspiração para outros empresários surdos, ao mesmo tempo serviu para fortalecer seus empreendimentos e destacar o lugar do surdo no mercado de trabalho brasileiro e com isso, pode-se concluir que seu empreendimento e trajetória se conectam às ações internacionais para a promoção dos direitos da comunidade surda, com intuito de incluir e garantir a permanência apoiada na legislação que se amplia nas suas agendas ao interrogar o lugar da pessoa surda nesses espaços.

Palavras-Chave: Trabalho. Empresário Surdo. Trabalhadores surdos e Gelateria.

RÉSUMÉ

Cette thèse vise à comprendre les processus relationnels des travailleurs sourds dans l'entreprise il Sordo Gelato à Aracaju / SE. Cela s'articule avec la trajectoire commerciale de Breno Oliveira. De cette manière, j'ai tracé un chemin méthodologique qui a contribué au rapprochement avec l'objet délimité, en suivant les indications de problématisation du faire ethnographique avec des personnes sourdes comme le souligne l'anthropologue sourd Mello (2019), qui a signalé l'importance de la description et du rapprochement avec l'univers étudié et la nécessité de regarder les enregistrements produits et élaborés sur les occurrences existantes dans un certain groupe. Instagram facebookedit dans cette promenade, il était possible de se déplacer dans différents espaces qui passaient: l'établissement, l'espace de Logement et de retour des travailleurs, l'environnement de sociabilité et les différents médias (Facebook et Instagram) qui cherchaient à mettre en valeur la marque et à générer la visibilité de l'entreprise. Ce qui a aidé à ressentir les rythmes qui traversaient la vie des personnes sourdes dans leur circuit de travail. L'entrée que j'ai faite dans différents contextes a suivi les traces de Magnani (2007) en essayant d'arrêter leurs expériences, leurs choix et leurs positions dans l'exercice de leurs activités professionnelles, en tenant compte de la formation de réseaux relationnels. Enfin, il a été possible d'appréhender ses choix, initiatives, désirs et rêves liés à la carrière professionnelle qu'il a établie, étant l'image de l'entreprise une inspiration pour d'autres entrepreneurs sourds, a en même temps servi à renforcer ses entreprises et à mettre en évidence la place des sourds sur le marché du travail brésilien et avec cela, on peut conclure que son entreprise et sa trajectoire sont liées à des actions internationales pour la promotion des droits de la communauté sourde, afin d'inclure et de garantir la permanence soutenue par la législation qui est élargie dans leurs agendas lorsqu'ils s'interrogent sur la place de la personne sourde dans ces espaces.

Mots clés: Travail. Homme d'affaires Sourd. Travailleurs sourds et Gelateria.

ABSTRACT

This dissertation aims to understand the relational processes of deaf workers in the company *il Sordo Gelato* in Aracaju / SE. This articulates with the business trajectory of Breno Oliveira. In this way, I traced a methodological path that contributed to the approximation with the delimited object, following the indications of problematization of ethnographic doing with deaf people as highlighted by the deaf anthropologist Mello (2019), who signaled the importance of the description and approximation with the studied universe and the need to look at the records produced and elaborated on the existing occurrences in a certain group. Instagram facebookedit in this walk it was possible to move in different spaces that passed: the establishment, the space of Housing and return of workers, the environment of sociability and the different media (Facebook and Instagram) that sought to highlight the brand and generate the visibility of the enterprise. Which helped to feel the rhythms that went through the lives of deaf people in their circuit to work. The entry I made in different contexts followed in the footsteps of Magnani (2007) trying to stop their experiences, choices and positions in the exercise of their work activities, taking into account the formation of relational networks. Finally, it was possible to apprehend his choices, initiatives, desires and dreams linked to the professional career he established, being the image of the company an inspiration for other deaf entrepreneurs, at the same time served to strengthen his ventures and highlight the place of the deaf in the Brazilian labor market and with this, it can be concluded that his venture and trajectory are connected to international actions for the promotion of the rights of the Deaf community, in order to include and guarantee the permanence supported by the legislation that is expanded in their agendas when questioning the place of the deaf person in these spaces.

Key-words: Work. Deaf Entrepreneur. Deaf workers and Gelateria.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CESAJU- Centro de Surdos de Aracaju -SE

FUNDAT- Fundação Municipal de Formação para o Trabalho

II SORDO – O Surdo

IPAESE- Instituto Pedagógico de Apoio a Educação do Estado de Sergipe

SENAC- Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SEDUC- Secretaria de Estado Educação, do Esporte e da Cultura

LIBRAS- Língua Brasileira de Sinais

UFS- Universidade Federal de Sergipe

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01- Sinal da empresa iL Sordo Gelateria.	52
FIGURA 02- Entrevista com a colaboradora Surda Renata.	53
FIGURA 03- I Festival de Libras no iL Sordo Gelateria/SE.	54
FIGURA 04- Empreendedorismo Surdo promovido pelo iL Sordo Gelateria/SE.....	55
FIGURA 05- Reunião de Trabalho e processo de formação no iL Sordo Gelateria.....	55
FIGURA 06- Carrara Food Park em Aracaju/SE.....	60
FIGURA 07- Orla Food Park em Aracaju/SE.....	62
FIGURA 08- Loja Matriz iL Sordo Aracaju/SE.....	62
FIGURA 09- Loja iL Sordo – Franquia Barra.....	63
FIGURA 10- Marca da empresa iL Sordo.....	64
FIGURA 11- Colaboradores da empresa iL Sordo.....	65
FIGURA 12- Empresário Breno Oliveira fazendo sinal em Libras da il Sordo.....	68
FIGURA 13- Clientes em atendimento na empresa iL Sordo.....	70
FIGURA 14- Interação no setembro Surdo no espaço educacional.....	71
FIGURA 15- Reality show Shark Tank representou a empresa iL Sordo Gelato em companhia de seu pai.....	73
FIGURA 16- Empresário Breno no programa Shark Tank Brasil	75
FIGURA 17- Cartaz digital sobre o workshop Empreender Voar.....	76
FIGURA 18- Palestra Motivacional- Sobre o empreendedorismo Surdo Turn Around Summit.....	79
FIGURA 19- Premiação no Turn Around Summit.....	80

FIGURA 20- Prêmio Veja o Brasil que queremos.....	81
FIGURA 21- Publicações do feed do Instagram de Breno.....	85
FIGURA 22- Breno palestra no SESI/SE sobre empreendedorismo inclusivo.....	86
FIGURA 23- Atendimento no quiosque em Salvador.....	87
FIGURA 24- Empresário de sucesso- Breno Oliveira no iL Sordo Gelato.....	89
FIGURA 25- Sociabilidade das alunas do IPAESE.....	90
FIGURA 26- Interações na iL Sordo Gelatos.....	91
FIGURA 27- Interações na iL Sordo Gelatos.....	92
FIGURA 28- Recursos didáticos na interação na iL Sordo.....	98
FIGURA 29- Gelatos comercializados na iL Sordo.....	99
FIGURA 30- Entrevista com trabalhador Lenaldo.....	103
FIGURA 31- Entrevista com a colaboradora Renata.....	105
FIGURA 32- Atendimento Especializado na iL Sordo.....	109
FIGURA 33- Entrevista com colaborador Lucas.....	112
FIGURA 34- Entrevista com colaborador Adriano.....	113

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01-	População de 5 anos ou mais de idade que sabe usar a LIBRAS.....	119
--------------------	--	-----

SUMÁRIO

CAMINHOS DE ENCONTRO.....	15
CAPÍTULO I - OS SENTIDOS DA DEFICIÊNCIA NA ANTROPOLOGIA – COMPREENSÃO DO FENÔMENO DA SURDEZ.....	28
1.1 os sentidos da deficiência na Antropologia.....	29
1.2 Reflexões sobre o fenômeno da Surdez no Campo da Antropologia.....	40
1.3 Questões teóricas e metodológicas: os procedimentos adotados na pesquisa	47
CAPÍTULO II -“QUANDO EU SOU A EMPRESA, E A EMPRESA SOU EU”:O EMPREENDIMENTO IL SORDO E SUA RELAÇÃO COM A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO EMPRESÁRIO BRENO OLIVEIRA EM ARACAJU/SE	59
2.1.O Empreendimento iL Sordo Gelateria.....	60
2.2 “Gerir a Empresa, Encantar Vidas” A trajetória Empresarial de Breno Oliveira no iL Sordo Gelato	66
CAPÍTULO III – PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DOS TRABALHADORES SURDOS NO iL SORDO GELATO EM ARACAJU/SE.....	94
3.1 Percepções sobre as trajetórias profissionais dos trabalhadores surdos iL Sordo Gelato em Aracaju/SE.....	95
3.2 Experiências dos trabalhadores surdos Il Sordo Gelato em Aracaju/SE.....	101
3.3 Diálogos e conexões: a construção dos espaços relacionais de sentidos.....	116
3.4 – Percepções dos trabalhadores Surdos no contexto do iL SORDO.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
REFERÊNCIAS.....	130
ANEXO.....	137

CAMINHOS DE ENCONTRO

“Hoje as pessoas me respeitam mais porque me conhecem, mas ainda percebo o preconceito quando elas se surpreendem com o fato de ser o dono da sorveteria” (OLIVEIRA, 2017).

As palavras supracitadas de Breno Nunes de Oliveira que abrem a dissertação nos ajudam a adentrar no seu universo de vida e na sua trajetória empresarial que envolve, o mundo do trabalho da pessoa surda. Sua colocação põe em evidência a necessidade de pensar a inserção do surdo no mercado de trabalho, elucidando as implicações que emergem sobre o seu lugar dentro da sociedade. Nesse transcorrer foi possível considerar que a observação da trajetória deste empresário surdo aguçou a minha sensibilidade para captar as suas iniciativas dentro do cenário laboral brasileiro, especificamente, captando as percepções sensoriais provenientes das experiências dos trabalhadores surdos na empresa iL Sordo.

Explícito, primeiramente que a pessoa surda é aquela que compreende o mundo através da sua vivência visual e, na grande maioria, se comunicasse através da Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS, tendo o direito a um ensino baseado no bilinguismo, ou seja, a Língua Portuguesa e LIBRAS. Segundo a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, a LIBRAS é o idioma utilizado pela comunidade Surda brasileira através da modalidade visual-espacial, expressões faciais e corporais, constituindo uma gramática própria que adentrar nos contextos sociais e estabelece os processos de interação dialógico (BRASIL,2002).

Essa perspectiva, acende para pensar as inquietações referentes aos processos de comunicação, ao seu universo de sociabilidade (família, lazer, escola, trabalho) e aprendizagem da pessoa com deficiência auditiva e surda que se tornaram cada vez mais aguçadas. Cabe lembrar, a propósito, que o contato com a comunidade surda instigou a minha curiosidade, principalmente, quando uma família, comparecia para a realização de uma vivência no contexto escolar. Certa vez, atuando como professora, foi explanada por uma mãe que as mãos e o corpo do filho dela falava, guardei essa expressão para o momento ideal de uma pesquisa sobre esse segmento, no qual justifica, inicialmente, à proposta da dissertação intitulada com a expressão ‘mãos e corpos que falam’.

Outro ponto que chama a atenção na minha trajetória profissional como

educadora foi as queixas de conexão entre professor- aluno; aluno- professor; professor- interprete; interprete - aluno e professor- aluno- família que demonstra a diversidade relacional no espaço educacional, sendo possível pensar na falta de compreensão da linguagem e em outros momentos, na ausência de interação dos profissionais, que no início, não possuíam o conhecimento adequado para estabelecer as relações de comunicação. Contudo, ao longo do tempo, foi se desenvolvendo mecanismos de capacitação e aperfeiçoamento, fazendo emergir outros papéis como é o caso dos instrutores¹ que atuam como disseminadores dos saberes que envolvem a Libras.

No desenrolar desse universo, busquei respostas aos questionamentos tecidos, no curso de LIBRAS que participei no SENAC e depois foi necessário me aprofundar em outros espaços com o intuito de desenvolver a língua de sinais, observando suas particularidades e peculiaridades culturais. Esse conhecimento auxiliou na interação relacional com surdos. Também foi possível estabelecer relações sociais com alguns colegas e amigos surdos que proporcionaram a constatação o quanto é importante e complexa as suas vivências, assim foi possível adentrar no seu campo afetivo. Ao se aproximar de suas intimidades foi possível perceber em seus relatos as dificuldades de linguagem, escolarização e de profissionalização, expuseram a concepção de isolamento como um fator presente e o precipício criados na relação com pessoas ouvintes que desencadeia a ansiedade que mexe com os aspectos emocionais.

Assim, a escolha do tema surgiu do campo de trabalho como professora/instrutora da educação do Estado de Sergipe/SEDUC, após acompanhar o processo de ensino aprendizagem de alunos (as) surdos (as), eles/elas sinalizavam para a inserção deles (as) no mercado de trabalho. De tal modo, suas angústias, medos e incertezas eram expressados em seus corpos, o que evidenciava uma preocupação sensorial com esse aspecto da vida. Desse modo, o ‘mundo inclusivo do surdo’ deve ser desvendado e captado a partir de um aprofundamento de suas práticas socioculturais. Pensando na descrição que fiz, a presente dissertação objetiva compreender os processos relacionais de trabalhadores surdos na empresa il Sordo Gelato em Aracaju/SE. Isso se articula com a trajetória empresarial de Breno Oliveira.

¹ Profissional capacitado por instituições reconhecidas que aperfeiçoa através de formação continuada profissionais do campo da educação surdos e ouvintes que se especializam para atuarem no ambiente educacional.

Desta forma, tracei um caminho metodológico que contribuiu com a aproximação com o objeto delimitado, seguindo os indícios de problematização do fazer etnográfico com pessoas surdas conforme destacado pela antropóloga surda Mello (2019) que sinalizou a importância da descrição e da aproximação com o universo estudado e da necessidade de olhar para os registros produzidos e elaborados sobre as ocorrências existentes em um determinado grupo. Nesse caminhar foi possível transitar em diferentes espaços que transcorreu: o estabelecimento, o espaço de moradia e de retorno dos trabalhadores, o ambiente de sociabilidade e os diferentes meios de comunicação (Facebook e Instagram) que buscavam destacar a marca e gerar a visibilidade do empreendimento. O que auxiliou a sentir os ritmos que atravessavam a vida das pessoas surdas em seu circuito para o trabalho. A entrada que realizei em diferentes contextos seguiu os passos de Magnani (2007) tentando deter suas experiências, escolhas e posicionamentos no exercício de suas atividades de trabalho, levando em consideração a formação das redes relacionais.

Lembrei-me, que na quarta-feira ensolarada de 11 de fevereiro de 2016 às 07:00 horas era lançada a chamada pelo jornal G1 SE, Sorveteria reúne equipe formada por deficientes auditivos (G1 SE, 2016). Estranhei a denominação de deficientes auditivos para fala dos trabalhadores surdos, gerando uma confusão nessas duas categorias por parte da cobertura midiática. Naquele momento, tive o primeiro contato com as informações sobre o estabelecimento que destacava a composição da equipe 100% surda. Nesse contexto, as categorias de: deficiente auditivo e de surdo, utilizadas na matéria jornalística, impulsionaram a observar o perfil dos funcionários e também a se aprofundar no cotidiano da organização, evidenciando-se como uma importante chave de análise.

Seguiu-se as ideias de José Guilherme Cantor Magnani, ao destacar a confusão existente entre estas duas categorias utilizadas no senso comum, sejam tomados como sinônimos ou como índices de grau, nessa circunstância salienta que elas compõem campos de reflexão, atuação e atitudes diferentes (MAGNANI, 2007). Visto que, tais categorias são interpretadas de diferentes formas na área das ciências da saúde, por exemplo, esta condição é predominantemente encarada como uma falta, “nas ciências humanas e sociais (Linguística, História, Antropologia, Pedagogia, Ciências Cognitivas e da Mente) a tendência é encará-la sob o ângulo de uma marca distintiva, geradora de

formas de comunicação, relações, valores, práticas e comportamentos específico” (MAGNANI, 2007, p.02).

Concomitantemente, o registro oportunizado, motivou-me a acompanhar a criação da empresa il Sordo, que desde 16 de outubro de 2015 já fazia chamadas ao público em sua página no Facebook e inaugurada em março de 2016 no bairro Coroa do Meio na cidade de Aracaju/SE. Se encontrava presente no dia alguns familiares, amigos, profissionais que trabalham com a temática, pessoas que ficaram curiosas com o empreendimento e a comunidade surda que foi prestigiar o espaço de sociabilidade e lazer. No decorrer da semana, foi possível perceber o fluxo de pessoas que transitavam no recinto que trazia à tona o debate da exclusão desse segmento no mercado de trabalho. Além disso, problematizam o sistema de cotas de pessoas surdas no processo de contratação, o que fez criar o primeiro estabelecimento, totalmente voltada à inclusão e permanência de pessoas surdas.

Naquela circunstância, o som foi o primeiro elemento que se revelou para mim, pude observar uma outra forma de se relacionar na sociedade, pessoas que viviam sem som, porém isso não impactava perceber que elas sentiam suas vibrações. Além disso, ao refletir sobre os sons, comecei a conjecturar como a etnografia poderia se dar de diferentes formas e maneiras, tocando em aspectos que compreendem o objeto delimitado. Inclusive tencionei os processos de subjetividade que envolve o universo de pesquisa, com a comunidade surda, que se diferencia das diretrizes do ver, ouvir e escrever, conforme já destacado por Roberto Cardoso de Oliveira, e se aproxima do exercício do sentir Luiz Gustavo Pereira de Souza Correia, José Guilherme Cantor Magnani e Anahi Guedes de Melo (CARDOSO DE OLIVEIRA 2006; CORREIA 2007; MAGNANI 2007; MELO, 2019).

Assim, algumas indagações emergiram: quando meu interlocutor não ouve, como se constitui essa relação? Ou quando preciso refinar meu olhar para ler seus processos de comunicação, como fica a escrita no caderno de campo? Observei que precisava treinar mais meu olhar para fazer uma leitura das comunicações corporais, que me levava a parar de escrever para não perder as cenas que se constituíam na interação com o grupo. De certa maneira, se modificaram as formas de coletar os dados no campo etnográfico na necessidade de estar atento aos movimentos de linguagem apresentados pelos meus informantes nas linhas Geertz (2008). As interrogações tecidas puderam

auxilia-me na problematização dos caminhos epistemológicos no âmbito da Antropologia, ao problematizar a arte da interpretação quanto à prática e treino de leitura dos diferentes contextos em que a antropóloga se debruça para a produção do saber (TYLER,1986; STRATHERN,2019).

Mediante ao exposto, é que se pode pensar na argumentação central da pesquisa que se refere às etapas do fazer etnográfico, perpassando seu deslocamento em campo, até a produção dos textos escritos. Mas também tornando-se necessário a problematização dos processos interpretativos que englobam as relações sujeito-objeto na pesquisa de campo e no próprio repensar do estilo etnográfico (CLIFFORD & MARCUS,1986; TYLER,1986; GEERTZ;2008; RESTREPO,2018). Para isso, se aproximei das reflexões que falam da contextualização das retóricas etnográficas, no fazer ciência que indagam as lógicas de poder que carregam os significados impostos na reorganização do mundo e na reformulação das diretrizes sociais estabelecidas no contato social (LEENHARDT,1971; RESTREPO,2018).

Nesse ínterim, caminhei também com Tyler (1986) visualizando que é necessário adentrar ao mundo da etimologia tanto do prefixo etno, como do sufixo -grafia para lembrar o fato de que a própria etnografia é contextualizada em sua essência por uma tecnologia de comunicação escrita e elaborada para estudar as diferentes realidades de comunidades dispersas nos contextos globais. Inclusive tais questões me ajudaram a estranhar o aparelho auditivo e fonador como modelo metodológico de produzir e registrar as experiências humanas, uma vez que as experiências com os trabalhadores surdos me deslocavam para o plano visual- espacial.

Nesse sentido, retornar para a ideia de etnografia que pode ser compreendida como um discurso superordenado, ao qual todos os outros discursos são relativizados e nos quais encontram seu sentido e justificação. Além de salientar que a superordenação da etnografia é consequência de sua "imperfeição". Com isso, Tyler (1986) destaca que mesmo que a Antropologia se auto aperfeiçoe a maneira do discurso científico e político, ela não é definida nem por uma atenção reflexiva às suas próprias regras, nem pela instrumentalidade performativa dessas regras. Portanto, salienta que a Antropologia não se define nem pela forma nem pela relação com um objeto externo, uma vez que ela não produz idealizações de forma e performance, nem uma realidade ficcional.

Com efeito, a Antropologia pode ser captada na evocação discursiva do mundo pós-moderno, pois o mundo que fez a ciência, e que a ciência fez, desapareceu, e o pensamento científico é agora um modo arcaico de consciência que sobrevive por um tempo ainda de forma degradada sem o contexto etnográfico que o criou e sustentou (TYLER,1986). Essa colocação possibilita a reflexão sobre o controle e manipulação da ciência que montou suas estratégias textuais - seu método, mediante a disjunção prévia e crítica da linguagem e do mundo. Em suas palavras resume que:

“tornou a percepção visual não mediada por conceitos a origem do conhecimento sobre o mundo, e fez da linguagem o meio pelo qual esse conhecimento apareceu nas descrições. A ciência dependia, em outras palavras, da adequação descritiva da linguagem como representação do mundo, mas, para passar da percepção individual à percepção acordada, também precisava de uma linguagem de adequação comunicativa que pudesse possibilitar o consenso na comunidade de cientistas. No final, a ciência falhou na comunicação porque não conseguiu conciliar as demandas concorrentes de representação e comunicação. Cada movimento para melhorar a representação ameaçava a comunicação e cada acordo na comunicação era o sinal de uma nova falha na representação (TYLER, 1986 p.123).

Em virtude disso, percebe-se que a ciência adotou um modelo de linguagem como uma forma de autoaperfeiçoamento de comunicação restrita que alcançou o fechamento, tornando a própria linguagem o objeto de descrição. Mas esse ciclo se fechou e foi comprado à custa da adequação descritiva. Quanto mais a linguagem se tornava seu próprio objeto, menos ela tinha a dizer sobre qualquer outra coisa. Em vista disso, Marilyn Strathern formulou uma crítica acerca das etapas da produção antropológica, adentrando nas entranhas que se encontravam abertas na Antropologia. Seu interesse estava no entendimento da relação do poder no fazer ciência e nos deslocamentos para essa produção, além de observar os paradigmas que orientam e validam tais saberes. Desta maneira, problematizou a ideia de distanciamento/proximidade e familiaridade/estranhamento tão utilizadas nas reflexões antropológicas e acionadas no debate da disciplina (STRATHERN,2019; RESTREPO,2018).

Nessa perspectiva, nos conduziu a pensar em outros aspectos a questão ética do fazer etnográfico, conforme destaca Restrepo (2018). Desta maneira, para quem as/os antropólogas (os/es) estão direcionando sua escrita? Qual a sua funcionalidade? A quem servirá esses conhecimentos? E como as relações são compartilhadas para a realização dessas investigações? Em suma, é interessante captar que a linguagem da ciência se

tornou o objeto do conhecimento, e o que havia começado como percepção não mediada por conceitos tornou-se concepção não mediada por percepções.

Esta reside sobretudo, na unidade de comunicação proporcionada pela linguagem, especificamente as escritas que substituíram a unidade de percepção de comunicação que a linguagem outrora criara (CLIFFORD & MARCUS,1986; GEERTZ;2008). Ademais, a linguagem como comunicação substituiu a linguagem como representação e, à medida que a ciência se comunicava cada vez melhor sobre si mesma, tinha cada vez menos a dizer sobre o mundo. Nessa perspectiva Tyler (1986) sinaliza que à medida que a ciência passou a ser pensada cada vez mais como um jogo, ela se distanciou das práxis e interrompeu a relação tida como certa entre teoria e prática.

Além de elucidar, que tipo de prática consistente poderia fluir de uma teoria inconstante que entendeu seu significado como um jogo em um jogo? Quanto menos a teoria fosse guiada e estimulada por uma relação reflexiva com a aplicação prática, menos poderia se justificar como fonte da prática. Ou seja, uma vez que o jogo infinito conduzia apenas ao conhecimento provisório, sempre sujeito a revisão em consequência das mudanças sustentadas por uma regra.

Outro exercício de pensar, analiticamente, a etnografia é como um texto denso cooperativamente que consiste em fragmentos de discurso destinados a evocar nas mentes do leitor e do escritor uma fantasia emergente de um mundo possível de realidade de senso comum e, assim, provocar uma integração estética e ética do fazer etnográfico (TYLER, 1986; GEERTZ,2008; RESTREPO, 2018). Destarte, esse movimento tenta recriar textualmente essa espiral de performance poética e ritual a partir do acionamento dos significados alegóricos através da ruptura com a realidade cotidiana.

Do mesmo modo, destaca-se os limites interpretativos desse novo fenômeno, com isso a etnografia não é um novo ponto de partida, não é outra ruptura na forma de discurso do tipo que se espera ser a norma da ênfase cientificista da estética modernista na novidade experimental, mas um retorno autoconsciente a algo anterior e noção mais poderosa do caráter ético de todo discurso (CLIFFORD & MARCUS,1986; TYLER,1986; RESTREPO, 2018). Nessa relação pontua que a etnografia privilegia o

"discurso" sobre o "texto", ao colocar o diálogo em primeiro lugar em oposição ao monólogo, enfatizando a natureza cooperativa e colaborativa da situação etnográfica em contraste com a ideologia do observador transcendental. Mediante ao exposto é que se abre uma possibilidade reflexiva de pensar em outras formas discursivas mediadas por linguagens corporais que pode ser traduzida de forma textual.

Porém, destaco a importância de estranhar a posicionalidade de métodos, em virtude de alguns pesquisadores exercerem o controle total sobre seu discurso e fazem os recortes que os interessam para suas interpretações (CLIFFORD & MARCUS;1986; TYLON,1986; RESTREPO, 2018; STRATHERN,2019). Aliás, se afastam das lições de Derrida, ao perderem a verdadeira importância do "discurso", que é "o outro como nós", pois o objetivo do discurso não é como fazer uma representação melhor, mas como evitar a representação. Nessas linhas de pensamento, observa-se que por ter um caráter participativo e emergente, a etnografia não pode ter uma forma predeterminada, pois em algum momento pode acontecer que os participantes decidam que a textualização em si é inadequada, como fizeram muitos informantes no passado, embora suas objeções, raramente fossem consideradas significativas em si mesmas, sendo tratadas como impedimentos ao texto monofônico.

Embora esse campo privilegie mais o discurso, ela não se situa exclusivamente na problemática de uma única tradição do discurso e busca, em particular, evitar se alicerçar nas categorias teóricas e de senso comum da tradição hegemônica ocidental (CLIFFORD & MARCUS,1986; TYLON 1986; STRATHERN,2019; KRENAK, 2019).

Não se pode esquecer das lições de Strathern (2019) ao explicar que a escrita etnográfica em vez de ser uma atividade derivada ou residual, como se pode pensar de um relatório ou reportagem, ela cria um segundo campo. Portanto, é na relação entre esses dois campos que pode ser descrita como "complexa", no sentido de que cada um deles constitui uma ordem de envolvimento que habita ou toca parcialmente, mas não abrange a outra.

Na verdade, cada um dos campos parece girar em sua própria órbita. Mediante a isso, cada ponto de envolvimento constitui, assim, um reposicionamento ou reordenação de elementos localizados em um campo, totalmente separado de atividade e observação.

E o sentido de perda ou de incompletude que acompanha isso, gera a compreensão de que nenhum deles jamais estará em conformidade com o outro, é uma experiência antropológica comum. Não se deve esquecer como as ciências produziram o pensamento ordenado que interferem nas subjetividades e na elaboração do texto etnográfico que não se reduz a definição de um objeto, mas sim é um meio, ou seja, um veículo meditativo para uma transcendência de tempo e lugar, destituindo-se de sua função representacional dos signos e se livrando das substituições impostas, modificadas no ato de transcender simultâneo.

Desta forma, seguindo a ideia de Tyler (1986) é que se pode captar a etnografia como um documento oculto, a partir da ideia de uma conjunção enigmática, paradoxal da realidade que evoca a simultaneidade construída na ideia de um realismo que pode ser fruto do que se denomina de pós modernidade ou seguir as ideias de uma modernidade tardia que nos atravessa na atualidade como destaca Hall (2014).

Destarte, este ponto notadamente marcante nesse recinto auxilia a perceber a necessidade do refinamento da pesquisa de campo que cada vez mais se especializa, uma vez que suas alterações podem direcionar o leitor a pensar acerca desse fazer, oferecendo um arcabouço para observar a totalidade dos aspectos da vida no âmbito social (RESTREPO, 2018; STRATHERN, 2019).

Além de alertar para um olhar mais crítico acerca dos processos metodológicos utilizados no estudo de uma determinada realidade social, o que de certa maneira auxilia no desenvolvimento do campo da Antropologia, ao suplantando as pesquisas anteriores em sua amplitude e profundidade, criando mecanismos que contribuem na apresentação de suas pesquisas de maneira mais precisa, sem perder a inconsistência da reflexão (CLIFFORD & MARCUS, 1986; STRATHERN, 2014; KRENAK, 2019).

A princípio, o caminho aqui trilhado parte em direção a um questionamento sobre o lugar ocupado dos saberes da Antropologia que se constituem como uma diretriz epistemológica que ao ser questionada pode desempenhar um papel crucial na reconceitualização teórica e na reconstrução da própria teoria social. Mas o propósito vai além desse campo heurístico. No contexto apresentado, os saberes etnográficos não constituem um fim em si mesmo, mas o meio de experimentar a vida, um ponto de partida reflexivo e de mediação empírica para o entendimento de fenômenos sociais

mais amplos, densos produzidos em diferentes contextos sociais lastreados no mundo contemporâneo (MARCUS, & FISHER, 1986; STRATHERN,2019).

Portanto, o movimento analítico, proposto até o momento, compõem parte da avaliação dos repertórios de análise do fazer etnográfico, observando os problemas emergidos *[na] [da] [sobre]* Antropologia, ou seja, o que se busca é um questionamento das produções intelectuais e da maneira que conduzem as pesquisas nesse universo. Esta sinalização, particularmente foram sendo realizadas nas trocas de saberes de diferentes disciplinas, o que permitiu produzir novas abordagens transdisciplinares, incluindo feminismo, desconstrução, estudos de cinema e mídia, estudos culturais críticos e estudos científicos e o esforço para reviver programas de estudos de área novas e ideias sobre como realizar comparações (MARCUS, & FISCHER, 1986).

Cabe destacar que muitos problemas teorizados em programas de maneira geral passaram a ter contextos muito concretos, exigindo novos métodos de investigação e estratégias de pesquisa. Sintetizadas em quatro questões que poderiam ser reavaliadas com utilidade na releitura da Antropologia como Crítica Cultural. Além disso, torna-se crucial enfatizar que o projeto da Antropologia não é mais, então, a simples descoberta de novos mundos e a tradução do exótico no familiar, ou a desfamiliarização do exótico ((MARCUS, & FISCHER, 1986; STRATHERN,2019).

Embora se chegue à ideia, que é cada vez mais a descoberta de mundos que não são familiares ou totalmente compreendidos por ninguém, e que todos estão em busca de quebra-cabeças. Por exemplo, tais projetos envolvem os efeitos locais dos processos de globalização, especialmente se desistirmos do pressuposto de que a modernidade e as forças históricas que agora a estão redefinindo geram resultados semelhantes em todos os lugares (MARCUS, & FISCHER, 1986). Além do mais, salienta que se deve estar atento que pode haver modernidades emergentes alternativas poderosas dentro da chamada globalização, exigindo uma leitura crítica do tempo das comunidades pouco conhecidas. Assim nos leva a pensar na nova suposição de trabalho da pesquisa crítica em andamento na Antropologia. De modo mais geral, observa-se os novos modos de escrever levantam outras questões de epistemologia, ao tocarem diretamente nas maneiras de pensar sobre a pesquisa e como o conhecimento emerge dela, e da persuasão retórica da etnografia como um modo de comunicação em regimes de representação concorrentes (OLIVEIRA JUNIOR,2021).

Dito isto, não se pode esquecer que o campo da Antropologia sustenta uma função tradicional, mesmo que opere explicitamente agora dentro da premissa crítica adicional, muito complicada de que muitos outros praticam variantes desta mesma função. Ainda, que esses, serão encontrados em qualquer arena contemporânea que se delimite para fazer um objeto de estudo etnográfico (OLIVEIRA JUNIOR, 2021).

É necessário perceber que a abertura das antropólogas em estabelecer novas formas de autoridade permite a reconfiguração da disciplina (MELLO, 2019). Essas formas dependerão da articulação de novas normas e ideais reguladores da prática etnográfica, em que a colaboração e o diálogo não sejam mais apenas teorias e sentimentos da escrita etnográfica nem a essência revelada do que são, mas se tornem o ponto de partida. Assim, a sensibilidade para observar os pontos para novas paisagens de pesquisa, agendas e relacionamentos estimulados pelos objetos de estudo, aparentemente novos, que aparecem nos processos relacionais na sociedade contemporânea.

Diante do exposto, a importância de fazer uma pesquisa sobre a inserção da comunidade surda no mercado de trabalho torna-se crucial, levando em consideração as mudanças ocorridas, a partir dos questionamentos e reivindicações produzidas na esfera social. Portanto, o eixo condutor desta proposta encontra-se balizada na seguinte indagação: como se constituiu os processos relacionais de trabalhadores surdos na empresa iL Sordo Gelato em Aracaju/SE? E como isso se encontra articulado com a trajetória empresarial de Breno Oliveira? Esse questionamento é um ponto central para entender esse universo. Ademais, ressalta-se que é através do trabalho que os surdos se inserem na vida social e na atividade econômica, exercendo um poder sobre o grupo ao assumir papéis que auxiliam na sua independência para viver, se colocar no mundo e criar mecanismo de sobrevivência.

No primeiro capítulo, **Os Sentidos da Deficiência na Antropologia – Compreensão do Fenômeno da Surdez** apresento a literatura que trata dos sentidos da deficiência na Antropologia, estabelecendo as conexões para a compreensão do fenômeno da surdez na contemporaneidade. Além disso, exponho os aspectos teóricos e metodológicos que nortearam a elaboração da dissertação. Neste ínterim, foi possível percorrer os debates científicos que têm inter cruzado as pesquisas e as interlocuções sobre a temática em foco ao tocar em questões que dialogam com as experiências,

narrativas e observações de antropólogas (es/os) em diferentes contextos sociais

No segundo capítulo, **Quando eu sou a empresa, e a empresa sou eu”: o Empreendimento Il Sordo e sua relação com a atuação profissional do empresário Breno Oliveira em Aracaju/SE** analiso a operacionalização do sistema organizacional da empresa iL Sordo em Aracaju/SE, e sua relação com a atuação profissional do empresário Breno Oliveira no gerenciamento deste recinto. É através desse espaço empresarial que, pode-se estabelecer um parâmetro de análise para a observação de um perfil social, dentro da população de Surdos, bem como no contexto o qual ele está sendo observado. A partir desse olhar antropológico acerca de um espaço de sociabilidade e lazer que foi possível traçar importantes questionamentos nesta pesquisa. Destarte, no fazer etnográfico realizado, percebi que a criação de sua empresa e trajetória empresarial, partiu da preocupação de ficar afastado do mercado de trabalho, como muitos, que conheceu, isso acabou sendo o elemento crucial para mudar a lógica alimentada e ao mesmo tempo potencializa e conduz um novo ramo por outros caminhos que não reforçasse a exclusão das pessoas surdas após término do ciclo de estudo.

No terceiro capítulo, **Percepções e Experiências dos Trabalhadores Surdos no iL Sordo Gelato Em Aracaju/SE**, compreendo as percepções e as experiências dos trabalhadores surdos no iL Sordo Gelato em Aracaju/SE. Para facilitar, faço um exercício de se aproximar das trajetórias profissionais dos trabalhadores surdos até chegar à empresa em foco e no segundo momento descrevo as experiências dos trabalhadores surdos nessa Gelateria. Segui nesse momento as orientações de Magnani (2019) pensando os circuitos dos trabalhadores mediante os seus trajetos, pedaços, mancha e pórtico que ampliam análise e abre a possibilidade de se aproximar dos modos de vida. Por isso, a aproximação que fiz neste estabelecimento potencializou o meu universo reflexivo, ao estranhar suas práticas, registrar, captar os sentidos e significados elaborados nessa espacialidade. Nesse sentido, as subjetividades dos trabalhadores surdos que tive contato me levava a captar diferentes sensações perpassando a ideia de dor e exclusão até a concepção de representação, satisfação e felicidade categorias analíticas acionadas o tempo todo em nossas interações para distinguir suas inserções no mundo do trabalho. Por fim, retomo os objetivos, ao os argumentos e aos resultados, buscando fazer uma análise a respeito do problema de pesquisa, bem como mostrar em que medida os objetivos foram de fato alcançados.

CAPÍTULO I

OS SENTIDOS DA DEFICIÊNCIA NA ANTROPOLOGIA – COMPREENSÃO DO FENÔMENO DA SURDEZ

As questões suscitadas neste capítulo caminham nas linhas interpretativas de Adriana Dias, Anahi Guedes de Mello, Debora Diniz que nos conduz a pensar e se aproximar das categorias analíticas de deficiência e ampliam para o campo investigativo da Surdez, levando em consideração o que ele sinaliza, os trânsitos entre ser, estar e se tornar, ou seja, o que se buscou fazer foi exercício de captar os seus sentidos nas pesquisas antropológicas, desde os debates travados para a sua formulação e emprego como categoria analítica (DINIZ 2007; MELLO, 2019; DIAS 2020). Portanto, o intuito foi apresentar as reflexões dos sentidos da deficiência na Antropologia, buscando uma aproximação para a compreensão do fenômeno da surdez na contemporaneidade. Além disso, buscou expor os aspectos teóricos e metodológicos que nortearam a elaboração da dissertação.

O debate firmado percorreu os aspectos teóricos que têm inter cruzado as pesquisas e as interlocuções sobre a temática da deficiência e da surdez na Antropologia ao tocar em questões que dialogam com as experiências, narrativas e observações de antropólogas (es/os) em diferentes realidades sociais. As dinâmicas que circundam esses objetos evidenciam o aperfeiçoamento no processo de análise de uma realidade que se materializa ao destacar as pluralidades existentes nesses terrenos analíticos.

Portanto, os atravessamentos que alteram as reflexões da deficiência e surdez estão permeados por relações de poder que fazem emergir a todo momento nossas reivindicações que são inseridas nas agendas do grupo, potencializando as interfaces indutivas (OLIVEIRA JUNIOR, 2020). Além disso, os saberes produzidos no campo da Antropologia interrogam e questionam a hegemonia dos saberes médicos e sua influência durante muito tempo na forma de pensar, classificar e normatizar os sujeitos nas pesquisas sociais, inclusive persiste na atualidade seus resquícios preeminentes que acabam reforçando os processos de separação, diferenciação e exclusão (OLIVEIRA JUNIOR, 2020).

Desta maneira, foi necessário observar como antropólogas (os/es) buscaram

outros redimensionamentos reflexivos através de outras chaves de acesso que auxiliassem a acessar as experiências do grupo em suas múltiplas maneiras de existir captadas nas movimentações reveladas pelas propriedades investigativas que gerou transformações no interior da disciplina.

1.1. Os sentidos da deficiência na Antropologia

As antropólogas e antropólogos (es) cada vez mais ampliam seu campo de atuação e interrogam a maneira que se posicionam e elaboram suas reflexões acerca dos fenômenos sociais que se dedicam a inquirir e uma delas perpassam a construção do sentido da deficiência na Antropologia (DINIZ, 2007; MELO, 2019; DIAS, 2020). Assim, toda esta movimentação nas propriedades investigativas, vem provocando mudanças no interior da disciplina. Impulsionando-se a constituição de uma perspectiva crítica, disruptiva e densa no fazer antropológico, em direções que buscam elaborar sistemas de análises nos quais os conceitos se alteram a todo tempo, em uma perspectiva teórica e técnica, até a reformulação das atitudes éticas e metodológicas de pensar a produção do saber e de entender a posicionalidade das pesquisadoras (es) com ou sem deficiência.

Acercar-se desse exercício foi que me aproximei da indagação de Charles Gardou que nos leva a refletir, em que a Antropologia pode ajudar a pensar a questão da deficiência? De fato, seu argumento nos direciona para a questão do encontro com o outro em situação de deficiência e como esses processos de classificação e diferenciação oportunizam estranhar as singularidades estabelecidas que norteiam os padrões universais de reconhecimento da humanidade. Em certa medida, nos orienta que a “deficiência funciona como significante social, encarnando a nossa difícil relação com os outros” (GARDOU, 2006, p.1).

No entanto, como nos sinaliza Debora Diniz, a deficiência deve ser entendida em sua complexidade, que reconhece os corpos com lesões, mas que também denuncia as estruturas que produzem seus sentidos e significados dentro da esfera social (DINIZ, 2007). Antes de mais nada, uma colocação é certa, que a Antropologia ocupa, sem contestação, um lugar privilegiado para lembrar que a deficiência constitui uma poderosa mensagem de alerta para a vida das sociedades como para o funcionamento dos seus dispositivos ou sistemas sociais operantes (PICOLLO, 2022).

Assim, torna-se notório que o desdobramento dos estudos vinculados às Ciências Sociais e Humanas compreenderam na deficiência uma importante categoria analítica para a compreensão dos processos relacionais da humanidade. Mediante ao exposto, percebe-se que é necessário ressaltar que a postura antropológica convida a estabelecer as bases, “sem o qual todo o estudo comparativo, tendo em conta o social e o educativo das situações de deficiência, pode parecer desencarnado” (GARDOU, 2006, p.1). Cabe ainda ressaltar nas linhas de Charles Gardou que através de sua gênese de fundação que se pode compreender os contributos da Antropologia para a compreensão das situações de deficiência. Com efeito, este campo investigativo fez da identidade e da alteridade a sua problemática central (GARDOU, 2006).

É bem verdade que, até certo ponto, a Antropologia vem fornecendo um contexto teórico para o estudo da deficiência como se percebe nas ponderações de Allison Ruby Reid-Cunningham, em seu texto *Teoria Antropológica da deficiência* (REID-CUNNINGHAM, 2009). A esse respeito, discorre que a Antropologia social e cultural e a considerada Antropologia médica enriqueceram nossa compreensão da deficiência no cenário norte americano que chegaram a outros contextos investigativos. Em suma, as interpretações antropológicas da deficiência apresentam conceitos de "o outro", desvio e estigma que podem expandir nossas interpretações do comportamento humano no ambiente social, que se aproxima do debate de Goffman (1963/2004). O que produz múltiplas interpretações sobre os fenômenos que permeiam o debate da deficiência, ao mesmo tempo fluida, descentralizada e plural.

Ao tentar localizar dentro da Antropologia o tema da deficiência, Reid-Cunningham (2009) coloca como marco as pesquisas produzidas pela corrente norte americana, especificamente através do estudo intitulado *Antropologia e o anormal*, da antropóloga surda Ruth Benedict, em 1934 sendo uma das primeiras ponderações da deficiência no universo antropológico, ao tecer uma reflexão seminal de concepções transculturais de epilepsia, trazendo uma explicação interpretativa que procurava se afastar, em princípio de uma análise meramente patológica e concentra-se na apreensão dos significados que pode receber em um determinado espaço. Seguindo diretrizes parecidas, em 1948 Jane e Lucien Hanks produziram um estudo intercultural, ao tocar nos fatores que influenciam o status das pessoas com deficiência em uma variedade cultural, fazendo parte de seu recorte populações nativas: americanas, asiáticas,

africanas e do pacífico.

Nas palavras de Gustavo Martins Piccolo os textos de Ruth Benedict e Jane e Lucien Hanks “não estruturaram o campo dos estudos antropológicos da deficiência, pois tinham como foco outras relações” (PICCOLO, 2022, p. 109). Reid-Cunningham (2009) nos sinaliza que em 1950, Margaret Mead, aluna de Ruth Benedict e influente antropóloga, fez comentários públicos que incluíam pessoas com deficiência no reino dos americanos ditos "normais". Desta maneira, Mead chamava a atenção para que o estudo do caráter nacional nos Estados Unidos possibilitasse a inclusão de todos os tipos de americanos, tentando construir o respeito em uma sociedade dinamicamente diversa. Considera-se que foi a primeira proposição significativa pública de que as pessoas com deficiência precisavam ser incluídas na investigação antropológica para compreender plenamente a constituição e heterogeneidade da natureza humana.

Como visto, a pauta do debate da deficiência entrava nos exercícios reflexivos no universo da Antropologia que buscava cada vez mais se aproximar dessas experiências. Interessante ressaltar que dez anos depois, especificamente, nos meandros de 1960 é que a pauta da deficiência se consolida como um instrumento de luta expressadas nas manifestações e reivindicações políticas pela elaboração e efetivação de direitos que se estabelecia através das contestações da ordem vigente.

Sobre este percurso Reid- Cunningham (2009) e Piccolo (2022) destaca que esse movimento pelos direitos da deficiência e do modelo de vida independente nas décadas de 1960 e 1970 trouxe a deficiência para o primeiro plano da atenção nacional e despertou o interesse de antropólogos médicos e culturais, destaca-se o ensaio *The Cloack of Competence ; Stigma in the Lives of the Mentally Retarded* de Robert B. Edgerton em 1967 que de forma minuciosa mapeou o cotidiano de pessoas com deficiência cognitiva previamente institucionalizadas. Oportunizando que seus interlocutores falassem sobre si, seus medos e suas esperanças. Para isso, se concentrou no papel do estigma em suas vidas e seus esforços para passar como normal, bem como a necessidade que eles tinham de se colocar dentro da sociedade. Percebeu que à medida que envelheceram, aumentavam sua competência social, satisfação com a vida, independência e capacidade de contribuir para a vida dos outros (EDGERTON, 1967).

Ressalto que a empreitada de Edgerton (1967) no campo da Antropologia

proporcionou não apenas examinar as pessoas com deficiências cognitivas, mas a dar-lhes sua própria voz, para permitir-lhes a oportunidade de expressar suas percepções sobre os desafios que enfrentaram na adaptação à sociedade e à vida da cidade, especialmente a sua existência além das instituições às quais estavam anteriormente confinados. Nesse sentido, buscou registrar e descrever as experiências, suas lutas para ganhar a vida, sexo e sua relação interativa familiar, hobbies, além de sua autopercepção e perspectiva para o presente e o futuro.

Observa-se, portanto, que o termo estabelecido “manto de competência” em referência ao fato de que havia muito pouco para indicar qualquer excepcionalidade, ou seja, utilizou o termo em foco nas linhas do Drº Edgar para se referir à capacidade de um indivíduo de realizar atividades da vida diária e a disposição de fazer parte da comunidade em geral. De maneira semelhante pregou o termo para se referir à *tentativa* de alguém de fazê-lo ou tentar se encaixar dentro de uma estrutura da normalidade (EDGERTON, 1967).

Para isso, considerou três aspectos cruciais para o entendimento da vida das pessoas com deficiências cognitivas: primeiro a necessidade de ganhar a vida, segundo de gerenciar o sexo e o casamento e terceiro de aproveitar ao máximo o tempo de lazer. O que ele intitulou de "Passando e Negando: O Problema de Parecer Normal", neste momento que os temas do manto da competência emergem para tratar da relação ao estigma de ter uma deficiência cognitiva (EDGERTON, 1967).

Outro ângulo a examinar no desenvolvimento de um campo reflexivo na Antropologia é o que diz respeito à articulação política e a necessidade de apreender o máximo do universo de atuação desses diferentes grupos, que reivindicam seus direitos e trazem para cena seus estilos de vida, pautada na existência de suas comunidades. Tudo isso, exigiu refletir um pouco mais sobre a pluralidade da categoria deficiência no entendimento dos fenômenos socioculturais (CERVINKOVA, 1996).

Em outras palavras, as mudanças significativas ocorreram após a década de 1970 com o nascimento do campo dos estudos da deficiência, momento em que se constituiu o campo das reflexões em diferentes áreas, inclusive no debate antropológico. Neste aspecto, somava-se a isso, a necessidade de se aproximar das experiências, que levou as pesquisadoras (es) a estranhar e investigar sobre a conceituação social da

deficiência formuladas através da ótica da Antropologia (CERVINKOVA, 1996).

Por sua vez, Cervinkova (1996), percebeu que o que se conjecturou foi a formação e o apoio ao modelo de vida independente, assim como a consolidação das estruturas sociais que alimentam o que se entende como deficiência. A partir desta contestação, enfatizou que nesse momento, o conceito de estigma do sociólogo Erving Goffman, fornecia as bases para a próxima fase do estudo antropológico da deficiência. Tais princípios norteadores de uma leitura social sobre o funcionamento e uso da categoria deficiência nas ciências sociais e humanas coincide com a problematização das subjetividades, assim como as identidades estigmatizadas da diferença presentes no interior dos processos relacionais (GOFFMAN, 1963/2004).

Portanto Goffman (1963/2004) salienta que não é necessário olhar apenas para o que se considera diferente, na busca da compreensão do que se construiu como a diferença, mas sim capturar o que foi produzido ou considerado o comum. Diante desse movimento, que se pode dizer que nos respectivos contextos nacionais e internacionais de produção de práticas e atitudes que se forjam os modelos da diferença. Desta forma, é necessário notar os percursos de legitimação, inserção e validação de posicionalidades no jogo do se fazer existir, ainda mais na captura daqueles que define quem pode ser considerado o humano.

Por outro lado, com efeito, muitas das respostas dadas pelas antropólogas (os) e (es), que nestes tecidos de conversão estão sendo vinculadas para estruturar a categoria deficiência, que se encontra atreladas a atitudes produzidas na indiferença do outro, como uma matriz estigmatizante, que opera como elemento desestabilizadores dos processos de reconhecimento, legitimação e validação de sua humanidade como nos alerta Goffman (1988).

Considerando a contribuição das antropólogas (os) e (es) que a reedição de antigos impasses, junto com os novos empecilhos na compreensão do fenômeno da deficiência, se atrela com outros movimentos acadêmicos e não acadêmicos, com o sem um estatuto de cientificidade que acaba sendo negociado o tempo todo, ao modificar as bases de se posicionar, e realizar uma leitura crítica em seu exercício etnográfico. Neste tecido de conversações muda constantemente as objetividades dos conhecimentos científicos elaborados nesse universo, o posicionamento do olhar das relações que se

busca se aproximar e capturar, a importância dos cenários de produção destes saberes e a forma em que nos percebemos em relação ao objeto e os sujeitos de estudos selecionados.

Todas estas questões já estão sendo elaboradas em termos de uma transformação do debate da deficiência e suas múltiplas formas subjetivas de se revelar nos contextos sociais.

Embora, seja um consenso que a produção acadêmica que toca na temática da deficiência no campo da Antropologia ainda não seja tão expressiva tanto no âmbito global e local, mesmo que se possa elucidar a proliferação de estudos sobre deficiência nos EUA e no Reino Unido nas últimas três décadas, com isso percebe-se que ao longo do tempo o debate vem ganhando consistência ao entrar em diferentes caminhos que auxilia acessar os ciclos de vida da pessoa com deficiência (STAPLES & MEHROTRA, 2016). Sem dúvida o interesse ao fenômeno da deficiência parte do envolvimento inevitável da sociedade no aprofundamento e na emergência dos debates proferidos nessa agenda.

Neste ponto, percebe-se que a noção de deficiência acaba sendo um conceito que se encontra em constante disputa, no jogo dos processos de reconhecimento e diferenciação e engloba uns conjuntos de práticas e diversidades de experiências das pessoas com deficiência de forma relacional com aqueles que não se configura nesse arquétipo (DIAS *et.al*,2016). O que significar dizer que a constituição da diferença estigmatizadas da deficiência, acaba sendo determinada por uma lógica que define o que é normal e os considerados fora dessas diretrizes, ou seja, tudo isso acaba a adentrar nas relações que envolvem valores, cultura e são construídas, aprendidas e ensinadas socialmente na esfera social.

Além disso, antropólogas (os) e (es) evidenciam que ainda persiste uma tendência de se separar esses processos de reconhecimento da diferença dos aspectos ideológicos que servem para orientar uma outra maneira de captar o sentido da vida. A constatação vem levando as pesquisadoras (es) compreender o modo que as representações que os indivíduos elaboram de si não se desarticulam de seus processos de identificação. Para isso, se propõem a florar a sensibilidade para se aproximar e afastar desses aspectos que emergem no fazer etnográfico. Com isso, percebe-se a

necessidade de captar as particularidades existentes no debate da deficiência estabelecidas na construção social que decorre, entre outros motivos, do modo como o mundo foi sendo configurado e lhe foi apresentado nas relações que travam e de como são identificados e reconhecidos dentro e fora do grupo.

Por essa razão, que se pode pensar nos dispositivos da diferença entre as pessoas, a partir não só das questões classes, raça, sexo, como também, a deficiência, ou poderia dizer que ela pode se interseccionar na soma de um, ou outro demarcador social, que reconhecidos produz a desigualdade e com isto, marca, rotula, estigmatiza, além de destina-lo os lugares e os papéis. Emerge, conseqüentemente, no interior da discussão a necessidade de pensar: (1) as atitudes nos jogos do reconhecimento de seus deveres; (2) os processos de emancipação/igualdade; (3) as múltiplas identidades e (4) a reivindicação de sua inserção e permanência nas estruturas sociais. São pontos que insurgem na análise desse fenômeno e que norteiam a necessidade de captar as expectativas que descortinam questões até então despercebidas que passaram a ser vistas como pautas levantadas pelos atores e atrizes sociais envolvidos em suas respectivas realidades.

A circunstância enseja que se apreenda, deste modo, os movimentos que nas palavras de Dias (2007) percebam a deficiência como trânsito, parece assim que sua formulação passa pela construção de categorias analíticas que estão em disputas pela terminologia adequada, disso resulta as alterações constantemente entre os registros provenientes de um exercício que se denomina êmico e analítico. Assim, quando levanta um questionamento “[...] e a quem cabe escolher a escolha do termo adequado? Certamente a Antropologia nos convida a pensar que é dos contextos que emergem a resposta. Na verdade, não exatamente dos contextos, mas da etnografia” (LOPES, 2019, p.68). Parece assim que se:

[...] etnografia traz consigo categorias analíticas, além daquelas êmicas que se encontra no contexto de pesquisa, sugiro que a deficiência pode ser experimentada como uma categoria analítica, um termo do qual podemos até devemos lançar mão nas nossas descrições das paisagens sociais que pesquisamos (LOPES, 2019, p.68).

Após as observações feitas, acompanhando algumas trajetórias e fundamentada no debate teórico, que trata da noção de deficiência é que Dias (2007) e na mesma

esteira Lopes (2019), propõe um diálogo que, “a sua incorporação em nosso repertório cultural, nos leva a projetar para a natureza determinados corpos (interpretados como “normais”, “capazes”, “perfeitos”) e marcar outros como “desviantes” e “disfuncionais”. Compreendo que uma análise crítica nos conduz a pensar a deficiência em termo de sistema classificatório, como marcador social da diferença, o que experimentei nomear como algo universal” (LOPES, 2019, p. 85). Mesmo que reconheça que o campo reflexivo da deficiência carregue uma dinamicidade e os atores e atrizes sociais mudem constantemente, visto abarcar diferentes peculiaridades desse fenômeno.

Na provocação das antropólogas Anahí Guedes de Mello, Valéria Aydos, Patrice Schuch (2022) em seu texto intitulado *Aleijar as antropologias a partir das mediações da deficiência*, há um exercício crítico e provocativo para pensar os nortes das pesquisas antropológicas na área da deficiência, as ponderações lançadas demonstraram que são vários os trânsitos teórico-epistemológicos e temáticos que têm feito esse campo crescente no Brasil. Sinalizam que os estudos dialogam mais diretamente com os disability studies, ao deter a realidade a partir, ou através dos “modelos sociais” da deficiência.

Assim, Mello, Aydos & Schuch (2022) identificaram que as (os) pesquisadoras (es) ampliaram seus campos de investigação e atualizaram o percurso de seus objetos de análise (raça e eugenia, gênero e orientação sexual, doenças raras e crônicas) foram, aos poucos, se aproximando da temática, tornando a Antropologia da deficiência, hoje, em um rico espaço de diálogo e intersecção com várias áreas disciplinares. Com efeito, compreenderam, sequencialmente, que as pesquisas no âmbito da Antropologia vêm percorrendo diferentes circulações que enriqueceram a maneira como se conduz e percebe o fenômeno da deficiência na contemporaneidade e um deles vem se firmando com a inserção de atrizes e atores sociais com deficiência no campo profissional e nos debates realizados no interior da disciplina.

Deste modo, o antropólogo com deficiência Murphy (1987) ressalta que as práticas de significação e de ordenamento do mundo em que se insere a pessoa com deficiência acaba sendo algo enraizado no sentido dos múltiplos eus corporais que acionam diferentes repertórios operacionalizando a significação que trazem imanente à sua realização estratégias de (poder, solidariedade, aliança, controle, inclusão e

exclusão). Nessa linha, evidencia o fenômeno da deficiência como algo culturalmente criado e definido, necessitando constantemente ser revisitado, levando em consideração as pessoas como as deficiências criam suas estratégias no interior da cultura.

Em virtude disso, alerta que não se pode negar como os processos culturais atribuem significados às pessoas com deficiência em suas atividades rituais, que deve auxiliar a perceber o compromisso ético que as pesquisadoras (es) necessitam possuir para a concretização de uma ciência que garanta o respeito da condição humana na adversidade. Um dos pontos cruciais de Murphy (1987) foi o seu fascínio de investigação, que partiu do interesse de se aprofundar no conflito entre a necessidade de nos integrar e de ser autônomo (seja pessoa com deficiência ou sem). Tudo isso, se intercrusa a sua própria experiência de uma doença debilitante progressiva que forneceu-lhe importantes insights para sua interpretação da forma e maneira em que as pessoas se afastam, aproximam ou vivenciam a deficiência.

Ao tentar costurar as relações das experiências das pessoas com deficiência, Murphy (1987) pode captar o jogo operante que restringe a partir do corpo e das circunstâncias sua capacidade de alcançar autonomia, independência e confiança, tanto vislumbrado nos valores da sociedade americana. As leituras produzidas caminharam na interpretação pela via do desvio percebido dos corpos deficientes e por outro lado, verificou que a compreensão dessa realidade poderia se aproximar de uma concepção de estigma e marginalização, mesmo tecendo críticas ao modelo reflexivo lançado por Goffman, visto por ele, como algo simplista para apreensão do fenômeno, porém não abrindo mão desta categoria de análise que corrobora para as alterações do fazer antropológico.

Nessa seara, como movimento de mudança analítica a antropóloga com deficiência Adriana Dias (2020) e Lopes convidam para que se coloque nas agendas a deficiência na cabeça para fazer Antropologia. A expressão “cabeça” foi utilizada por Lopes como uma metonímia, não como metáfora. Nesse sentido, faz alusão ao corpo como sujeito e não metaforiza o intelecto. Em outros termos, apresenta a [...] “deficiência como uma questão sociológica fundamental”, ao [...] enquadrar como um problema central para a perspectiva antropológica, de estabelecer intencionalmente trocas com pessoas com deficiência” (LOPES, 2022, p. 300). Portanto, sinaliza que:

[...] Pensar com deficiência retorce provocativa e severamente nossos repertórios imaginativos, nossas suposições acerca do que pode e do que não pode um corpo, nossas compreensões sobre o que é ser sujeito, nossas linguagens sobre igualdade, diferença e hierarquia, nossos horizontes de desejo, nossos horizontes políticos, nossas compreensões de moralidade, nossas compreensões do que é bom, do que é íntegro, do que é completo, do que é humano, do que é compartilhado ou universal (LOPES, 2022, p. 299).

Para prevenir um mal-entendido, Lopes (2022, p. 299) destaca que para se compreender o fenômeno da deficiência|:

Não se trata de imaginar deficiência em seu próprio corpo, caso não se tenha deficiência – embora esse seja um horizonte corporal inescapável para quem vive por muito tempo, venha por acidentes ou atrelado ao adoecimento, venha pelo envelhecimento. Também não se trata de “se colocar no lugar do outro”. Longe disso. “Sujeitos” e “lugares” são a mesma coisa numa perspectiva socioantropológica. Se “alguém” “se coloca” no “lugar” “do outro”, esse “alguém” já não é mais “o mesmo”, pois navegar por lugares sociais não é algo que façamos com o pensamento, mas com o corpo todo.

Paralelamente, a impressão imediata destacada por Dias (2020) é que nesse movimento indutivo não se deve esquecer de apreende: causas, multiplicidades, especificidades, efeitos, representações e ramificações que estão tecidos no universo simbólico de cada grupo social e como cada contexto auxilia a pensar sua própria resposta à deficiência e às pessoas com deficiência. Em suas palavras alicerça, o pressuposto para compreender a questão da deficiência como categoria crucial que é constantemente redefinida, como os debates de: gênero, orientação sexual, raça.

Dias (2020) salienta que para dar conta deste aspecto, deve-se compreender que as experiências da deficiência são constitutivas do indivíduo. Consequentemente, a volatilidade com que o campo social descreve a deficiência é extensa, de tal modo, chega à conclusão que geralmente as respostas capacitistas às necessidades das pessoas com deficiências têm oscilado entre a caridade piedosa, por um lado, e o assistencialismo por outro, exilando a possibilidade de sua inscrição cidadã.

Do ponto de vista da coerência interna do campo, essa exclusão da cidadania deveria obrigar as humanidades a pensar a deficiência em relação a uma série de temas seminais como acesso e participação, políticas públicas, exclusão e inclusão, direitos e obrigações, governança, democracia e legitimidades, liberdade e igualdade, público e

privado, marginalização e pertença, reconhecimento social e redistribuição de recursos, estrutura e agência, entre outras questões que podem ser levantadas para além de um processo dicotômico (DIAS, 2020) . O que se entender que ao:

[...] contrário no léxico a deficiência (e suas relações) tem servido para marcar, definir “os incapazes”, ora para descrever “os especiais”, ora para apontar “os que se superam”, ora serve a uma imensa miríade de outras fixações, como metáforas que contemplem às formas consideradas menos humanas da humanidade (“justiça aleijada”), seja como termos para definir inimigos, adversários ou entes a caricaturar (“departamento autista”, “se fazendo de ‘surdo’”), ou para representar a alteridade radical, distante e talvez até morta socialmente [...] engajamento “retardado”, “casamento em estado vegetativo”[...] (DIAS,2020, p. 166) .

Destarte, Dias (2020) ressalta que a complexidade do fenômeno da deficiência seja perpetuada, quando se declara como um estigma ou assumida politicamente como uma identidade. Esta sinalização é digna de reflexão que a deficiência acaba sendo um vocábulo que expressa, ainda, uma “comunidade imaginada”, uma “realidade”, uma experiência. Reconhece que no espaço acadêmico “ quase sempre foi tratada de modo esquivo e fugidio, traduzindo, portanto, o trato desdenhoso e rude recebido a vida social, a experiência da deficiência é, ao contrário, sempre muito vívida e cotidiana para os que dela compartilham” (DIAS, 2020, p. 168).

Nesta direção aproximo da tese do antropólogo Luiz Gustavo Pereira de Souza Correia, intitulada “*A pupila dos cegos é seu corpo inteiro*”: *compreendendo as sensibilidades de indivíduos cegos através das suas tessituras narrativas*, em que aguça a nossa sensibilidade de captar as dinâmicas do jogo social em que a deficiência como conceito se apresenta revestida da autoridade e do poder instituído através do discurso biomédico (CORREIA, 2007). Desta forma, destaca a importância de estranhar a lógica dominante que tem como contraponto torna-se um exercício necessário para inquirir sobre as narrativas e reflexões individuais das pessoas com deficiência.

Interessante que Correia (2007) ao compreender as vivências dos processos simbólicos e as interpretações pessoais sobre a perda da visão via narrativas de indivíduos cegos de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, destaca que foi possível se aproximar das temporalidades diversas entrelaçadas nas memórias dos atores e atrizes sociais e recompostas nas suas narrativas, tendo como conjecturas experiência dos

ritmos, das discontinuidades, dos movimentos e das possibilidades de articulação próprias negociadas o tempo todo mediante às trocas intersubjetivas vividas na cidade. Além do mais, sinaliza que ao acessar o universo das emoções permitiu aflorar as percepções que se encontram atreladas às narrativas intersubjetivas produzidas na vivência da cegueira, como possibilidade constituídas nas experiências subjetivas do corpo em seu engajamento ou enraizamento nas práticas sociais.

Ademais, as lentes etnográficas continuam a fornecer perspectivas relevantes no debate acerca da deficiência e tem fornecido alguns insights para a mudança no interior da disciplina. Além de elucidar a necessidade de se aproximação de pesquisadoras (es) com deficiência, como foi o caso do antropólogo Murphy que acaba não sendo evidenciado na literatura clássica. Nesse sentido, seguindo as ideias do autor torna-se um ponto forte a incorporação de pesquisadoras (es) com deficiência que contribuem ampliar as bases reflexivas da Antropologia, ao criar outros rumos investigativos que interrogam os saberes vigentes e os repertórios canônicos firmados.

Interessante observar que ao se aperfeiçoar a discussão da deficiência na Antropologia que engloba diferentes atores e atrizes sociais com deficiência emergiram outros posicionamentos no fazer etnográfico, ampliando as formas de identificação e reconhecimento, surgindo assim, diferentes reflexões e uma delas foi o fenômeno da surdez.

1.2 Reflexões sobre o fenômeno da Surdez no Campo da Antropologia

A temática da Surdez aqui proposta alinha-se a um segmento do pensamento antropológico, que envolve nas palavras do antropólogo norte americano James Spradley muito mais do que o campo sensorial auditivo, ela é uma condição sociocultural das diferentes sociedades (SPRADLEY & SPRADLEY, 1987). Nesse contexto, Maria Claudia Lara da Costa, nos sinaliza da importância de entender as experiências dos surdos no plural, compreendendo os usos dos corpos e os recursos expressivos que se aproximam do debate antropológico da surdez nesse campo do saber, ou seja, tal fenômeno vem sendo alvo recente das inquirições enquanto condição social (COSTA, 2010).

Porém, na prática, o campo investigativo da surdez se fortaleceu como objeto quando passou pela análise primeira de sua condição oposta na sociedade que decorre o

ouvir e a oralidade, ou nas palavras de Costa (2010) se produziu a auralidade que é a condição do que é captado ou percebido pelo campo auditivo, nisso se enquadra estímulos, percepções, impactos e os ruídos aurais. Diante disso, se aproximar de “tais fenômenos permite entender quais possibilidades a sociedade extrai dos sentidos humanos, e em que medida eles podem ser “eleitos” e estabelecidos como referenciais de dependência e/ou inclusão” (COSTA, 2010, p.24).

Além do mais, a leitura social permite apreender que cada um dos sentidos (visão, audição, paladar, tato e olfato) pode ser mais plural e culturalmente determinado do que se pensa (COSTA,2010). Como efeito é que se pode estranhar a formação do modelo de surdez que durante muito tempo acabou sendo norteado por parâmetros médicos que neutralizam as experiências sociais desses atores e atrizes sociais em suas respectivas realidades, conforme destaca Mello (2006).

Apesar do embate considerado, o antropólogo César Augusto de Assis Silva, nos conduz a perceber como as reflexões do campo da Antropologia foram sendo incorporadas nas pautas sociais e ao mesmo tempo utilizadas como elemento para se opor o que se convencionou chamar de a surdez no modelo médico para uma interpretação da surdez no modelo sócio antropológico que possibilitou ampliar o campo analítico dos discursos normativos que existe (SILVA, 2011).

Mediante ao exposto, a antropóloga Suzy Kelly Barbosa Lisboa, complementa que a excessiva ênfase em explicar o mundo da pessoa surda se insere na reflexão do entendimento da patologização através das práticas diagnosticadas, que acaba sendo o instrumento legitimador da surdez, que constitui um marcador que valida a diferença entre os que escutam e não escutam (LISBOA,2022). Nesse sentido, o processo de diferenciação torna-se evidente pela fixação e reconhecimento do sujeito surdo pelo viés institucionalizado. Percebo isso, no cenário brasileiro, através das vias jurídicas, que pode ser sintetizada com o decreto 5.296/2004 que define 41dB ou mais, bilateral que norteia o reconhecimento da surdez, assim define os possíveis critérios para elaboração de distintas formas de tratamento e atendimento que perpassa diferentes profissionais através dos distintos campos do saber (Pedagogia, psicologia, Fonoaudiologia, Medicina, Serviço social).

A princípio, a categoria surdo foi acionada para legitimar e nomear um

determinado grupo identificados por múltiplos agentes que reconhecem os processos em que performatizam a sua existência (SILVA, 2011). Por isso, Silva destaca que apesar de atualmente estar bastante naturalizada, o uso que se faz dela, indica um grupo que possui língua, cultura e história particulares inventadas e imaginadas na contemporaneidade. Deste modo, complementa que,

Assim, visa-se explicitar como a categoria surda emergiu para fazer referência a um grupo falante de uma língua de sinais que recebeu, em um processo histórico, o nome de língua brasileira de sinais (libras). Tal grupo, não raro, passou a ser referido também, por religiosos, intelectuais e ativistas políticos como sendo a comunidade surda, ou mesmo o povo surdo, grupo este com uma história particular, bem como uma cultura específica, a denominada cultura surda (SILVA, 2011, p. 16).

Mesmo assim, antropóloga Surda Mello, nos orienta para não cair na cilada da diferença da surdez por apenas uma ótica, sem levar em consideração a sua dinamicidade, para isso, é necessário está atento para os dilemas e os riscos de eleger a atenção social nas intervenções legais. Com isso, se revela que “na exata medida em que as políticas públicas para área da deficiência auditiva colocam em confronto entre si surdos oralizados e surdos não oralizados” (MELLO, 2009, p. 68-69). A multiplicidade da diferença a todo tempo surge no interior do fenômeno, demonstrando a sua complexidade de ser surdas (os) e (es), seguindo as ideias de Pierucci (1998) e Bueno (1998) e Mello (2019).

Nesta perspectiva, “há os “surdos sinalizados/sinalizantes”, os “surdos oralizados”, os “surdos implantados”, os “surdos bilíngues”, os “deficientes auditivos”, os “ensurdecidos” (MELLO, 2019, p.71). A dinamicidade do fenômeno da surdez oportuniza a antropóloga (o) e (es) a rastrear diferentes camadas da vida social e entender as definições estabelecidas e compartilhadas em seus contextos. Em relação a essa concepção, a estrutura social corponormativa necessita levar em conta as singularidades da surdez, ao dar-lhe condições e espaços de interlocução e de produção de conhecimentos para que possa se manifestar e se desenvolver. Nesse ínterim, observar as aproximações e os afastamentos das pessoas surdas ao mundo ouvinte e surdo.

As interfaces investigativas de Mello (2019) permitem reconhecer que as formas de percepção de mundo por meio da surdez produz outros repertórios de existência,

sendo um importante fator interveniente para o acesso à informação e à comunicação, mesmo assim, constata que a forma relacional entre ouvinte-surdo não deixa de ser uma relação maioria-minoria, em que a desigualdade se faz evidente também pela via da comunicação e capacidade de ouvir, ou seja, se percebe um “privilégio auditivo” ou audismo contra pessoas surdas que para a autora, pode ser definido como um sistema de vantagem social e de opressão com base na capacidade auditiva.

Em relação às experiências surdas no contexto brasileiro o antropólogo Silva (2011) percebeu que em grande medida se resume na História da Educação de Surdos e, portanto, acaba sendo narrada reproduzindo os grandes modelos dessa educação: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo. Sua percepção auxilia para pensar de que maneira as trajetórias de pessoas surdas foram registradas e como o campo da educação tornou-se uma arena de visibilidade, disputa e conquista para falar de processos de inclusão e permanência nas pessoas surdas na sociedade.

O diagnóstico em foco, permite se aproximar da perspectiva do sujeito não ouvinte como produto e efeito das relações de poder que a cada momento torna-se negociado nos processos relacionais em que buscam ou estão inseridos. Desta forma, as forças e efeitos que são estabelecidos pelas ações e práticas das pessoas surdas criam a cada momento formas de perceber o seu lugar dentro da sociedade. Interessante como as etnografias buscam ampliar o debate para além das experiências surdas no contexto educacional.

A esse respeito três pesquisas se destacam, a dissertação de Camila Barcelos Lisboa (2007), as *imagens do silêncio: Uma análise sócio-antropológica das interações entre surdos de Belo Horizonte*; da antropóloga Paula Guedes Bigogno (2013), no texto intitulado *você é surdo ou ouvinte? Com surdos em juiz de fora*, que buscaram a compreensão da problemática dos surdos e o significado social da surdez nas relações sociais brasileiras e do Antropólogo André Luis Santos de Souza Santos (2019) “*VESTIR A LIBRAS NO CORPO*”: *A construção de uma “diferença” demarcada pela “cultura surda” na Zona da Mata Mineira*.

Assim, Lisboa (2007) elaborou uma reflexão sobre a construção da identidade a partir das interações sociais dos surdos frequentadores da Praça Sete de Setembro e dos participantes da rede virtual de relacionamentos, denominada Orkut, que residiam na

cidade de Belo Horizonte. Partindo da hipótese que o convívio dos surdos com outros surdos e mesmo com ouvintes pode sugerir que identidades diferenciadas vão sendo geradas no interior dessas experiências. Por conseguinte, descreve que diferentes formas de identificação são adotadas pelos surdos, formuladas pelo ambiente social que frequentam tanto em um espaço público como a Praça Sete, quanto um espaço virtual como a rede Orkut, podem influenciar na formação/conflito de identidades.

Já a antropóloga Bigogno (2013), investigou um grupo de surdos nessa cidade mineira. Para isso, partiu de observar as reivindicações de reconhecimento e inserção social da pessoa surda que tem construído uma rede de interações. Constatou um caráter militante, ativista sobre a surdez que incluiu noções de identidade, comunidade e cultura. Bem como, teve como pressuposto norteador a noção que o contexto de vida das pessoas com surdez é caracterizado por dificuldade de comunicação e segregação. E em seguida veio a questão da língua de sinais. Tais aspectos, corroboram para entender como o fenômeno da surdez atrelado aos processos de reconhecimento e autorreconhecimento fazem parte da construção da política de autonomia e cidadania.

Souza Santos (2019) analisou o processo de construção de uma “diferença” a partir de um determinado tipo de corporalidade surda acionada pela Libras, pela categoria “surdo” e pela noção de “cultura surda”. Desta forma, realizou um trabalho de campo que permitiu a construção de uma etnografia que englobasse o cotidiano, conflitos, arranjos e modos de se expressar através do corpo e da língua em contextos de eventos e/ou situações sociais, vivenciada ao longo dos anos de 2011 a 2018 em uma microrregião da Zona da Mata Mineira (ZMM). Com isso, elucida que o fenômeno da surdez manifestado no corpo em suas variadas formas gera reações sociais que alteram o modo como as pessoas passam a se relacionar e/ou interagir (comunicar) entre si e com o mundo.

Interessantes que tanto Lisboa (2007) Bigogno (2013) e quanto Souza Santos (2019) fazem suas etnografias em diferentes realidades mineiras com o intuito de rastrear as experiências surdas nessa territorialidade que envolve os processos de interação, reconhecimento e autorreconhecimento acionados pelas comunidades surdas que demonstram as diferentes formas em que eles disputam suas inserções nas pautas nacionais.

Neste contexto, ressaltam as disputas pelos agentes que dentro de uma perspectiva biomédica ou clínica terapêutica focam na lesão do corpo, lendo-a como doença e atribuindo o status de deficiência auditiva. Em contrapartida, a perspectiva socioantropológica da surdez produz reflexões mediante os aspectos da diferença, comprovando uma condição própria de ser, estar e perceber o mundo por meio da língua de sinais (Libras), pautada na construção de uma identidade e cultura surda sintetizadas na categoria surdo. Consequentemente essas experiências contrastantes geram conflitos de ordem simbólica e pragmática para o cotidiano de muitas pessoas surdas.

A etnografia produzida por César Augusto De Assis Silva (2011), *Entre a deficiência e a cultura: análise etnográfica de atividades missionárias com surdo* empreende uma análise sobre o processo de constituição da surdez como particularidade étnico-linguística, a partir de estudo comparativo que privilegia aspectos etnográficos e históricos das práticas de algumas instituições religiosas: Igreja Católica, Igreja Batista e Testemunhas de Jeová que têm se ocupado da atividade missionária com surdos, dando atenção para a dimensão performativa dos rituais dessas instituições e do jogo narrativo modificados sobre a comunidade surda ao longo do tempo, com o intuito de revelar como elas produzem diferenças entre pessoas em termos de audição, língua e cultura.

Outro ponto destacado que compõem o universo empírico foram capturar os usos dos dicionários religiosos e manuais de evangelismo referentes à surdez. Nesse exercício, a intenção foi revelar a circulação de agentes com trajetória religiosa em outras instâncias, tais como, movimento social, instituições universitárias e mercado que se relaciona às experiências do uso da língua brasileira de sinais – libras (ASSIS SILVA, 2011). Em suma, as trocas entre esses domínios religiosos e não religiosos foram constitutivas para o engendramento da surdez como particularidade étnico-linguística traduzida em normatividade jurídica no interior do Estado-nação.

Pensando neste universo linguístico a antropóloga Cibele Barbalho Assêncio (2015) em *Comunidade Surda: Notas Etnográficas Sobre Categorias, Lideranças e Tensões*, realizou uma análise do campo discursivo das práticas que conferem à surdez o estatuto de particularidade linguística e cultural, através de pesquisa etnográfica em espaços caracterizados pela presença de sistemas de comunicação gestuais-visuais – normatizados sob a forma da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Para isso, atentou-se também a aspectos históricos relativos à surdez e a formas disciplinares constitutivas

da LIBRAS. Tudo isso, foi possível ao acompanhar o percurso de líderes surdos em espaços variados, sendo crucial para revelar uma normatividade na qual a surdez é afirmada e performatizada em termos de língua e cultura.

Ao mesmo tempo são constituídas tensões, disputas e lutas em torno dessa normatividade. Categorias identitárias, tais como cultura surda e comunidade surda, são constantemente mobilizadas por profissionais que atuam em defesa das libras e são referidas sobretudo a sujeitos classificados como surdos. Ademais, percebeu que líderes surdos ocupam posição de destaque ao atuarem como porta-vozes da coletividade linguística falante de libras (ASSÊNSIO, 2015).

Na mesma linha que se encontra a etnografia de Daisy Mara Moreira De Oliveira (2012), *OS SURDOS DE ARACAJU: observação do discurso cultural e identitário dentro do contexto social ouvinte*, através da pesquisa de campo com os surdos de Aracaju, observou do discurso dos líderes da capital, onde surgem exaustivamente dois termos que são amplamente discutidos na Antropologia, quer sejam, cultura e identidade. Para isso, lançou as seguintes questões norteadoras: qual a origem deste discurso comum produzido nos círculos sociais dos surdos sergipanos? Qual o lugar e o sentido que a língua de sinais ocupa no que denominam cultura e identidade surda? Nesta empreitada averiguou-se que partia de um debate inserido em âmbito maior, à luz da Antropologia tentou entender como as comunidades surdas desta cidade vêm aderindo ao discurso cultural e identitário do campo nacional e vêm se posicionando frente à sociedade envolvente.

Interessante que as pesquisas de Assis Silva (2011), Oliveira (2012) Assêncio (2015) tocam no tratamento estereotipado da pessoa surda projetado em seus percursos históricos uma imagem de incapacidade. Percebe-se o questionamento dos rótulos estabelecidos e a mudança de seu papel dentro da sociedade. Assim buscaram captar as formas de atualização dos repertórios de identificação das pessoas surdas, criaram vínculos e estabelecem seus espaços de sociabilidades através do atributo linguístico distinto que corrobora para evidenciar suas marcas identitárias.

Portanto, as etnografias suscitadas, constataram os elementos culturais das pessoas surdas que acabam se diferenciado dos ouvintes, como a forma de nomear seus indivíduos e que a condição de incomunicabilidade quando nasce em famílias que não

utiliza libras, pode acarretar a ruptura de transmissão de saberes difundidos pela via oral, proporcionando uma fratura na transmissão cultural do grupo no qual está inserido.

Por tudo que vim comentando, considero que as pesquisas antropológicas que buscaram compreender as experiências das pessoas surdas proporcionaram captar a complexidade do fenômeno, tornando-se um exercício necessário para rastrear os atores e atrizes sociais surdos, sendo uma importante chave de interpretação de seus processos sociais, uma vez que existem múltiplas formas de viver a surdez (pessoas com diferentes histórias, expectativas de vidas, condições econômicas, religiosas e socioculturais e com distintos projetos de vidas).

1.3 Questões teóricas e metodológicas: os procedimentos adotados na pesquisa

A Análise e a descrição das práticas atinentes à surdez se deram, sobretudo, através das inquirições etnográficas que colocava em evidência uma pauta do grupo referente à necessidade da inserção da pessoa surda no mundo do trabalho. Nesse caminhar foi possível transitar em diferentes espaços que transcorreu: o estabelecimento, o espaço de moradia e de retorno dos trabalhadores, o ambiente de sociabilidade e os diferentes meios de comunicação (Facebook, Instagram) que traziam à tona suas experiências.

O que auxiliou a sentir os ritmos que atravessavam a vida das pessoas surdas em seu circuito para o trabalho. Com isso, a entrada que realizei em diferentes contextos seguiu os passos de Magnani (2007) tentando deter suas experiências, escolhas e posicionamentos no exercício de suas atividades de trabalho, levando em consideração a formação das redes relacionais.

Para isso, tracei um caminho metodológico que contribuiu com a aproximação com o objeto delimitado, seguindo os indícios de problematização do fazer etnográfico com pessoas surdas conforme destacado pela antropóloga surda Mello (2019) que sinalizou a importância da descrição e da aproximação com o universo estudado e da necessidade de olhar para os registros produzidos e elaborados sobre as ocorrências existentes em um determinado grupo.

Para facilitar a investigação delimitei as experiências tecidas na il Sordo Gelato em Aracaju/SE entre surdos e ouvintes, voltada para os processos relacionais e para a dimensão performática de existir, com o intuito de perceber como se produz a diferença

pautada em aspectos auditivos, culturais e na língua que se materializa a como marcadores dos corpos surdos que se comunicam.

Portanto, o primeiro procedimento traçado foi a realização da observação direta dentro do estabelecimento, registrando o cotidiano de trabalho e os principais eventos que faziam com que a comunidade surda adentrasse nesse íterim. Percebi que o registro visual (na gravação de vídeos e na captura das imagens) se tornava uma porta aberta, extremamente interessante para pensar a subjetividade dos trabalhadores surdos, revelando seus interesses na afirmação de certas situações por parte do empreendimento, levando em consideração o lócus de pesquisas caracterizado pelo uso da modalidade de comunicação gestual visual. O que possibilitou examinar as diferentes dimensões práticas em que confere a surdez, um elemento distinto nas relações sociais ao tocar nas diferentes perspectivas de interesses entre surdos/ouvintes, surdos/surdos e surdos/outras deficiências.

Nesse exercício na Gelateria iL Sordo observei que o uso de aparelhos/próteses auditivas por parte de alguns clientes fazia com que elas/eles não fossem identificadas (os) e nem classificadas (os) como surdas (os), às vezes reconhecidas (os) com baixa audição. Em algumas circunstâncias eram identificadas (os) como pessoas oralizadas, excluindo a categoria surdas (os). Em outros momentos percebi que se os clientes não utilizassem da comunicação gestual-visual (Libras) e não estivessem inseridos em espaços onde circulam pessoas surdas, essas eram reconhecidas como deficientes auditivos. O que demonstra o plural da surdez no campo etnográfico estudado.

Naquele momento, fiz o exercício etnográfico mediante o manuseio de caderno de campo, registros imagéticos e fotografias que constituíram os principais recursos adotados para o desenvolvimento da pesquisa. Além de ajudar a refletir sobre o uso e o lugar das imagens no exercício de investigação que corrobora para apreender uma certa realidade no campo da Antropologia como destaca Correia (2002).

Assim, ao tentar costurar as relações, em tempos de audiovisualização do mundo na contemporaneidade permite que as antropólogas (es) e os demais pesquisadores se debruçam sobre o potencial desses objetos que anunciam uma preocupação de análise reflexiva por parte dos intelectuais nas suas investigações, trazendo as imagens para a cena do debate que se tornam reveladoras de uma dada realidade no jogo daqueles que

são registrados e de quem registram o seu cotidiano (OLIVEIRA JUNIOR, 2021).

Aqui cabe pensar como os processos foram negociados, muitas vezes questionados, impostos entre outras situações que podem ter surgido nessas relações de produção de uma visualidade. São pontos que foram problematizados, buscando pontuar as relações explícitas e implícitas. Com a finalidade de observar a imagem como uma materialidade de leitura social corporalizada no texto compondo um certo saber. É evidente que a leitura de uma imagem pode possibilitar captar as interações, gestos, movimentos, olhares, conflitos e os desejos que às vezes escapam da descrição do texto.

Dentro deste contexto é que deve se levar em consideração que “o significado de uma fotografia está sempre inevitavelmente sujeito a uma moldura cultural, envolto num discurso fotográfico, que limita as suas possíveis funções, os seus significados e mesmo as nossas expectativas e leituras em relação a esta, e como tal deve ser encarado criticamente” (CALDEIRAS, 2017 p.176).

Desta forma, foi possível neste primeiro momento perceber o lugar do visual no meu campo de pesquisa, como destacou Martin (2013) “deve reconhecer que existe uma antropologia visual (e do Visual) que tem uma vida própria? Como e por que usamos as imagens na antropologia? Servirão as imagens por si só como interpretações alternativas da realidade social? Tais perguntas ajudaram a pensar a proposta em foco. Para isso, foi necessário dialogar com Barbosa & Cunha (2006) que destacam a importância da imagem nas experiências humanas, que também caminha nas linhas Guran (2009) Godolphin (1995) pensando a fotografia e as comunicações visuais como um ato de descobrir e contar algo sobre um determinado contexto ou situação tornando se uma importante narrativa de uma determinada realidade.

O evento, inicialmente, observado, tornou-se metodologicamente a via de entrada para as reflexões acerca das experiências das pessoas surdas no mundo do trabalho no contexto aracajuano, ao mesmo tempo que destacava o quanto foi oportuno se debruçar sobre o fazer etnográfico. Em consonância, fiquei atenta a captar as evidências na construção analítica da antropóloga que se materializa a partir da escrita, porém se constituem, nas percepções e premissas de sentidos que as pesquisadoras podem registrar ao capturar os significados de uma dada realidade ou contexto que surgem de sua atuação no trabalho de campo, corroborando para ampliar as fronteiras do

saber ao dilatar os limites estabelecidos e ao mesmo tempo lança outras formas interpretativas de tratar os fenômenos conforme nos direciona Melo (2019) e Strathern (2019).

Em virtude de que a etnografia se apresenta como uma ferramenta textual que busca em sua inteligibilidade apresentar formas criativas de pensar que se distinguem dos modelos analógicos de apreensão dos contextos que não esgota a sua potencialidade simbólica (CLIFFORD,1998; STRATHERN;2019; RESTREPO,2018). Porém difundiu um aspecto encontrado nessa seara, embora as antropólogas não abram mão de refletir sobre as potencialidades e os limites dos instrumentos analíticos adotados para a compreensão. Para isso, utiliza-se da escrita que instituiu uma certa fluidez que se alterna a todo instante para dar conta da complexidade do fenômeno analisado e ao tornar necessário a problematização dos processos interpretativos que repensam as relações sujeito-objeto na pesquisa de campo e no próprio desenhar do estilo etnográfico.

Desta maneira, buscou-se captar os limites e as possibilidades dessa relação e como cada um, lida de uma forma ou de outra com a elaboração da escrita e do discurso etnográfico, que caracteriza a tensão entre os mundos possíveis do senso comum e os mundos impossíveis da ciência e da política, seu entrelaçamento constitui as alegorias sensoriais (LEENHARDT,1971; CALDEIRAS,1988; CLIFFORD,1998; CARDOSO DE OLIVEIRA,2006; RESTREPO,2018). Para isso, se aproximo das reflexões que falam da contextualização etnográfica da própria retórica da ciência, da política e do estranhamento dos processos de pensar o fazer etnográfico. As ponderações se constituem dentro de uma crítica das lógicas de poder que carrega os significados impostos na reorganização do mundo e na reformulação das diretrizes sociais estabelecidas nas relações sociais.

Dentro dessa lógica, fiquei pensativa, tentando fazer o exercício de estranhamento das informações que eram compartilhadas dentro do estabelecimento. Interessante que na sexta-feira 03 de junho de 2016 às 11:00 da manhã, encontrava -se do outro lado da rua a olhar a Gelateria, no bairro Coroa do Meio, um dia ensolarado de muita movimentação na cidade. Em uma pequena galeria, na loja II é que se iniciava mais um dia de trabalho de algumas pessoas surdas. Aos poucos chegavam os funcionários que eram três, além dos clientes a esperar abertura do estabelecimento. Ao

me aproximar do espaço deparei-me com a seguinte colocação de uma pessoa, que salientava, “que coisa mais interessante a integralização dos surdos no trabalho aqui em Aracaju, isso é algo que nunca passou em minha cabeça, digo mais, isso é efetivação de um projeto de sociedade plural” (E 01, 2016). A sua amiga ao lado explanou: “menina não é verdade que ele conseguiu uma alteração do modelo de inclusão na sociedade, ele está de parabéns que pena que é, só em Aracaju”.

Naquele momento, fiquei pensativa tentando fazer o exercício de estranhamento das informações que eram compartilhadas. Além disso, a pensar como a etnografia se dava de diferentes formas e maneiras. Inclusive na subjetividade em que se dava a coleta de dados sobre o meu campo. A ideia de integralidade exposta no campo, me fez pensar em sua operacionalização analiticamente. Desta forma, a expressão integralidade da pessoa surda serviu para entender um pouco de como as pessoas ouvintes interpretavam tais fatos, ao mesmo tempo que destacava o quanto foi oportuno estabelecer a inserção desse segmento que se encontrava distante do cenário de trabalho.

Não se pode esquecer que a categoria trabalho é pensada a partir da ideia de sentidos, ou seja, a questão das diferentes definições que essa palavra carrega na construção social do indivíduo e da sociedade. Essa atividade carrega significados que impactam na (re)construção de identidades/papéis e na (re) definição de normas e estilos de vida. Ao adentrar nos contextos históricos, verifica-se que o significado do trabalho, tem sido associado a diferentes valores sociais positivos e negativos e a diferentes sistemas sociais. No mundo moderno as diferentes dinâmicas que envolvem a questão do trabalho, desde a troca ao trabalho assalariado.

Assim, não tem como pensar a sociedade sem olhar o lugar central que o trabalho assume na vida humana conforme destacou Bertol (2009). Na situação do surdo, deve-se levar em consideração que o estabelecimento de novas relações de trabalho, como a subcontratação, as atividades paralelas e o auto emprego altera as paisagens do mercado econômico, e ao mesmo tempo, muda as relações sociais. Ademais, é pensar o trabalho fora do emprego, isto é, de relações formais de longo prazo e sem vínculo pleno com uma organização, ao trazer para a cena dos debates públicos e acadêmicos a relação entre o trabalho formal e informal na sociedade, e a própria noção dessa categoria pelos atores sociais envolvidos, como eles entendem e definem tais práticas (BERTOL,2009).

Retomando a ideia de trabalho, constatei a preocupação dos funcionários em ter um trabalho formal que garantisse o direito trabalhista. Em diálogos informais com eles, foi possível sentir, ora a felicidade em ter sua carteira assinada e, ora a preocupação em conseguir manter-se no estabelecimento em foco. Em virtude de muitos se encontrarem na informalidade, exercendo diferentes atividades. Oportunamente em três anos de acompanhamento mensais no espaço, pude registrar diferentes sociabilidades em que a integralidade da pessoa surda naquele contexto. Além de observar diferentes projetos que eram criados dentro do seu universo, o que corroborou para pensar a dinâmicas interacionais.

A segunda entrada em campo deu-se com a aplicação de um questionário e a realização de entrevistas semiabertas dentro da *il Sordo* com as trabalhadoras (es) surdas (os/es) em contexto de pandemia Covid-19, o que dificultou a interação no processo de coleta de dados. Em suma, o roteiro da entrevista foi organizado em 4 blocos.

No **Bloco 1** tratei de registrar o perfil dos entrevistados (Nome, idade, estado civil, formação, tempo de trabalho na empresa Il Sordo, classificação/trabalho integral/parcial/hora).

Figura 01- Sinal da empresa iL Sordo Gelateria



Foto: acervo pessoal da pesquisadora Suzy Lisboa, 2022

Figura 02- Entrevista com a colaboradora Surda Renata



Foto: acervo pessoal da pesquisadora Suzy Lisboa, 2023

No **Bloco 2** busquei captar a relação do trabalho, sua importância e registrar as trajetórias profissionais (como elas/eles entende a noção de trabalho, quais os desafios da pessoa surda no contexto do trabalho brasileiro; se exercem outras atividades de trabalho; de que forma observam a trajetória de empresários surdos no contexto brasileiro; as trajetórias profissionais de cada trabalhador e por último fiz o exercício de entender quais foram os benefícios produzidos pelo programa de inclusão dos profissionais surdos e como se dava a interação entre surdos nesse recinto laboral e nas atividades promovidas pela empresa em outros espaços.

[illegible]

55

Figura 04- Empreendedorismo Surdo promovido pelo Il Sordo Gelateria/SE



Foto: acervo pessoal da pesquisadora Suzy Lisboa, 2023

No **bloco 3** investiguei a noção de profissional surdo e suas relações (como elas e eles entendem a classificação de profissionais surdos; quais as dificuldades que as pessoas surdas enfrentam para ter uma profissão; quais os desafios da rotina profissional do surdo no mercado de trabalho; além de tentar entender de que maneira ficaram sabendo da seleção de profissionais surdos recrutados para atuar em uma empresa que possuem o quadro em sua maioria pessoas surdas; como se vê dentro do mercado de trabalho e especificamente na Gelateria Il Sordo; e como são aplicado os direitos trabalhista na empresa em foco.

E por último, o **Bloco 4**, adentrei nas percepções e experiências das (os) trabalhadoras (es) surdas (os/es) Il Sordo Gelatos (para isso investiguei como as experiências profissionais delas/deles/ foram fator de saúde ou adoecimento; além disso, quais as maiores conquistas em que este trabalho possibilitou; também procurei captar como se dá às relações entre os profissionais surdas/os e ouvintes? Se existe algum tipo de aperfeiçoamento na empresa Il Sordo; se estão satisfeitas (os) com a função que exerce atualmente ou se gostaria de outra função. Tentei rastrear se as (os) profissionais surdas (os) fizeram muitas tentativas para ingressar no mercado de trabalho e que tipo de sentimento resume o que viveu; outro ponto foi que tipo de relação é estabelecida na comunicação entre surdos e ouvinte neste estabelecimento; quais as estratégias de comunicação utilizadas para que o atendimento possa ser efetivado; que mudanças ocorreram em sua vida após o trabalho e quais as emoções que podem descrever na sua trajetória familiar, educacional e de trabalho.

Figura 05- Reunião de Trabalho e processo de formação no iL Sordo Gelateria



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2022

Com base nos blocos de perguntas definidas para realização das entrevistas foi possível ter uma compreensão maior do fenômeno elucidado. Nesse sentido, o exercício desta etapa acaba sendo um recurso fundamental para ampliar o campo investigativo, especialmente nos contextos em que os dados necessários para a realização da pesquisa não podem ser acessados nas documentações que se encontram disponibilizadas, porém com lacunas sobre este fenômeno (BECKER,1994; HAGUETTE,1997; WEBER,2009). Embora seja necessário se ter um cuidado em seu uso, para não se utilizar das narrativas exclusivamente como uma fonte de informação objetiva.

Desta maneira, sua produção requer sempre se aproximar de um campo fluido, dinâmico e subjetivo compartilhado de múltiplas experiências, opiniões e visões da realidade. Com isso, as narrativas trazem posicionalidades de atrizes e atores sociais que expressam formas compartilhadas acerca de um específico fenômeno, dentro das múltiplas expressões culturais.

Paralelamente, fiz algumas entradas em campo no ciberespaço nas linhas de Rifiotis (2026) e Oliveira Junior (2021), a fim de acompanhar no Instagram a página da gelateria iL Sordo que auxiliava para entender a dinâmica de meu objeto, assim, fiz vários registros das informações postadas e os debates que eram travados nesse universo. Logo após fiz a análise sistemática dos dados coletados através das tensas relações que envolve o fenômeno da surdez, que evidenciam o cotidiano das (os) trabalhadoras (es) surdas (os), perpassando o medo, a necessidade de se sentirem confiantes e seu empoderamento através da fluidez firmadas a todo momento no campo etnográfico.

Por fim, o exercício realizado até aqui de interpretações possíveis, conduziu a captar as posições e elaborações simbólicas expostas nas reflexões sobre a deficiência e surdez, ao trazer à tona as ambivalências e as interpretações de tais aspectos a partir da inserção de atores e atrizes sociais, que no jogo da diferença, ressignificam seus contextos, tanto em âmbito global e local.

Portanto, situar o debate e localizar dentro da literatura antropológica permitiu apreender os diferentes discursos, reflexões e se aproximar dos procedimentos metodológicos que oportunizaram ampliar o campo investigativo das ciências sociais. Em contrapartida as atentam destituir a supremacia lançada aos diferentes grupos que

buscam se afastar das estruturas dominantes que neutralizam os processos de existir, ou seja, foi necessário aguçar a sensibilidade sobre os múltiplos sentidos corpóreos presentes no mundo ocidental, visto que, eles permitem reconstruir os processos de configuração das suas práticas sociais.

CAPÍTULO II –
“QUANDO EU SOU A EMPRESA, E A EMPRESA SOU EU”:
O EMPREENDIMENTO IL SORDO E SUA RELAÇÃO COM A ATUAÇÃO
PROFISSIONAL DO EMPRESÁRIO BRENO OLIVEIRA EM ARACAJU/SE

A expressão “*Quando eu sou a empresa, e a empresa sou eu*” foi evidenciada no campo em diálogos com o meu interlocutor, o empresário Breno Oliveira que destacou que não tem como falar do desenvolvimento de seu empreendimento, sem discorrer sobre o seu papel na concretização desse sonho, ou seja, os processos se interconectam borrando as margens relacionais dessas experiências. Neste capítulo que se inicia, temos como proposta compreender a operacionalização do sistema organizacional da empresa il Sordo em Aracaju/SE, e sua relação com a atuação profissional do empresário Breno Oliveira no gerenciamento desse recinto.

É através desse espaço empresarial que vamos poder estabelecer um parâmetro de análise para a observação de um perfil social, dentro da população de Surdos, bem como no contexto o qual ele está sendo observado. A partir desse olhar antropológico acerca de um espaço de sociabilidade e lazer, que poderemos traçar importantes questionamentos nesta pesquisa. Como se constituiu a operacionalização do sistema organizacional da empresa il Sordo em Aracaju/SE? E qual a sua relação com a atuação profissional do empresário Breno Oliveira? Outras questões emergiram: o que as carreiras profissionais podem nos dizer sobre os sujeitos das pesquisas? Como se constituiu a trajetória de Breno Oliveira? Quais são as relações entre os acontecimentos na caminhada de Breno e o estabelecimento de um empreendimento empresarial como o il Sordo? De que maneira se percebe as diferentes estratégias observadas frente às mudanças no tempo e espaço?

Embora não seja o objetivo da pesquisa, em produzir conhecimento com foco na Antropologia do Trabalho, é justamente essa especialidade que pode nos levar a compreensão do trabalho como um recorte antropológico que se encontra presente desde os períodos mais pretéritos da humanidade. Através dessa atividade cultural e social, podemos absorver as noções de como uma sociedade funciona e impõe força de agenciamento e, da mesma maneira, podemos apreender como o trabalho baliza e estrutura as sociedades (KESKÜLA & MARINS, 2022).

Desta forma, os aspectos podem ser notados a partir do trabalho, como marcadores sociais, pois se trata de uma prática constituidora de relações sociais que podem orbitar numa ideia de distinção social, autossustento ou, por exemplo, o lazer. Desse modo, em um exercício alicerçado pelo olhar antropológico, buscamos aferir os significados gerados pelo empreendimento em foco e a trajetória laboral de Breno Oliveira, além das suas múltiplas funções e atuações profissionais que se conectam ao desenvolvimento do empreendimento.

2.1. O EMPREENDIMENTO i SORDO GELATERIA

A iL Sordo é uma Gelateria que teve o seu início no bairro Coroa do Meio, atualmente subdivide-se: em uma loja central no bairro 13 de julho, localidade nobre da cidade, além de expandir para o espaço da Orla, esses quiosques se localizam nos bairros da Coroa do Meio e na Atalaia, ambas estão fixadas na cidade de Aracaju/SE. Uma outra se encontra na parte da praia da Barra em Salvador/BA. De forma geral, situa-se na parte turística dessas duas capitais do Nordeste.

Figura 06- Carrara Food Park



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2017

FIGURA 07- Orla Food Park



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2022

FIGURA 08- MATRIZ IL SORDO



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2021

FIGURA 09- Loja iL Sordo – Franquia Barra



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2022

Além disso, a marca da empresa foi escolhida, partindo do sinal que se propõe comunicar a ideia de lançar um produto pautado na concepção de igualdade e vitória definida para representar o seu empreendimento, mediante o uso da letra V em Libras que pode ser usada em pé ou deitado, sintetizando os preceitos subjetivos do Slogan do seu projeto. A campanha publicitária utilizou da expressão italiana *il Sordo* que significa o Surdo, mobilizada para gerar uma associação visual e espacial sintética e objetiva que proporciona uma rápida identificação do consumidor com o produto e fortalece esteticamente o seu posicionamento na divulgação da identidade do estabelecimento.

FIGURA 10- Marca da empresa iL Sordo



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2022

Outro ponto capturado nos diálogos tecidos com o empresário Breno Oliveira foi referente ao uso da expressão iL em minúsculo, para ele a utilização facilita a leitura e a visualização dos clientes que conseguem fixar a marca, ou seja, foi uma das formas de chamar a atenção desses atores e atrizes sociais de maneira subjetiva para se conectar com quem se propõem vender. Assim, o empresário Breno Oliveira destaca:

Muito importante essa sacada de marketing que utilizei, pensei em tudo para que o empreendimento não tivesse problema. Graças a uma equipe e aos colaboradores que foram fundamentais nas estratégias de leitura e comunicação expressadas em nossos estabelecimentos comerciais, a marca é tão forte que só de olhar as pessoas ficam curiosas em saber mais, por isso reforço a importância desse passo que dei (BRENO, 2022).

A colocação exposta permite se aproximar das estratégias ativas para o funcionamento da empresa iL Sordo. Percebe-se uma preocupação em que a marca seja utilizada com um marketing que otimize os lucros por meio da satisfação das necessidades e desejos do mercado consumidor que propõem investir. Além disso, sua funcionalidade busca mobilizar o interesse do público ao incorporar suas pautas nesse universo. De certo modo, seu lado político se entrelaça com o seu lado empresarial.

FIGURA 11- Colaboradores da empresa iL Sordo no dia do trabalho



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2022

Evidencia que os trabalhadores Surdos, que buscam uma vaga de trabalho, chegam até a iL Sordo Gelato através de chamadas de vídeos, que são divulgadas através do WhatsApp, em grupos de Surdos. Os currículos são recebidos e avaliados. Os candidatos são selecionados e convidados para a entrevista. Logo depois são chamados para a capacitação e no final do treinamento, são avaliados. Escolhidos os novos colaboradores, passam a trabalhar efetivamente. Os direitos trabalhistas são aplicados normalmente e cada colaborador tem a sua carteira assinada.

No quadro de colaboradores, há a participação, também, de trabalhadores ouvintes e ambos os perfis são inseridos em um contexto de treinamento para que a comunicação funcione entre as partes. Regularmente são organizadas reuniões onde diretrizes são estabelecidas através de treinamento. Novos produtos são inseridos e novas práticas são fixadas. Todo esse trabalho é feito em conjunto com os colaboradores Surdos e ouvintes, onde cada um pode opinar e tornar o processo participativo. Os colaboradores Surdos, ao desempenhar suas respectivas atividades na iL Sordo, fazem uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), sinais faciais, gestos, leitura labial, além

de aplicativos de mensagens como WhatsApp, Messenger e Instagram.

Atualmente o quadro total dos colaboradores da empresa (matriz e franquias) é composto em sua totalidade por treze funcionários surdos. Desses são cinco colaboradores que atuam na área de produção e oito que se encontram na área de atendimento. Assim, os sujeitos da pesquisa são pessoas entre 20 e 40 anos, homens e mulheres, que se encontram 80% na cidade de Aracaju/SE e 20% em Salvador/BA. A grande maioria são provenientes das camadas populares. Foi possível constatar que todos os funcionários do Estado de Sergipe estudaram o Ensino Fundamental e Médio no Instituto Pedagógico de apoio a educação do surdo de Sergipe- IPAESE. O campo investigado nessa pesquisa foi a loja matriz da cidade de Aracaju, entretanto, por tratar de uma pesquisa em lócus, não fez parte desse momento o aprofundamento sobre este dado na capital baiana.

Em relação aos espaços de residência registrei que esses colaboradores residem em diferentes bairros: Eduardo Gomes, Marco Freire II, Bugio. Outro dado crucial é que 90% desses funcionários encontram-se, cursando o Ensino Superior em Letras Libras pela Universidade Federal de Sergipe. Porém, exercem funções fora de suas áreas de formação.

A empresa em foco oferece uma miríade de cursos, treinamentos, eventos, networking e consultorias que preparam seus colaboradores a lidar com as intempéries da vida. Contudo, muitos expressam a dificuldade em se inserir nesse universo. Assim, o entrevistado Lucas Albuquerque discorre que:

Minha vida foi sempre de isolamento, as pessoas sempre tiveram medo de se comunicar comigo e quando tentavam eram sempre de forma exótica, ou infantil, [...] nunca fui levado a sério e agora que profissionalmente me vejo com um colaborador carrego as sequelas do passado que necessita se tratada no presente, ou seja, estamos desmontando as violências e a empresa iL Sordo é uma das portas abertas para acessar essa mudança (CARVALHO, 2023).

As colocações expostas, tocam em aspectos que envolvem os processos de inclusão e permanência da pessoa surda no mercado de trabalho, é interessante como ele descreve a sua trajetória profissional, marcada por isolamentos ativados no campo da comunicação que enuncia movimentos de não interatividade. Ademais, revela a maneira que são retratados no contato com pessoas não surdas que, na grande maioria, segundo

seu relato, os infantilizam. Esse ponto foi crucial para pensar a arena que se formou nesse jogo relacional no campo laboral, estão atreladas exatamente a sensibilidade de captar as percepções dos trabalhadores sobre sua atuação dentro desse universo.

De fato, isso evidentemente levanta questões importantes para refletir a minha posição no campo e com isso, foi um ponto crucial para captar junto com meus interlocutores nesses processos de confidencialidade. Isso representou assumir uma postura simétrica com relação a forma de conhecimento e questionar as práticas alicerçadas por diferentes bases epistêmicas que me conduzem a pensar nos relatos de forma reflexiva e crítica sobre os processos relacionais no interior das empresas que exprime os seus efeitos.

2.2 “GERIR A EMPRESA, ENCANTAR VIDAS”: A TRAJETÓRIA EMPRESARIAL DE BRENO OLIVEIRA NO IL SORDO GELATO

A frase que abre esta reflexão intitulada “ Gerir a empresa, encantar vidas” foi uma expressão salientada pelo colaborador Adriano Araújo Costa para falar da atuação e da garra do empresário Breno Nunes de Oliveira, o idealizador da empresa, 29 anos, casado. A inserção profissional de Breno Oliveira, vem desde os 18 anos de idade. Participou ativamente do movimento de Surdos, em Sergipe, tornando-se líder do IPAESE e logo depois, trabalhou como instrutor de LIBRAS, por três anos. Colaborou com a fundação do Centro de Surdos de Aracaju (CESAJU). Um trabalho desenvolvido em parceria com líderes Surdos, colocado em prática no ano de 2013.

Houve um período de sua vida, em que ele precisou lidar com demissões e isso foi bastante desgastante e angustiante na sua carreira profissional. Percebi em diálogos com o mesmo, que expressava um sentimento de rejeição, como se o mercado de trabalho não reconhecesse, naquele momento, as suas potencialidades. Enfatizou que as empresas o demitiram, mas sem uma justificativa do setor de recursos humanos da empresa. A impressão que ficou durante essas experiências é que estavam buscando pessoas nativas da língua portuguesa ou então algum Surdo que pudesse oralizar e escrever.

Obviamente, os espaços laborais que se envolveu não estavam preparados para lidar com a sua inserção nessas espacialidades. Salientou que ocorreu uma situação parecida quando fez tentativa de passar em um concurso público e mesmo com o

sistema de cotas para pessoas com deficiências (PCDs), priorizavam aqueles e aquelas que eram ouvintes e dominavam a língua portuguesa.

Sem opções para promover sua própria renda, dentro do mercado ou como servidor público, se viu na ocasião de criar alternativas para adentrar no mercado de trabalho. Além disso, Breno não tinha como plano continuar dependendo financeiramente do pai e da mãe. Então, resolveu vender, nas ruas, açaí e paletas mexicanas. Naquele momento de fortalecimento de sua iniciativa de trabalho não teve apoio financeiro dos seus pais, haja vista que eles consideravam um negócio bastante arriscado, mas logo depois sua família resolveu investir em seu plano laboral.

Assim, a organização da il Sordo se deu a partir de abril de 2015, porém as vendas só começaram em fevereiro de 2016, tendo sido um sucesso na freguesia aracajuana. Interessante que em sua trajetória profissional enxergou como muitos indivíduos de comunidades de Surdos são excluídos do mercado de trabalho, assim que concluiu o seu curso de Ensino Superior, resolveu adentrar no universo empresarial, fundado a empresa em foco. O ator social aqui observado tem formação completa em Letras/LIBRAS através da Universidade Federal de Sergipe, além de possuir uma especialização em Gestão de Projetos e Metodologias Ágeis.

FIGURA 12- Empresário Breno Oliveira fazendo sinal em Libras da il Sordo



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2022

Considerando as dificuldades de um contexto de vida marcado pela necessidade de sobreviver sem ajuda de seus pais, Breno indica que o trabalho representou e cria para muitos Surdos a possibilidade de se alcançar, não só a mobilidade social, mas sobretudo o significado de dignidade. De acordo com sua opinião, muitos indivíduos Surdos que estão, por exemplo, em grupos de WhatsApp, acabam solicitando ingresso em vagas de trabalho na il Sordo Gelato. ÀS vezes, isso ocorre, porque esses indivíduos Surdos precisam do auto sustento ou, porque além disso, necessitam também prover as suas respectivas famílias.

Em relação a demanda profissional da empresa il Sordo, enfatiza que algo que chamou a sua atenção foi a quantidade significativa de indivíduos Surdos buscando ocupar as vagas de trabalho no referido comércio, como forma de se estabelecer e pertencer a um espaço bilíngue. Breno relatou que o desenvolvimento do trabalho de indivíduos Surdos em espaços não bilíngues acaba gerando bastante angústia, desânimo, exclusão e desvalorização (OLIVEIRA, 2023).

Portanto, o estabelecimento de uma comunicação hegemônica como a dos ouvintes faz com que os trabalhadores Surdos tenham dificuldades de entender quais são as suas tarefas. Ressalta ainda que esse cenário é de contraste quando comparado com a realidade da il Sordo Gelato, porque neste espaço bilíngue, os trabalhadores Surdos têm completa autonomia, visto que a comunicação é facilitada como observei em campo.

Porém, é preciso pensar, criticamente, que as pesquisas na área de Antropologia também são demarcadas pelos estudos sobre tensões e conflitos entre grupos e indivíduos. São análises que nos mostram quais são as processualidades que se revelam e as diferentes estratégias que os agentes sociais utilizam em circunstâncias de antagonismo. Um dos grandes desafios, no que diz respeito ao ambiente de trabalho e que se articula com a trajetória de Breno Oliveira na il Sordo, foi a comunicação entre os colaboradores Surdos e os clientes não surdos.

Embora as estratégias de suplantar essa situação se deram através de interações e partilhas dos problemas enfrentados. A respeito dessa questão, Breno reforçou para nós a dinâmica utilizada por ele, que prioriza a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como forma de comunicação usada fluentemente entre os seus colaboradores. O problema é

que uma parte considerável das pessoas que desejam atendimento na iL Sordo Gelato, ainda mantém comunicação verbal e mesmo com algumas possibilidades de comunicação não verbal, proposta pelo estabelecimento, a clientela se recusa a utilizar. Nesse ponto, observamos como a sociedade brasileira ainda prioriza a comunicação verbal, mesmo com muitos avanços de políticas públicas para essa comunidade.

FIGURA 13- Clientes em atendimento na empresa iL Sordo



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2022

Além de coordenar as unidades da il Sordo Gelato, nos estados de Sergipe e Bahia, Breno Oliveira também desempenha outras atividades profissionais. Sendo o criador do *Hands Hub*, que é uma plataforma de treinamento para Surdos e ouvintes. E através dela disponibiliza consultorias para empresas que estejam alinhadas com a ideia de incluir os surdos em vagas de trabalho. Vale ressaltar também que Breno é o atual vice-presidente do IPAESE, uma instituição sem fins lucrativos, voltada para educação

de surdos, em Sergipe, à qual a sua mãe foi uma das fundadoras, no ano de 2000.

Na imagem abaixo, é possível observar um dos eventos realizados no setembro Surdo, com os alunos e alunas do Ensino Fundamental e Médio, no ano de 2022. Os debates das programações deste mês ficaram em torno das questões educacionais e psicossociais da comunidade de Surdos.

FIGURA 14- Interação no setembro Surdo no espaço educacional



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2022

Há uma constatação, por parte de Breno Oliveira, a respeito dos desafios de ser empresário Surdo no Brasil. Assinala que as barreiras da comunicação e da língua, não são o único problema. A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) vem, nos últimos anos, ganhando mais espaço, porém essa forma de comunicação não verbal vem sendo uma ferramenta importante mobilizadora de visibilidade aos empresários que tem se estabelecido no mercado de trabalho brasileiro.

Nos últimos anos muitos são os Surdos que se aventuram no empreendedorismo surdo, constroem suas carreiras empresariais e vem ganhando devido valor da mídia ou da sociedade. Porém, existem outros exemplos de empreendedores Surdos, em Sergipe,

que só foram reconhecidos, depois que Breno concedeu uma entrevista na Revista Exame, citando alguns casos, como o de Renata Barbosa que é fotógrafa e desenvolve suas atividades profissionais com diagramação de álbuns. Sua formação é em Design Gráfico, além de possuir pós-graduação em LIBRAS.

Temos também como exemplo, Rubivânia que logrou êxito ao abrir uma sorveteria e nesse estabelecimento, a empresária se especializou na produção de sorvete na chapa. Mesmo com esses e tantos exemplos de histórias de sucesso de empreendedorismo Surdo, a sociedade e a mídia ainda necessita incorporar mecanismos que estabeleçam o diálogo com as comunidades de Surdos.

Aqui podemos afirmar, sem dúvida alguma, que os resquícios dos estigmas permanecem nas relações tecidas no interior das sociedades, ativadas na diferença entre pessoas não surdas e Surdos. Isso pode ser visualizado, mesmo quando as comunidades surdas se adequam ao mercado de trabalho ou até quando se encontram no papel de liderança de sucesso de seus empreendimentos dentro da sociedade.

De forma geral, Breno Oliveira demonstra a necessidade de evidenciar outras trajetórias de empresárias (os) surdas (os) no Estado de Sergipe, como as supracitadas. Em relação a sua percepção na interação no interior da empresa, Breno destaca que o retorno entre clientela e a iL Sordo Gelato tem saldo positivo. Nesse sentido, muitos frequentadores relatam o bom atendimento e atestam a qualidade dos produtos que são ofertados. E sempre falam que o diferencial do serviço que disponibiliza em sua empresa é o atendimento.

Destarte, o colaborador Surdo passa por um processo de formação para aperfeiçoar seu atendimento tanto com os clientes Surdos ou ouvintes, porém as dificuldades de comunicação por parte dos clientes não surdos é uma constante. Todavia o atendimento de uma forma geral contempla positivamente o freguês. Isso ficou perceptível com os comentários feitos, em um dos episódios do programa Shark Tank, no site do Youtube. Inúmeros foram os relatos de pessoas que não acreditavam no resultado daquele episódio, em que os investidores do programa não aceitaram investir no negócio apresentado por Breno e o seu pai.

Parte significativa desses comentários, eram de clientes que passaram pela gelateria falavam do bom serviço prestado, bem como da qualidade dos produtos.

Houve também uma parte dos comentários de pessoas falando que o fato dos colaboradores serem surdos não foi uma barreira e que consideravam muito interessante a proposta. O que corrobora para uma certa criatividade do estabelecimento.

A iL Sordo passou a ser vista por diferentes internautas que acessaram e assistiram quando Breno participou de um dos episódios do reality show Shark Tank, uma produção da Sonny Chanel, que promove uma competição em que empreendedores fazem propostas aos investidores – que no programa são considerados os tubarões – e que o resultado pode ser a recusa ou o aceite dos investidores. Segundo o informe da produção do programa, foram mais de 6 mil empreendedores inscritos durante quatro temporadas e apenas 4% desses inscritos passaram e puderam defender suas ideias e negócios no programa.

Em 27 de julho de 2021, foi divulgado, no canal do Shark Tank no Youtube, o episódio com a participação de Breno que representou a iL Sordo Gelato em companhia de seu pai, que lhe forneceu apoio durante a apresentação e defesa do projeto, além de uma intérprete de LIBRAS/Português, que intermediou a comunicação verbal e não verbal entre Breno e os investidores. Para servir os gelatos da empresa aos investidores, que puderam provar os produtos, contou com um colaborador.

Os quatro participantes são anunciados pelo apresentador do programa. Eles caminham por um corredor até uma sala, onde são apresentados aos investidores. Durante essa caminhada Breno está à frente e, sorridente, entra com muita energia, abre o seu casaco, enquanto caminha, mostrando a logo da empresa, salta e soca o ar, numa intensa performance de vencedor.

FIGURA 15- Reality show Shark Tank



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2021

Neste ponto é necessário refletir que tipo de mensagem Breno está tentando passar para os investidores e aqueles que irão assistir ao programa. Um gesto interpretado que enuncia: “é possível você também”, “cheguei onde todos querem chegar” ou “somos todos vencedores”. Visivelmente, o seu corpo fala, enquanto um indivíduo que não verbaliza os seus anseios em uma oportunidade, a sua leitura corporal diz muito sobre sua origem, sobre onde constituiu sua identidade e provavelmente, em qual lugar deseja chegar. O corpo se tornou um veículo de uma mensagem política e versa sobre o firmamento de uma comunidade que está sendo representada e visualizada com grande projeção.

A proposta lançada aos investidores foi oferecer 35% da iL Surdo Gelato por R\$280 mil. Os investidores fazem algumas perguntas, como forma de avaliar os riscos de investir no negócio apresentado. Breno é indagado sobre o faturamento da empresa no ano de 2017 e ele responde que foi de R\$850 mil, no ano. Os investidores perguntam o valor dos produtos vendidos e o pai de Breno, o senhor José responde que o valor varia entre R\$8 reais e R\$35 reais. Perguntam novamente à dupla, qual o diferencial do produto e, prontamente, respondem que é justamente o refino da produção que é alinhada com a técnica de gelateria italiana.

A dupla é novamente interpelada sobre os objetivos da empresa e se o interesse é expandir, manter a propriedade das lojas ou franquiar e seu pai responde que é manter a propriedade das lojas. Até então as respostas vinham causando certo estranhamento aos investidores, que pareciam não entender exatamente o que queriam os dois com a apresentação e a proposta. A conversa acaba desembocando em um parecer dos investidores, que mesmo considerando um bom trabalho desempenhado por Breno, com a empresa iL Sordo, não enxergaram potencial de crescimento da empresa a longo prazo.

Em 2023, na página da iL Sordo, no Instagram, foi publicado um vídeo como lembrança da participação de Breno no reality show Shark Tank. A postagem acabou gerando interação bastante significativa entre os seus seguidores. Foram 399 comentários e 16.848 curtidas, para as dimensões de uma página que possui 27 mil seguidores. Boa parte dos comentários falavam que os internautas lembram desse

episódio do referido programa e que se sentiram orgulhosos pelo fato de Breno ter representado Sergipe e o empreendedorismo Surdo.

Outros comentários seguiam a mesma lógica de outras publicações, em que as pessoas elogiavam demasiadamente o atendimento e os produtos comercializados na empresa. Em um dos comentários postados, uma seguidora comentou que lembrou quando Robinson Shiba, um dos investidores que estavam avaliando a proposta, havia recepcionado Breno, também em LIBRAS, e que entendia aquele gesto como algo bonito.

Juntamente com os comentários e a interação entre a página e sua clientela, verificamos uma presença marcada de seguidores da página que eram surdos. Muitos deles possuíam identificação em sua arroba e destacavam “LIBRAS”. Além desses atores e atrizes sociais, observamos também a presença de outros estabelecimentos do ramo da culinária da cidade. Vereadores, advogados, fotógrafos, cozinheiros, psicanalistas, arquitetos, esteticistas, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, influencers, professores, dentre tantos outros, fizeram questão de tecer alguns elogios a empresa e a figura do empresário surdo.

FIGURA 16- Empresário Breno no Programa Shark Tank Brasil



Fonte: Programa Shark Tank Brasil, 2021

Percebi que mesmo não conseguindo o investimento para a sua empresa no Programa Shark Tank Brasil resolveu manter a qualidade de seus serviços e ampliar as redes de contatos e negócios.

Com o propósito de aprofundar ainda mais essa prática de etnografia do ciberespaço, tomando como território digital, o Instagram, demos prosseguimento às observações das publicações feitas no feed da página de Breno e como resultado, encontramos mais uma publicação que reforça a trajetória do referido ator social. A publicação em questão é um cartaz digital sobre o workshop Empreender Voar, que ocorreu nos dias 28 e 29 de abril de 2022, de modo on-line, via transmissão no Zoom.

O anúncio faz um convite a todos/ todas/todes que tenham, como objetivo, empreender. Primeiro, o texto conjectura para a ideia de que o empresário em foco constitui uma carreira de sucesso, possuindo experiências e propriedade de causa para falar sobre o assunto no workshop. Então, a legenda ressalta também o diferencial da proposta que é fazer com o que os participantes possam ter um aprendizado através do empreendedorismo de inclusão, no olhar dos Surdos.

FIGURA 17- Cartaz digital sobre o workshop Empreender Voar



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2022

No texto exposto, na publicação, foi possível notar também alguns tópicos que foram trabalhados no workshop: *negócio velho x negócio novo*; *novas formas de empreender*; *propósito e identidade*; *hard skills x soft skills*; *autoconhecimento x gestão de tempo*; *métodos dos negócios e 12 modelos de negócios e seja FBI*. Logo abaixo dos tópicos, no mesmo texto, há uma oferta de benefícios como, por exemplo, uma consulta gratuita, certificado de 10 horas, PDF da apresentação, gravação e participação no grupo do Telegram, denominado de Dúvidas e Networking.

A postagem analisada gerou engajamento com 115 curtidas e 15 comentários. Dentre os seguidores que explanaram, identificamos a presença de um estrangeiro, que não sabemos ao certo se ele é natural de Birmingham, no Reino Unido, ou se é alguém de outro país, vivendo na cidade inglesa. Shezad Nawab é empreendedor, consultor e comunicador internacional. Seu Instagram possui 8 mil seguidores. No comentário deixado, diz que confirma a sua presença e participação. Provavelmente o acesso de estrangeiros na página de Breno nos diz muito sobre o alcance de suas ideias e o impacto que ela pode gerar, em termos de formação de parcerias e estratégias.

Outros comentários foram postados, por pessoas de outros estados do Brasil como Goiás e Mato Grosso do Sul, bem como Sergipe. Basicamente, esses seguidores procuravam tirar algumas dúvidas a respeito do workshop, como saber qual o valor ou onde fazia a inscrição. Entre esses perfis sociais, parte significativa era de Surdos.

Quando indagado sobre como ele se reivindica e acha da classificação “profissional surdo”, Breno demonstra que o termo não carrega, pelo menos para ele, uma problematização. O mais importante seria compreender que os Surdos, como forma de se estabelecerem no mercado de trabalho, devem estar qualificados. Nesse ínterim, dentro do desenvolvimento da pesquisa etnográfica, por vezes, buscamos entender como os agentes sociais observados se autodenominam ou se classificam. Essa análise nos traz uma apreensão de como são formuladas as estratégias dos indivíduos ou grupos, em sociedade.

Ressalta, inclusive, que sem uma educação direcionada para Surdos, com materiais didáticos no formato da Língua Brasileira de Sinais e sem os dispositivos e recursos que auxiliam os jovens Surdos no caminho do aprendizado, dificilmente teremos um cenário de inclusão nas empresas ou em instituições públicas.

Mesmo com todo empecilho que passa uma pessoa surda, a sensação que o empresário Breno Oliveira expressa é de satisfação e de confiança na mudança das práticas relacionais entre os diferentes atores e atrizes nesse estabelecimento que se conecta no respeito à diferença. Os sentimentos descritos pelo ator observado na pesquisa enunciam pontos interessantes que nos levam a pensar como se encontra o indivíduo relacionado a uma rede de afetividades e como é esse circuito, uma vez constituída em sociedade, com agendas próprias, estratégias, valores morais, simbolismos e singularidades, atravessa aqueles que nela experimentam o caminho de existir e coexistir, em uma realidade com tantas diferenças e divergências (LE BRETON, 2009).

Com isso, o entrevistado Breno Oliveira enfatiza que:

“Por mais que esse mesmo indivíduo racionalize e entenda os reverses da vida como algo que deve ser captado em sua diversidade, a sociedade ainda não se encontra preparada para lidar com a diferença, isso resulta na ausência de emoção, pois a afetação se impõe como uma consequência de uma estrutura social que produz contingências a nossa comunidade Surda” (OLIVEIRA, 2022).

No caso de Breno é interessante observar como os sentimentos são aflorados nas disputas de reconhecimento, em muitas situações presenciou a desmotivação dos seus e em sua trajetória, se tornou força difusora de uma motivação que o levou a ideia do empreendedorismo Surdo e, conseqüentemente, fez com que se concebesse a il Sordo Gelato como um diferencial pautado no respeito, para isso adentrou no ciberespaço enquanto estratégia de fortalecimento de sua empresa, porém atrelado a suas pautas de luta. O empresário Breno Oliveira sobre este ponto destaca:

A empresa que conduzo faz parte de meu projeto de vida, ele adentra a efetivação de meus sonhos como empresário que tem o objetivo de expandir minhas atividades para além do meu Estado natal. Como empresário sempre tive sensibilidade como a minha comunidade, ponto importante para a concretizar do que eu acredito, ou seja, caminho junto dos meus. Contudo, sei o meu lugar dentro desse empreendimento e como a inclusão nesse espaço é uma ferramenta de luta e de mudança social que adentra as redes sociais, ou seja, por isso que fico empolgado a cada postagem (OLIVEIRA, 2023).

Sobre esse aspecto, percebi em uma de suas redes sociais, que Breno demonstra empolgação e contentamento ao ser convidado a participar de um evento sobre empreendedorismo, principalmente porque este público é, em sua maioria, de ouvintes. Relata, na publicação, as boas energias e as prolíficas conexões estabelecidas entre os participantes e como aquele momento serviu de grande inspiração para projetos futuros.

As linhas digitadas abaixo das imagens disponíveis para o público desse empresário, seguem em tom de agradecimento ao realizador do evento, Edgar Ueda, que em sua rede social se descreve como CEO, escritor de 5 best-seller, possuidor de 62 empreendimentos, em 23 estados. As provocações entendidas como positivas e já com um público alvo, se fizeram presentes nas palavras proferidas: “(...) qual é a sua desculpa agora? A vida é cheia de dificuldades e barreiras e você pode, assim como eu vencer isso! (...)” .

FIGURA 18- Palestra Motivacional- Sobre o empreendedorismo Surdo Turn Around Summit



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2018

As imagens da publicação são compostas por três fotos profissionais, provavelmente registradas por fotógrafos contratados, sendo que as duas primeiras mostram Breno palestrando no evento. A foto abaixo, já é o registro dele recebendo o troféu das mãos de Edgar Ueda e as imagens seguintes foram tiradas nos bastidores, registradas com smartphone em conversas com pessoas reconhecidas da área do empreendedorismo. Com isso, os agradecimentos seguem direcionados, também, ao seu pai, mãe e companheira.

FIGURA 19- Premiação no Turn Around Summit



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2018

Em outro evento, o empresário Breno Oliveira se encontrava ao lado de Fernanda Torres, na primeira edição do Prêmio *Veja o Brasil que Queremos*. Ressalta o entrevistado que mesmo não tendo levado o prêmio, o desânimo não se fez presente e que a sua participação, foi mais que suficiente, pois pode representar a comunidade de Surdos em um encontro organizado por uma grande revista do país, nas palavras dele “(...) o mais importante é que o nosso trabalho foi divulgado, e obtivemos avanços na luta por um reconhecimento da cultura surda e do uso da LIBRAS (...)” (OLIVEIRA, 2017).

Na ocasião, a revista VEJA estava comemorando 49 anos e contando com a presença e a apresentação de Cláudia Leite. Um júri composto por especialistas faz a escolha das personalidades que vão concorrer ao prêmio e numa segunda etapa a votação ocorre via internet. Ainda na postagem, o empresário Breno enfatiza que o reconhecimento de grandes personalidades pode ser um grande gerador de exemplos para a sociedade.

FIGURA 20- Prêmio Veja o Brasil que queremos



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2017

Os convites para eventos sobre o meio empresarial ou sobre o empreendedorismo Surdo parecem uma constante na vida de Breno. A partir de observações feitas em suas redes sociais, obtivemos informações acerca de algumas participações em eventos que consolidam a sua carreira como empresário. O ator observado nesta pesquisa, segue na construção de si mesmo, no ciberespaço, como quem se representa e divulga a sua comunidade, em um meio excludente e das cifras, sem se esquecer de suas raízes e dos seus propósitos.

O empresário Breno faz uma representação de si mesmo, através das imagens e dos textos, como alguém extremamente comprometido com a causa a qual faz parte. Identificamos em boa parte dessas publicações em suas mídias digitais, a presença dos interlocutores de diferentes idades em palestras proferidas por ele, numa tentativa de transformar, metaforicamente, o mundo através do exemplo. Assim, os internautas salientam que Breno faz a diferença ao “tornar a sociedade mais inclusiva e menos

preconceituosa” (SANTANA, 2022).

Em outra publicação sua, dessa vez no Colégio Master, em Aracaju, descreve o sentimento de pertencimento, pautado em um movimento de transformação da sociedade, que deve ser iniciado, sem dúvida, pelo campo da educação. Na mesma postagem, temos duas imagens. A primeira é o registro feito em um auditório da referida instituição, marcado pela presença da comunidade escolar, assim como na segunda imagem aparece o empresário nas conversas de bastidores.

Nota-se aqui as diferentes estratégias empresariais de Breno Oliveira, costurando a sua agenda de parcerias, com os mais diversos seguimentos do ramo. Até agora identificamos eventos e espaços que comportam o empreendedorismo, instituições escolares, do comércio local e outros. Vale lembrar que as atuais mídias digitais, notadamente o Instagram, viabilizam uma nova forma de se relacionar e se refazer no mundo dos negócios.

O exercício aqui, talvez seja o de analisar imagetivamente o seu movimento no tempo e espaço, apreendendo o capital simbólico que um registro pode trazer, como consequência para suas iniciativas. O que diz o empresário surdo Breno Oliveira para a sociedade, a partir das suas experiências no il Sordo, disponibilizadas nas redes sociais? Outras questões emergiram: Os atores sociais das imagens legitimam esse deslocamento de Breno em sua trajetória empresarial? Quais são as processualidades que surgem a partir do tensionamento dessas relações? As indagações lançadas foram fundamentais nas reflexões e se materializam para pensar as dinâmicas no interior do fenômeno.

Provavelmente, uma de suas parcerias mais prestigiosas, foi estabelecida com Paulo Gurgel, fundador da loja Ellus Aracaju e entusiasta da moda masculina e feminina, pautada pelo empreendedorismo de inclusão (OLIVEIRA, 2023). O referido estabelecimento comercial possui uma loja física, em um bairro nobre da cidade, além de um canal de vendas on-line. O Instagram da loja tem 12 mil seguidores.

De acordo com Breno Oliveira (2023), a Ellus Aracaju tem como oferta de serviço diferenciado das demais lojas do mercado porque a sua principal característica é a inclusão. A história de parceria de Paulo e Breno surge quando o dono da Ellus vai conhecer a il Sordo Gelateria e essa experiência acabou gerando bastante surpresa em Paulo, considerando que os colaboradores de Breno eram surdos e o atendimento, de

acordo com o empresário do setor varejista que comentou o diferencial do empreendimento.

A partir desse momento, os empresários da loja Ellus incorporaram medidas de inclusão e acessibilidade para o seu negócio. Na visão de Breno Oliveira, isso possibilitou uma mudança em seu sistema organizacional que alterou as formas de seleção e recrutamento da pessoa surda no mercado de trabalho (OLIVEIRA, 2023). Ou seja, a vivência na il Sordo, trazia a ideia de valorizar a sensibilidade do colaborador surdo que para o empresário Paulo teria um olhar com mais atenção para os seus clientes. Nesse sentido, novas relações de troca são firmadas entre colaboradores e clientes.

Outra articulação do empresário Breno Oliveira se deu na parceria com O Conselho Federal de Administração (CFA) que o convidou para falar sobre sua experiência com a palestra intitulada “il Sordo: Gerenciamento por LIBRAS” na Segunda Semana Temática de Administração, que ocorreu nos dias 17, 18 e 19 de maio de 2022. Sua palestra aconteceu no dia 18, às 16h05min. Não informaram, na publicação, se o evento seria presencial, on-line ou híbrido. Neste encarte, a página da supracitada instituição inicia o texto enaltecendo o exemplo de Breno e sua trajetória:

“(...) um jovem empreendedor e sua história é inspiradora. Ele é a prova de que a vocação e a força de vontade, juntas, são determinantes para o sucesso. Surdo desde o nascimento, superou vários desafios no mercado de trabalho e hoje é proprietário da il Sordo Gelato (...)” (CFA, 2022).

Em uma publicação compartilhada, entre as páginas da il Sordo e de Breno, evidencia um cartaz digital do I IPAESE CULT, que ocorreu no dia 26 de setembro de 2022, em uma segunda-feira, às 18h, no Cactus Burger, em Aracaju. Essa parceria visou a organização do evento em alusão ao setembro Surdo, mês que comemora as conquistas e que reflete sobre o lugar da pessoa surda dentro da sociedade. Além disso, toca nos desafios necessários para a inclusão e permanência da comunidade surda.

Dessa forma, a sua inserção nesse movimento teve como objetivo a venda de produtos da il Sordo, a qual todo dinheiro arrecadado seria revertido para o IPAESE. Acompanhar essas atuações e perceber os movimentos desse empresário possibilitou se aproximar de seu movimento dentro da sociedade e de sua estratégia de fortalecimento de outros ramos alimentícios, ou seja, o campo etnográfico potencializava um olhar

mais crítico e acionava diferentes insights sobre suas experiências.

Os gelatos ficaram disponíveis em um freezer, no espaço da Cactus Burguer. A página do Instagram da Cactus Burguer possui 26,7 mil seguidores e a empresa se consolidou como um dos grandes estabelecimentos alimentícios da cidade (CACTUS BURGUES, 2022). Posto isso, notadamente, a il Sordo desenvolve um quadro de parcerias importantes com empreendedores que podem gerar, como consequência, grande visibilidade ao seu negócio.

Existe uma tendência interessante na página do Instagram de Breno, no qual publica vídeos no dispositivo chamado de Reels e que geram engajamento dos seus seguidores. A estética desses vídeos, embora simples, é bem elaborada e denota um conhecimento profissional. Nesse momento, explica questões sobre o dia a dia da loja, do empreendedorismo Surdo ou convites para cursos. No vídeo, faz a comunicação através da Língua Brasileira de Sinais e na parte inferior da tela, observamos o uso de legendas em Português. Normalmente, os vídeos possuem em média 1 minuto de duração e trazem como resultado, bastante interação.

Há uma publicação feita no Instagram, em formato de compartilhamento de publicação entre as páginas da iL Sordo e a Hands Start Up, em que o tema abordado no vídeo que foi veiculado, está relacionado a uma plataforma de criação de sites, aplicativos e sistemas, onde quaisquer pessoas, sem conhecimento formal prévio, pode utilizar para desenvolver o suporte digital para a sua empresa. Segundo consta na página, a No Code School é uma “escola de programação especializada no ensino de tecnologias no-code” (CODE SCOOL, S/D).

No que diz respeito a interação entre os seguidores e a referida publicação, houve um número substancial de pessoas interessadas no curso, que perguntavam sobre os valores e em qual link poderiam fazer a inscrição. Um dos comentários chama atenção, pois um de seus seguidores digita “Bora fazer parceria”. O seguidor em questão é designer gráfico e ilustrador. Possui uma página no Instagram com 502 seguidores e esse dado nos chama a atenção para o fato de que outros trabalhadores ou empreendedores, que estão se estabelecendo no mercado, visam constituir, também, suas estratégias para a formação de parcerias, mesmo que seja no ciberespaço.

Durante a análise etnográfica no espaço virtual, das mídias digitais de Breno,

mais especificamente a sua página, no Instagram, contabilizamos a produção de 20 vídeos, que tratam de temas diversos, como por exemplo: vídeos institucionais em que Breno aparece com colaboradoras desejando um feliz natal e feliz ano novo, a lembrança de sua participação no reality show Shark Tank, ensinando um cliente autista a desejar um feliz Dia das Mães, em LIBRAS, sobre o prêmio VEJA-SE, divulgando a abertura da start up Hands, mostrando sua participação em jornal Bons Negócios, do SEBRAE, anunciando cursos e workshops sobre o empreendedorismo Surdo, promovendo consultoria grátis através de uma live, comemorando o 24 de abril – Dia Nacional da Língua Brasileira de Sinais e apresentado sobre a criação da LIBRAS ou sobre como o sinal “Sergipe” foi criado entre os Surdos.

Utilizando o conjunto de publicações do feed do Instagram de Breno, fica perceptível que houve uma profissionalização dos vídeos.

FIGURA 21- Publicações do feed do Instagram de Breno



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2022

Prossegue-se abordando a etnografia no ciberespaço nas linhas de Rifiotis (2016), tendo como demarcação digital as experiências sociais nesse universo. Assim, a página da il Sordo, no Instagram, se revela como uma importante chave de leitura social das práticas de trabalho. Percebi como o número de seguidores na página é expressivo,

acreditamos que seria possível visualizar maior interação entre os agentes sociais observados e o administrador do empreendimento.

Contudo, o que observamos é uma menor interação entre as partes, quando delimitamos análise, apenas para as postagens que contém algo relacionado a trajetória empresarial de Breno. É provável que a baixa interação ocorra, pelo fato de a mídia social observada ser institucional e não pessoal, como é o caso da mídia social de Breno.

A Associação Brasileira de RH (ABRH) seccional Paraíba, está organizando o CONGREPARH 2023 e Breno foi convidado a palestrar no evento. A publicação sobre o referido congresso é uma postagem compartilhada entre as páginas da ABRH e il Sordo. O tema discutido por Breno será o “Empreendedorismo muito além da Cota”.

Na manhã de 19 de maio de 2023, Breno esteve com alunos e alunas do SESI/SE Roberto Simonsen, para falar sobre empreendedorismo inclusivo. Na legenda, que é parte do compartilhamento entre as páginas do SESI Sergipe e il Sordo Gelato, há a descrição de Breno como um empreendedor que possui uma trajetória de sucesso, principalmente por destacar a abertura de duas lojas, como já salientado, uma em Aracaju e outra em Salvador. Os alunos puderam provar os produtos da il Sordo e entender como surgiu a empresa.

FIGURA 22- Breno com alunos e alunas do SESI/SE - Empreendedorismo inclusivo



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2023

No que diz respeito à expansão da iL Sordo, foi possível analisar como ocorreu parte desse processo, através da imagem. Em uma postagem de junho de 2023, há uma foto que registra em primeiro plano, um carrinho com as cores da empresa e os dizeres “sabor, alegria e inclusão”. Visualizamos ainda um colaborador fazendo o atendimento a três clientes. Na legenda, esse passo profissional de Breno foi comemorado como uma grande conquista: “Tbt de quando inauguramos nosso quiosque no Shopping Paseo Itaigara, em Salvador! ”. Logo abaixo, na legenda, conferimos também um texto descritivo da cena, com a hashtag “Acessível Paratodos”.

Figura 23: Atendimento no Quiosque Em Salvador



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2023

A Fundação Municipal de Formação para o Trabalho (FUNDAT) organizou uma aula com alunos Surdos, na iL Sordo Gelato. A visita ocorreu em caráter de aprendizado prático, referente ao curso de LIBRAS Básico. A aula foi ministrada pela professora Gigi Vales, que explicou que esse encontro dos discentes com a materialização do empreendedorismo Surdo, serviu como base para que os mesmos, além de aprenderem a

LIBRA de forma prática, pudessem também repensar alguns preconceitos. Gil, que é aluna, coloca que a iniciativa foi providencial e que já está na expectativa do segundo módulo do curso, além da importância de as pessoas constatarem o protagonismo Surdo nos empreendimentos.

Sabemos que a Pandemia de Covid-19 afetou o mercado e consequentemente, fez com que muitos empreendimentos adotassem novas medidas para seguir firme em meio à crise econômica. Sobre esse contexto de contenção, encontramos um vídeo na página da il Sordo Gelato, que na verdade foi extraído de um vídeo com quase 30 minutos, originalmente publicado no canal do SEBRAE Sergipe, no Youtube. Neste vídeo, Breno explana que durante o período de pandemia, o faturamento da empresa reduziu em 70%, sendo necessário estabelecer novas estratégias para dar continuidade ao empreendimento. As entregas via aplicativos de delivery e o WhatsApp foram as principais ferramentas de vendas durante esse período. Assim, o que observava em campo, era descrito nas redes.

Depois de observarmos as dinâmicas de comunicação nas mídias sociais de Breno, buscamos apreender o máximo de informações a respeito da sua trajetória empresarial e da sua empresa, a il Sordo no ciberespaço. A partir da procura em sites de buscas, encontramos uma reportagem gravada em 2019, para o canal Empresários de Sucesso TV, no Youtube. Este canal possui 118 mil inscritos e veicula matérias e entrevistas com negócios e figuras, de várias regiões do Brasil.

Dessa forma, os temas tratados e as pessoas que são convidadas, circundam em áreas como a medicina, advocacia, joalheria, psicologia, administração, empresa júnior, hotel fazenda, estética, propaganda, transporte, tráfego pago, pisos e revestimentos, entre outros. A produção de conteúdo se utiliza de uma estética profissional, perceptível desde a abertura do programa, com a presença de âncoras que narram e fazem as chamadas, até a equipe de filmagens e o repórter que constroem a matéria. A sensação é que estamos assistindo um programa jornalístico na TV aberta.

A matéria tem o seu início com a mostra dos produtos de uma das lojas da il Sordo. Os gelatos e paletas estão no quadro, demonstrando a variedade e a qualidade do negócio. O ambiente é retratado na narrativa jornalística como bem organizado e aconchegante. Há a presença de clientes e alguns deles, estão em família. Breno é

entrevistado e fala um pouco sobre o que levou ele a empreender. De acordo com o seu relato, de tanto observar que os trabalhadores Surdos são colocados no mercado de trabalho como empacotadores de supermercados, onde passam a trabalhar chegando a dez ou quinze anos de atividade laboral.

Assim, reforça que entendeu que era necessário criar o próprio negócio e fazer com que outros Surdos discernissem o seu potencial e atingissem sucesso. Neste ponto, consideramos curioso como Breno pode elaborar e estabelecer o seu parâmetro do que é sucesso para os seus iguais. Obviamente, consideramos que os processos simbólicos que ocorrem, na atualidade, edificam os âmbitos da cultura e do social, como nichos reprodutores da lógica do neoliberalismo e da cibercultura, onde o indivíduo que não é mais passivo, se torna ativo e conquista o que ele considera a sua autonomia.

Acreditamos que seria indispensável perguntar a uma parte considerável dos Surdos, o que eles entendem, o que é o sucesso.

Figura 24- Empresário de Sucesso – Breno Oliveira il Sordo Gelato



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2019

A construção da narrativa da experiência de vida de Breno, na matéria jornalística, perpassa pelo episódio em que foi a São Paulo para aprender como fazer paleta mexicana e gelato. Dentro de sua vivência, ele relatou na matéria que as dificuldades da comunicação eram muitas, porque o professor do curso de gelateria

italiana era um nativo italiano e não falava, nem o português, nem a Língua Brasileira de Sinais. Então o seu pai, que ainda não dominava totalmente a LIBRAS, tentava intermediar esse conhecimento entre o professor e Breno. Mesmo com as barreiras da comunicação, se apaixonou pela produção de gelatos, adquiriu maquinário e insumos importados, passou a fazer de forma artesanal e hoje representa um estabelecimento pautado em um sistema de inclusão.

Além disso, entre os clientes ouvintes, que se encontrava no estabelecimento, no momento da reportagem, Ricardo informou que o diferencial da il Sordo é a diversidade de sabores e os ingredientes de qualidade (RICARDO, 2019). Logo depois da entrevista com Ricardo, o repórter cinematográfico faz imagens de apoio que mostram o ambiente da gelateria com presenças de clientes Surdos, principalmente de estudantes.

Figura 25- Sociabilidade das Alunas do IPAESE



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2019

Acompanhei a estudante surda do IPAESE, Bianca que na matéria relatou que a maioria das sorveterias possuem sorvetes iguais, mas que na loja iL Sordo há o diferencial dos produtos. Acrescenta ainda que o que chama mais atenção é o atendimento com comunicação inclusiva. Precisamos destacar que a fala de Bianca, em relação a de Ricardo, ficou comprometida pelo tempo disponibilizado, provavelmente porque houve o corte na edição de imagens.

As imagens de vídeo e os quadros seguem, com outros clientes no balcão fazendo seus respectivos pedidos, outros já em consumo dos gelatos, quando aparece a repórter Samara Fagundes, demonstrando que é possível ser ouvinte estabelecer comunicação com os colaboradores da iL Sordo, para fazer pedidos dos produtos. Ao se aproximar do balcão e se utilizando da Linguagem Brasileira de Sinais, cumprimenta o colaborador, faz o seu pedido, confirma, recebe o gelato e depois agradece. Retorna para o enquadramento da câmera e explica, em português, o que havia falado em LIBRAS. A matéria segue com mais um cliente ouvinte entrevistado e logo depois, mostrando outras partes da loja e uma narração, ao fundo dos vídeos, explanando sobre os objetivos de Breno como empreendedor.

Figura 26- Interações na il Sordo Gelatos



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2019

Figura 27- Interações na il Sordo Gelatos



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2019

A biografia de Breno ou o fragmento de sua vida que nos é apresentado em sua página do Instagram, não é só permeada pelo empreendedorismo ou encontros de negócios. Nesse ambiente virtual, o ator social observado tende a construir a sua imagem como alguém comum. As imagens plasmam, para quem os segue e acompanha diariamente, quer seja na página pessoal ou na página da iL Sordo, o ideal de um indivíduo que trabalha e está na frente de batalha do seu empreendimento e que, ao chegar em casa recebe o carinho dos seus pets, que possui amigos e é afetuoso, um bom filho com uma família amável.

Ou, o empreendedor que é entrevistado no programa da emissora local, que se tornou referência para jovens e adultos, que leva o sobrinho na escola e faz questão de demonstrar que já se enxerga como pai, que é espiritualizado, que viaja e se aventura com o quadriciclo, que estuda para se aperfeiçoar com aqueles que ele entende que são os melhores em sua área de atuação, que vai à praia e como bom companheiro, se diverte com a sua esposa. Através da imagem, Breno nos mostra inúmeras facetas de uma vida empresarial, mas também comum. E como indivíduo Surdo, provoca os seus seguidores a se perguntarem: “se o mundo fosse surdo? ”.

Tomando como ponto de partida seu perfil do Instagram, Breno instiga a

pensarmos todos que a sua mídia digital, assim como a maioria dos perfis da referida empresa, não está tratando de evidenciar uma narrativa de vida, seguindo parâmetros cronológicos, como se houvesse o início, um meio e o rumo para algum lugar. Esse exercício de escavar, resgatar e analisar a memória do tempo presente, incide em compreender que a imagem válida uma existência de um indivíduo Surdo dentro da cultura surda.

Logo, a relação da imagem com Breno, enquanto empreendedor Surdo, é uma semelhança, sobretudo de produção de significados. O que está sendo colocado em sua historicidade é a narrativa de alguém que, sendo parte da macroestrutura – que tanto produz significados e normatiza – também pode subjetivar a comunicação hegemônica e aqui, quando falamos de comunicação, falamos como uma força de agenciamento maior, em que se desenvolve novas formas de experienciar a vida.

O papel das mídias sociais na validação do indivíduo em sociedade, na pós-modernidade, corrobora para uma ideia de que você só existe se for uma partícipe de alguma rede social digital. Nesse sentido, imaginemos o cenário em que um indivíduo Surdo, em um país em que a juventude é desprovida de perspectivas em relação ao bem-estar social, busca justamente validar a sua existência portando educação e comunicação não convencionais em um meio excludente.

No entanto, ele passa a ressignificar como as pessoas enxergam a sua existência, se adequando aos parâmetros mínimos da cultura que exclui. O Instagram se torna, nesse contexto, uma ferramenta estratégica para um embate cultural. Breno quer reescrever a sua história e de muitos Surdos, mas também anseia em ser aceito na lógica cultural vigente. Se houvesse uma linha do tempo do Instagram de Breno, ela revelaria que o seu local de nascimento foi a primeira imagem postada como empreendedor. Ali, para Breno, a sua vida estava realmente começando, pois ele mesmo estava protagonizando a sua trajetória empresarial. Essa é a trajetória que Breno nos mostra a sua garra e força para driblar os obstáculos da vida.

CAPÍTULO III

PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DOS TRABALHADORES SURDOS NO iL SORDO GELATO EM ARACAJU/SE

“ Nossas visões de mundo é fruto de nossas experiências no mercado de trabalho e constituem parte importante para pensar nosso lugar dentro da sociedade, somos particularidades de uma sociedade tão injusta”
(MANGUEIRA, 2023).

As ideias tecidas que abre o presente capítulo fazem parte do exercício de compreender as experiências e percepções dos trabalhadores surdos no iL Sordo Gelato em Aracaju/SE. O ponto de partida foi se aproximar das trajetórias profissionais desses trabalhadores dentro e fora dessa Gelateria. Por isso, as investidas analíticas que fiz, neste estabelecimento, potencializou o meu universo reflexivo. Ao estranhar suas práticas, registrar, captar os sentidos e significados elaborados nessa espacialidade. Como foi demonstrado, as suas subjetividades levaram a deter diferentes sensações perpassando a ideia de dor e exclusão até a concepção de representação, satisfação e felicidade categorias analíticas acionadas o tempo todo em nossas interações para distinguir suas inserções no mundo do trabalho.

O período em que observei sistematicamente esses trabalhadores Surdos, nos últimos anos, potencializou captar as formas que se colocavam dentro da sociedade e como a ideia de trabalho era trazida em suas narrativas. Para além disso, como os surdos e ouvintes construíam uma ideia de si e do outro, porém constatei que a empresa buscava alternativas para dissolver esse binômio nos processos relacionais ativados nesse cenário.

Durante esse momento de estranhamento, mas também de sensibilidade foi possível apreender que a ideia de *tempo disponível* e *preenchido* aparecia em suas falas para designar seu status de trabalhador ou desempregado, palavras chaves acionadas e que aparecem a todo momento nos discursos desses interlocutores. Em outras situações emergiram reflexões sobre o lugar da pessoa surda no mercado de trabalho, percebi em alguns diálogos, na empresa iL Sordo que isso eram feitos pelos os clientes que envolvia a concepção de *horário fixos*, operacionalizados para tratar esses colaboradores que possuíam carteira assinada.

Em contrapartida, um ou outro, sempre comparava com aqueles que não foram incorporados no mercado de trabalho formal que eram descritos como fazendo parte da

informalidade e tendo mais “flexibilidade”, ou seja, a concepção criada de horário disponível era explicada por duas vias: a primeira, que esses colaboradores afastados dessa realidade possuíam aposentadorias o que já garantia uma estabilidade.

A segunda ideia desses clientes, que foi corriqueira, estava relacionada ao problema da interação que se deu pelo campo da comunicação entre surdos e ouvintes, levando-os a se inserir em trajetórias de trabalho no mercado informal, trazendo à tona uma outra dinâmica de atuação em diferentes frentes.

Naquele momento, examinei com mais cuidado essas colocações e observei por parte dos trabalhadores surdos uma outra perspectiva que desmontava esse olhar exótico em torno da comunicação. Em suas vertentes o problema também se constitui no processo de comunicação, porém foi necessário compreender os processos de exclusão e segregação que firmaram certos preceitos sobre a comunidade surda ao longo do tempo. Atualmente, essas questões são mobilizadas em suas lutas para o fortalecimento de suas inserções e permanências nos espaços sociais, sendo um deles o mercado de trabalho formal.

Contudo, nosso interesse foi se aproximar das percepções ativadas nessa gelateria composta por trabalhadores Surdos que evidenciam na cena suas trajetórias, experiências e visões de mundo.

3.1 Percepções sobre as trajetórias profissionais dos trabalhadores surdos II Sordo Gelato em Aracaju/SE

Na sexta-feira 03 de junho de 2016 às 11:00 da manhã, estava do outro lado da rua a olhar a Gelateria, no bairro Coroa do Meio, um dia ensolarado de muita movimentação na cidade. Em uma pequena galeria, na loja II é que se iniciava mais um dia de trabalho de algumas pessoas surdas.

Aos poucos chegavam os funcionários que eram três, além dos clientes a esperar abertura do estabelecimento. Ao aproximar do espaço deparei com a seguinte colocação de uma pessoa, que salientava, “que coisa mais interessante a integralização dos surdos no trabalho aqui em Aracaju, isso é algo que nunca passou em minha cabeça, digo mais, isso é efetivação de um projeto de sociedade plural” (E 01, 2016). A sua amiga ao lado explanou: “menina não é verdade que ele conseguiu uma alteração do modelo de

inclusão na sociedade, ele está de parabéns que pena que é, só em Aracaju” (E 02,2016).

Naquele momento, fiquei pensativa, tentando fazer o exercício de estranhamento das informações que eram compartilhadas. Além disso, a pensar como a etnografia se dava de diferentes formas e maneiras. Inclusive na subjetividade em que se dava a coleta de dados sobre o meu campo. A ideia de integralidade exposta no campo, fez compreender sua operacionalização analiticamente. Desta forma, a expressão integralidade da pessoa surda serviu para entender um pouco de como as pessoas ouvintes interpretavam tais fatos, ao mesmo tempo que destacava o quanto foi oportuno estabelecer a inserção desse segmento que se encontrava distante do cenário de trabalho.

Não se pode esquecer que a categoria trabalho é pensada a partir da ideia de sentidos, ou seja, a questão das diferentes definições que essa palavra carrega na construção social do indivíduo e da sociedade. Essa atividade carrega significados que impactam na (re) construção de identidades/papéis e na (re) definição de normas e estilos de vida.

Ao adentrar nos contextos históricos, verifica-se que o significado do trabalho, tem sido associado a diferentes valores sociais positivos e negativos e a diferentes sistemas sociais. No mundo moderno as diferentes dinâmicas que envolvem a questão do trabalho, desde a troca para o assalariado. Assim, não tem como refletir a sociedade sem olhar o lugar central que o exercício laboral assume na vida humana conforme destacou Bertol (2009).

Na situação da pessoa surda, deve-se levar em consideração que o estabelecimento de novas relações de trabalho, como a subcontratação, as atividades paralelas e o auto emprego altera as paisagens do mercado econômico, e ao mesmo tempo, muda as relações sociais. Ademais, é pensar o trabalho fora do emprego, isto é, de relações formais de longo prazo e sem vínculo pleno com uma organização, ao trazer para a cena dos debates públicos e acadêmicos a relação entre o trabalho formal e informal na sociedade e a própria noção dessa categoria pelos atores sociais envolvidos, como eles entendem e definem tais práticas (BERTOL,2009).

Retomando a ideia de trabalho, constata a preocupação dos funcionários em ter um trabalho formal que garantisse o direito trabalhista. Em diálogos informais com eles, foi possível sentir, ora a felicidade em ter sua carteira assinada e, ora a preocupação em

conseguir manter-se no estabelecimento em foco. Em virtude de muitos se encontrarem na informalidade, exercendo diferentes atividades.

Em três anos de acompanhamento mensais no espaço, foi possível registrar diferentes sociabilidades em que a integralidade da pessoa surda naquele contexto. Além de observar diferentes projetos que eram criados dentro do seu universo, o que corroborou para apreender a dinâmica empresarial de Breno Oliveira.

Em 20 de dezembro de 2018, nos chamou a atenção um grupo de pessoas surdas. Nesse sentido D8 ressaltou: “vamos comemorar mais um ano de vida, em virtude de fecharmos o ciclo educacional, hoje podemos tomar muito sorvete” (D8,2018). Interessante que suas palavras foram cruciais para pensar o contato do grupo e sua necessidade em celebrar os rituais de passagem educacional que visualizava na cena.

Em outra circunstância, acompanhei um grupo de professores surdos oriundos de vários estados que ficaram encantados com o lugar. Um deles ressaltou: “a cidade de Aracaju me surpreendeu, eu nunca tinha visto um lugar tão organizado, limpo e de pessoas educadas, porém um pouco tímidas (risos) [...] amei e voltarei e aqui, especificamente no il Sordo que é o espaço mais inclusivo que vi, tendo produto de qualidade que adoça nossa vida e encantou me ao incorporar os trabalhadores surdos e com as ferramentas didáticas para que surdos e ouvintes possam interagir” (SANTOS, 2018).

A colocação de Luiza Santos, trazia uma visão desse empreendimento e de sua relação com a cidade que se encontra inserida. Também foi possível captar no grupo de professores suas expressões de contentamento quando visualizaram a presença de funcionários surdos em toda a instância empresarial. Não se pode esquecer do que foi sinalizado da importância dos instrumentos didáticos implementados para dinamizar a relação do recinto com o público que consome esse universo, criando assim, um espaço interativo que se diferencia de outros segmentos comerciais.

FIGURA 28: Recursos Didáticos de interação na il Sordo

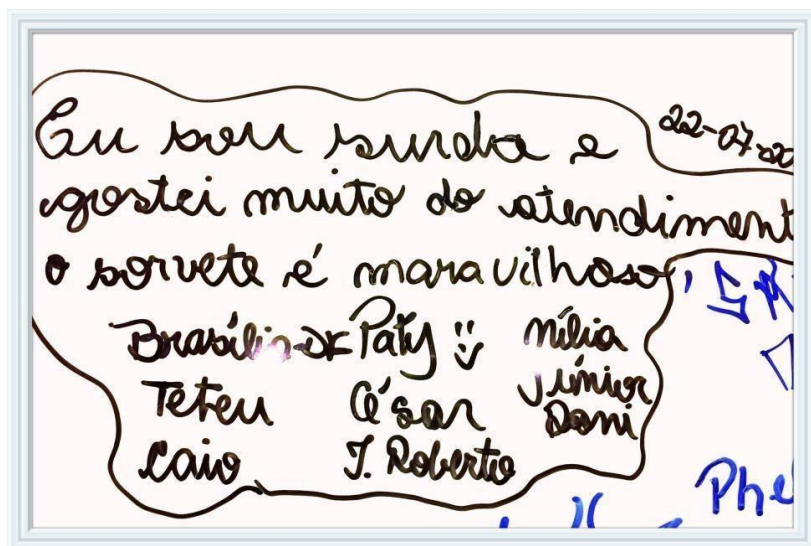


Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2019

Um do marketing enfatizava a importância de uma equipe unida que pudesse garantir o bem-estar de todos que se encontravam atuando nesse ramo. O que evidencia uma certa preocupação com a imagem da empresa. Foi possível visualizar isso em diferentes entradas tanto no Facebook, como no Instagram espaços que são publicizados em várias atividades da empresa. Lá se encontram fotos de capacitação da equipe, material de divulgação dos produtos lançados, entrevistas concedidas, participação em edições de programas de alimentação, destacando seu empreendedorismo no ramo.

Os produtos comercializados, são sorvetes elaborados com as técnicas italianas, cafeteria, tapiocas regionais, tortas e sobremesas. Portanto, apresenta um leque de possibilidades de consumo em seu interior.

FIGURA 29- Gelatos comercializados na il Sordo



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2019

Além de investir nos últimos anos no ramo de delivery o que ampliou as vendas. A entrevista C1, enfatizou: “Temos muitas opções de consumir e o legal é que tudo é divulgado no Facebook e Instagram, lá podemos compartilhar e interagir em rede. Eu mesmo gosto de me deslocar para o centro da loja, aqui é muito aconchegante e diferente de comer em casa. O meu sinal de surda foi alterado/ lá por uma amiga que agora está relacionada a tomar sorvete (rsrsrs) tenho dois sinais pois não sou obrigada! ” (C1, 2018).

As suas palavras nos fizeram refletir sobre as dinâmicas de interação nesse processo de integralidade que se efetivou em um espaço e no grupo que nos encontramos inseridos, ou seja, foi possível visualizar as formas como eles se colocam no mundo e suas diferentes maneiras de experimentar a vida. Outro ponto importante foi a ressignificação do sinal para especificar modos de consumo de produtos comercializados neste espaço ampliando a sua identidade surda.

Em alguns momentos, percebe-se as sensações de ouvintes que ficavam com

medo de não conseguirem se comunicar, outros sem receio tentavam arriscar alguns gestos para se aproximar da realidade em questão. Apresentando assim, a complexidade relacional entre surdo e ouvinte que agora visualizava de forma mais densa. O empresário Breno Oliveira destacou que os clientes: “[...] que passam por ali todos os meses dão de cara com folhetos breves, que são verdadeiras aulas de inclusão: eles explicam como se dirigir aos atendentes e que se deve apontar suas escolhas de sabor em vez de verbalizá-las.” (OLIVEIRA, 2021). Em um aparelho de TV, os profissionais do local surgem em vídeos ensinando expressões como “bom dia”, “boa tarde” e “obrigado” em libras. Boa parte da clientela faz questão de aprender os sinais, a fim de usá-los nos pedidos (VENAGLIA, 2021).

Nesse sentido, busca investigar a própria ideia de inclusão proposta por este empresário em seu ramo comercial. Ao interrogar as bases e ao mesmo tempo perceber sua utilização em diferentes momentos da gelateria. Diante desse cenário, pude detectar os diferentes posicionamentos sobre a própria noção de inclusão que se estabelecia naquele contexto. Não é por acaso que Bruno Santana ressalta:

“Isso que é inclusão trazer aqueles que não apareciam para o palco. Ver os meus, trabalhando é uma honra! Me sinto representado que felicidade em ter o espaço dedicado ao surdo. Lá passamos diariamente para ver e conversar. Às vezes até uma paquera rola, porém sou estudante e não tenho dinheiro para comprar o sorvete, eu e os amigos e amigas enfrentam a mesma situação. Uma bola é dividida por todos por causa do valor do sorvete” (SANTANA, 2021).

A fala de Bruno Santana contribuiu no exercício analítico para pensar a categoria de inclusão ao demonstrar que o ambiente é consumido por alguns surdos apenas como espaço interativo de sociabilidade e de fortalecimento da comunidade surda. A descrição em questão, salienta o processo de partilha entre os seus que não conseguem ter acesso aos produtos disponibilizados para compra, em virtude de não ter condições financeiras. Nesse sentido, pode-se problematizar o discurso de inclusão sustentado por Breno Oliveira ao deslocar o sentido para outra dimensão, não apenas trabalhista, mas também no que se refere a quem pode consumir tais produtos.

Isso não invalida a sua empreitada que conseguiu inserir o surdo de forma mais representativa em outro ramo de trabalho. Assim, o corpo aparece como expressão humana ao mergulhar nas questões referente a relações de trabalho dos surdos, podendo assim aproximar de suas reflexões para observar como esses corpos são lidos,

traduzidos e interpretados no contexto social (LE BRETON, 2009).

3.2 – Experiências dos trabalhadores surdos Il Sordo Gelato em Aracaju/SE

A investida analítica deu-se nas interações dentro da Loja matriz iL Sordo, nas observações dentro desse espaço estabeleci contato com cinco colaboradores que concederam entrevistas que serviram para o desenvolvimento dessa pesquisa, são eles: Renata, Lucas, Maycon, Lenaldo e Adriano. Tais colaboradores aparecem com maiores frequências nas experiências relacionais dentro desse estabelecimento.

Em 15 de junho de 2022, realizei uma entrevista com o colaborador da il Sordo Lenaldo Silva de Araújo. Desloquei-me até a empresa com o roteiro de entrevista semiestruturada e impressa, enviando uma mensagem por WhatsApp para confirmar a entrevista e o mesmo, logo confirmou o encontro. Ao chegar ao local foi possível estabelecer diálogos com outros trabalhadores surdos e surdas: Renata, Maycom, Lenaldo que foram fundamentais no entendimento das atividades que executa nessa espacialidade. Depois, tive que solicitar ao empresário Breno Oliveira se poderia nos conceder um tempo para realizar a entrevista com o colaborador Lenaldo. Breno respondeu que sim, que poderíamos subir para área superior, pois na quarta-feira estava tranquila a loja (CADERNO DE CAMPO, 2022).

Também perguntei se poderíamos filmar nossa entrevista e ele respondeu que tudo bem. Assim, a realização da entrevista com Lenaldo, dentro do que foi proposto no Bloco 1, isto é, um momento em que se coletou *o perfil do entrevistado, nome, idade, estado civil, formação, tempo de trabalho* na empresa iL Sordo e classificação do trabalho.

Foi possível observar o perfil do entrevistado Lenaldo Silva de Araújo, homem de 27 anos, residente no bairro Eduardo Gomes, na grande Aracaju, atualmente solteiro, com terceiro ano completo do ensino médio, tendo sua formação no IPAESE (Instituto Pedagógico de Apoio à Educação do Surdo de Sergipe), escola de referência para estudo das pessoas surdas no Estado de Sergipe que, vai do ensino fundamental até o ensino médio. O colaborador Lenaldo nos relatou que já trabalha na sorveteria Il Sordo a quatro anos e sete meses com a classificação de jornada de trabalho de 40 horas.

Como já foi constatado, anteriormente, a admissão de surdos, no mercado de trabalho, nem sempre se constitui como uma pauta de inclusão, numa tentativa de

propiciar novas formas de inclusão e permanência. A procura se dá exclusivamente porque, a maior parte desses surdos se encontram em circunstância de necessidade em poder prover a sua família, como é o caso de Lenaldo, que é solteiro, mas é pai do Joaquim. Por isso, ressalta a grande relevância em sua vida, a oportunidade de estar trabalhando na il Sordo Gelato, pois, é justamente através desse trabalho que obtém a sua única renda. Lenaldo reside com a sua mãe, na cidade de Laranjeiras SE e sua antiga companheira é surda.

A trajetória profissional de Lenaldo foi sublinhada pela instabilidade nos empregos e pelo preconceito de seus colegas de trabalho em outros estabelecimentos. Mesmo com a sua passagem laboral por empresas de grande porte, como a Coca-Cola e a Yazaki do Brasil, os seus relatos permeiam o escárnio em que trabalhadores Surdos vivem, no dia a dia, no ambiente, que simboliza, como muitos deles dizem, a dignidade do indivíduo. O contexto de trabalho descrito por ele, evidencia a exclusão em que trabalhadores ouvintes, por não conhecerem a Língua Brasileira de Sinais, o ignorava e estigmatizava.

Isso é evidente quando as pessoas surdas sinalizam que ficava confuso em meio às atividades do trabalho, por não ouvir, nem dominar o português. No caso analisado, até mesmo dos grupos de WhatsApp, mantinham Lenaldo excluído. Relatou que sempre observou em sua rotina, como essa exclusão se dava a partir da leitura que fazia acerca dos corpos e dos olhares atravessados de seus colegas de trabalho.

Na il Sordo, segundo as ideias de Lenaldo, o ambiente é totalmente diferente e as relações entre os colaboradores e a gerência, se dão de forma harmoniosa. O sentimento que nutre dentro do contexto, em que seus colegas de trabalho são surdos, também, é de grande expectativa e como consequência disso, faz com que tenha um melhor desempenho como colaborador. Nos contou que aprendeu rápido a montar os gelatos e esse aprendizado durou apenas três dias e que, é, bastante ágil nas atividades laborais. Desse modo, os desafios que enfrentou, diariamente estão fora do ambiente profissional que se encontra vinculado.

Aliás, quando Lenaldo precisa sair do trabalho para retornar para a sua casa e obter o seu desejado descanso, destaca que precisa se deslocar de ônibus e como o serviço é ruim, surge a necessidade de se locomover através do aplicativo Uber. Isso

gera, obviamente, um gasto maior em seu orçamento. Assim, salientou que se apresenta ao trabalho às 10h e finaliza sua jornada mediante as oito horas de trabalho. Além de montar os gelatos e atender os clientes, organiza o ambiente de trabalho em que desenvolve sua atividade, ficando também responsável de atualizar os novos sabores dos gelatos que vão, eventualmente, chegando na loja.

O principal desafio externalizado pelo nosso ator social entrevistado foi como preconceito de alguns clientes que são ouvintes, principalmente os idosos e idosas, que possuem, naturalmente, dificuldade de utilizar tecnologia para se comunicar ou aprender a Língua Brasileira de Sinais. Por vezes, já foi surpreendido com esse perfil de clientes que “ficam julgando e estranhando ser Surdo, outros ficam nervosos, falam alto, pensando que estou escutando” (ARAÚJO, 2022).

Figura 30- Entrevista com o Trabalhador Lenaldo



Foto: acervo pessoal da pesquisadora Suzy Lisboa, 2023

Na visão de Lenaldo, gradativamente é possível estabelecer uma relação equilibrada entre Surdos e ouvintes. Para ele, a “verdadeira inclusão” ocorre quando todos possuem as mesmas oportunidades de aprendizado. Ressalta que os ouvintes que cometem preconceitos, talvez, porque não tiveram acesso ao conhecimento da Língua Brasileira de Sinais, muito menos à cultura Surda. Ele tem percebido que, mesmo com esse cenário de exclusão, muitos indivíduos ouvintes se mostram interessados em receber o atendimento em LIBRAS e aprender um pouco com o Surdos.

Parece que para uma parte dos trabalhadores Surdos, a visão de seus iguais como empacotadores de supermercados por dez ou quinze anos, soa como uma imagem aterradora. É nessa visualização de plano da realidade em que se configura, no olhar do Surdo, a exploração da classe trabalhadora e mais especificamente, de trabalhadores PCDs. Em contrapartida a esse cenário desestimulante para a comunidade de indivíduos Surdos, Lenaldo relata que o seu trabalho na Il Sordo Gelato é extremamente gratificante, pois de fato ele se vê numa relação de pertença a um espaço constituído por pessoas que enfrentam os mesmos desafios no dia a dia. Atualmente, atende “(...) os clientes ouvintes sem medo ou receio de errar (...)” (ARAÚJO, 2022).

A próxima entrevistada é Renata Manguiera de Souza. Iniciamos a entrevista agendada, como combinado e autorizado pela empresa, no horário estabelecido e disponível para realização da mesma. Para estabelecermos comunicação, assim como aconteceu com o último entrevistado, foi necessário o uso da LIBRAS. Renata tem 29 anos e está solteira. A sua origem educacional se deu integralmente no IPAESE e logo depois, tendo estudado na Universidade Federal de Sergipe, no curso de Letras/Libras, onde está no último período do curso.

No olhar de Renata o trabalho representa em sua vida a possibilidade de ganho financeiro para poder pagar as contas e comprar o que for necessário. Ela nos contou que o desenvolvimento de atividades laborais acaba estabelecendo um sentimento de pertencimento em relação à sociedade, principalmente porque o trabalho a estimula, a estar em comunicação com as pessoas, de modo que possa construir outras relações pessoais e profissionais.

Observei que, ao expor as experiências vividas por Renata, em outros empregos, a exclusão foi uma constante imposição de seus colegas de trabalho e coordenadores de RH, por exemplo. Contexto o qual identificamos com os trabalhadores e trabalhadoras que estão inseridos na cultura surda. Renata nos revela que se sentiu, em muitos momentos, solitária e angustiada, por não conseguir se comunicar, nem se fazer entendida no ambiente de trabalho. Em algumas situações de tensão no ambiente laboral, pode desenvolver a leitura labial, o que a fazia se sentir pior, pois as conversas que aconteciam entre os trabalhadores ouvintes diziam respeito a sua condição enquanto PCD.

Diferentemente dessa realidade de exclusão, ao desempenhar suas atividades laborais na Il Sordo Gelato, Renata se sente à vontade para expor os seus problemas, no ambiente de trabalho, principalmente com Breno, o seu chefe, que eventualmente a ajuda nos direcionamentos. De uma maneira geral, ela se sente acolhida e compreendida, em estabelecer a comunicação da LIBRAS com os seus colegas de trabalho e também com os clientes, quer sejam: ouvintes ou Surdos.

Figura 31- Entrevista com a colaboradora Renata



Foto: acervo pessoal da pesquisadora Suzy Lisboa, 2023

Quando indagada sobre o contexto do empreendedorismo Surdo, no Brasil, Renata falou que possuía uma visão um pouco deturpada, como se essa atividade fosse restrita aos trabalhadores autônomos Surdos, que vendiam artesanato ou produtos, nas ruas. Esse cenário contrasta com a proposta de se ter uma microempresa, como a Il Sordo Gelato, onde é possível desenvolver a expansão do negócio, agregar colaboradores Surdos, se utilizar da Língua Brasileira de Sinais. Consideramos curioso como a sociedade faz com que os seus indivíduos – e em específico a sociedade

brasileira – assimilam ideias limitadas, sobre seus próprios grupos de origem, sobre quem são e o que podem fazer com as suas próprias trajetórias profissionais.

Renata ressaltou que o preconceito se estabelece justamente no silêncio e na ausência de ações do poder público frente aos desafios de se construir um tecido social mais inclusivo (SOUZA, 2022). Assim, para a camada de trabalhadores e trabalhadoras da comunidade Surda, que não possuem desenvolvimento econômico, de forma a romper com essas barreiras do mercado, a visão de empreender é dramaticamente limitada. Quando se observa o acesso ao capital financeiro por parte de indivíduos Surdos, enxerga-se como esse cenário propicia o rompimento da bolha, como foi o caso de Breno.

De forma geral, percebe-se que um profissional surdo é uma pessoa com deficiência auditiva que tem habilidades e competências profissionais em sua área de atuação. Eles podem ter recebido educação e treinamento na mesma medida que indivíduos com audição normal e sua capacidade de trabalho não é afetada pela falta de audição. É importante que as empresas e organizações ofereçam acomodações para garantir que os profissionais surdos tenham igualdade de oportunidades no ambiente de trabalho. Isso pode incluir intérpretes de linguagem de sinais, tecnologias de acessibilidade, comunicação visual, entre outros recursos.

Nessa linha, acaba sendo essencial valorizar e reconhecer as contribuições dos profissionais surdos e promover uma cultura inclusiva no local de trabalho. Compreende-se que a classificação de profissional Surdo é uma identificação para uma pessoa surda que possui uma profissão e habilidades especializadas em determinada área. Essa classificação reconhece a diversidade da comunidade surda e a importância de valorizar suas habilidades e conhecimentos em suas carreiras. Também reconhece que a surdez não é uma limitação para o trabalho ou a produtividade, e que muitas pessoas surdas são altamente qualificadas e experientes em suas áreas de atuação. É importante promover e incentivar oportunidades para esses profissionais surdos, garantindo a acessibilidade e a inclusão no ambiente de trabalho (BIGOGNO, 2013; MELLO, 2019; LISBOA, 2022).

O principal entrave do mercado de trabalho para os Surdos, na visão de Renata,

ainda é a comunicação. Segundo ela, as empresas não disponibilizam acessibilidade ou intérpretes para intermediar as relações entre ouvintes e Surdos. É uma constante nos depararmos com ambientes de trabalho em que o trabalhador Surdo é colocado em uma posição subalterna. Não obstante, a visão cristalizada e tão relatada pela comunidade surda, em que não se veem como empacotadores de supermercados, se constrói como regra, no Brasil. A sociedade não os imagina, como gerentes de empresas ou como os seus próprios empreendimentos. Também como diretores, advogados, executivos, juízes, médicos, engenheiros, professores dentre outras áreas de atuação.

Renata destaca que os processos seletivos para vagas de trabalho são excludentes para as pessoas surdas, porque as mesmas carregam o estigma da deficiência. Nesse movimento Goffman (1988), nos orienta a refletir que os ambientes sociais oferecem o lugar apropriado de se perceber as dinâmicas de classificação e enquadramento das pessoas vistas como diferentes, ou seja, as disputas no interior das relações são firmadas através da manutenção de uma certa normalidade. Desta forma é que se pode observar os efeitos estruturais das sociedades, seus modos de distinções que produz na cena a supressão dos sujeitos estigmatizados.

Por outro lado, os empregadores ouvintes não enxergam a capacidade do trabalhador Surdo e entendem que a comunicação através da Língua Brasileira de Sinais/LIBRAS, acaba se tornando um empecilho para as relações de trabalho, principalmente porque haveria necessidade desses empregadores, em capacitar os seus profissionais e isso, demandaria tempo e investimentos. Tais circunstâncias só se agravam, para a comunidade surda, quando se considera a falta de recursos na área de educação para Surdos.

Na época da pesquisa, percebi que muitos trabalhadores Surdos são contratados, em empregos convencionais, ou seja, o ambiente profissional que não propicia acessibilidade aos Surdos, há etapas de treinamento em que as empresas negligenciam quando esse conteúdo é transmitido, visto que esse conhecimento é produzido apenas para os ouvintes, demonstrando a carência e a não adaptação da Língua Brasileira de Sinais. Em um giro rápido pelas mídias digitais, quando se observa os produtores de conteúdo que são diretamente direcionados aos ouvintes, parte considerável deles produzem informação através de vídeos que são publicados sem legendas para os Surdos que seguem e gostariam de apreender o que está sendo

colocado.

Além disso, a colaboradora Renata obteve conhecimento do processo seletivo da Il Sordo através de um grupo sobre comunidade Surda, no WhatsApp e também, em uma publicação no Instagram. Ressaltou nas entrevistas que todos os direitos trabalhistas são cumpridos pelo empregador e a sua carteira foi assinada, além de receber um salário e mais 50% do salário do Benefício de Prestação Continuada.

De acordo com o seu relato, por muitas vezes o ambiente de trabalho era sinônimo de adoecimento. O estresse era uma constante em sua vida profissional e isso, evidentemente, afetava sua vida pessoal. Não tendo a possibilidade de estabelecer relações saudáveis com os seus colegas de trabalho, nem com os seus chefes, acabou se vendo isolada e tomada pela tristeza.

Quando Renata rememora a sua vida profissional, no passado, e compara com o presente, desempenhando suas atividades na Il Sordo evidencia uma realidade bastante diferente. A sua saúde física e mental melhorou, a sua trajetória profissional é valorizada e a sua existência é validada. Algumas portas se abriram nesse breve período como colaboradora da referida gelateria, como por exemplo, “melhorias financeiras, oportunidades de networking, conexões pessoais, estabilidade e segurança no trabalho” (SOUZA, 2023). Sem dúvida, um momento de grande realização pessoal.

A respeito das relações, no ambiente profissional, entre colaboradores Surdos e clientes ouvintes, a funcionária Renata explica que toda a “(...) relação é de Colaboração e trabalho em equipe, na gelateria Il Sordo é essencial que surdos e ouvintes trabalhem juntos e colaborem de forma eficaz” (SOUZA, 2023). Isso envolve estratégias para superar barreiras de comunicação. São oferecidos aos clientes ouvintes cardápio, bastante interativos com preços, tamanhos, sabores de todos os produtos, encontra-se em um espaço visual que possui televisores com pessoas surdas, sinalizando os produtos em libras e sinais de saudações para que nossos clientes ouvintes ou surdos que também não sabem língua de sinais, mas, querem aprender.

Figura 32- Atendimento especializado na il Sordo



Foto: acervo pessoal do Empresário Breno Oliveira, 2023

Ambos os trabalhadores surdos sinalizaram a importância dos novos concorrentes de se aperfeiçoarem na área de atuação que buscam se inserir dentro do mercado de trabalho. Esse movimento acaba sendo algo contínuo, pois a qualificação se torna um diferencial para o desenvolvimento da empresa. Nesse sentido, a il Sordo Gelato disponibilizou, para Renata e outros colaboradores Surdos, treinamento de Barista, curso de LIBRAS, atendimento ao cliente e algumas palestras e prática para a produção de gelatos.

Em diálogos com Renata declarou que está satisfeita com o seu emprego na referida empresa, todavia, deseja seguir a carreira na área de Administração. Afirmou que ainda tem como sonho participar de um curso de corte e costura de roupas para assim, abrir um comércio nesta área.

É possível colocar aqui, dentro do campo etnográfico, tomando o espaço da gelateria il Sordo, como um local de antagonismos, mais especificamente, entre trabalhadores Surdo e clientes ouvintes. Para Renata, na maioria das vezes, se cria uma tensão quando um cliente ouvinte faz o seu pedido e não consegue estabelecer comunicação com os trabalhadores Surdos. Muitos desses clientes, por estarem com

pressa, escrevem rápido e como consequência, as letras ficam ilegíveis.

Na falta de compreensão do que foi escrito, Renata se sente angustiada e quando esses momentos de tensão escalam para a agitação e confusão, portanto, passa a ficar desesperada, porém ao longo do tempo, com os treinamentos para essas circunstâncias, a paciência e a calma se foi trabalhada, elementos necessários que auxiliaram a contornar os obstáculos da comunicação. Como alternativa, utilizou como estratégias o ato do cliente ouvinte apontar para o produto ou sinalizar no cardápio.

Existe um aspecto comum que foi possível observar, em indivíduos analisados em estudos sobre grupos sociais, no Brasil. Muitos desses indivíduos têm por particularidade, assimilar a lógica social dos grupos hegemônicos, como uma forma de serem aceitos e vistos como agentes sociais em seus meios e trajetórias. No caso das crianças que já nascem surdas, por exemplo, há uma quantidade significativa de famílias que impõem a essas crianças, a língua vigente, ou seja, o português. Negam a possibilidade dos Surdos se comunicarem através da Língua Brasileira de Sinais, quando estão na fase principal de desenvolvimento infantil. Esses pontos foram sinalizados pela funcionária Surda entrevistada Renata.

Provavelmente, isso ocorre porque as famílias que possuem filhos e filhas que já nasceram surdos, têm como preocupação a adequação de suas crianças na sociedade e também, porque precisam ser vistas como “normais”. É a estratégia do indivíduo em relação à sociedade, que assimila para ser aceito. Em específico, no caso de Renata e sua família, houve a proibição de comunicação através da LIBRAS. Para estabelecer comunicação com indivíduos ouvintes, ela era forçada a fazer leitura labial, usar aparelho auditivo e oralizar. Segundo consta o seu depoimento, esse esforço era para atender ao desejo da sua família e isso se sucedeu por muitos anos, até o momento em que ela passou a estudar no IPAESE – quando chegou aos 13 anos – e ter de fato, acesso à educação para Surdos. Destaca, inclusive, que antes da fase de aprendizado na referida instituição, sofria bastante com dores de cabeça e nos olhos.

Durante o desenvolvimento do trabalho etnográfico, nós antropólogas e áreas afins, lidamos às vezes com as barreiras que encontramos nas entrevistas. Indubitavelmente se utiliza um caderno de campo onde, basicamente se pode descrever o que está se vendo e refletindo, anota-se detalhes e estranha-se, além de guardar as

informações que serão primordiais para a produção do conhecimento sobre um indivíduo ou seu grupo social. Nem sempre consegue as entrevistas com os atores sociais que estão sendo observados. Há momentos em que consegue os depoimentos só com uma conversa, sem ser gravada, há momentos em que é possível captar as sensações, até apreender as cenas através das filmagens que nos conduz a captar o que está sendo questionado e respondido. Diante disso, a negociação do campo se constitui com um exercício, o tempo todo, revelando-se como uma circunstância diferente para cada campo de pesquisa.

Lucas Albuquerque de Carvalho é uma pessoa Surda e deficiente visual, se encontra como colaborador na Il Sordo Gelato. Em primeira mão, destaco que foi bastante difícil conseguir uma entrevista com Lucas. Realizei uma primeira aproximação, informando o nosso objetivo a importância do seu depoimento para a construção do saber antropológico e para compreensão da cultura surda. De nada adiantou, pois sempre que havia essa aproximação de forma presencial, Lucas se mostrava um pouco desconfortável e ansioso. Só a partir de um contato maior, com mais conversação e sem os compromissos da entrevista, que o nosso ator social resolveu, gentilmente, conceder o seu olhar sobre o objeto ao qual estava analisando aqui.

Na coleta de informações com Lucas, estabeleceu, gradativamente, uma conversa despreocupada, com perguntas básicas, como por exemplo a sua idade, o seu estado civil, sua formação e o seu nome. Noutro momento realizou-se uma segunda tentativa e ainda foi possível captar o seu desconforto. Tentou transparecer calma, de forma que se sentisse acolhido e não pressionado a falar. Informei que havia a possibilidade de ele interromper a entrevista a qualquer momento, caso não estivesse bem e respondeu que poderia contribuir com algumas perguntas, mas com a condição de que suas respostas seriam de forma curta e objetiva. Deste modo, combinou-se o dia, horário e local no encontro, seguindo o roteiro da entrevista.

Sobre o trabalho, enquanto um recorte de análise antropológico, Lucas entende que, desenvolver profissionalmente as suas atividades faz com que se sinta satisfeito. É como se o mesmo percebesse o seu papel dentro da sociedade, tanto particularmente, como para família, além de poder obter um salário, de modo que pudesse se sustentar. Provocou a falar sobre o contexto do trabalhador surdo, no Brasil, mas, respondeu que não sabe, porém que está aprendendo a se comunicar com pessoas ouvintes. Observei

em campo que Lucas não possui outra atividade profissional além da exercida na gelateria il Sordo e está concluindo seus estudos no IPAESE. Fiz uma segunda provocação e perguntei como observa a trajetória de outros empresários Surdos, no contexto brasileiro. Respondeu que “somos todos inteligentes surdos e ouvintes, todos podemos ter uma trajetória e trabalhar” (CARVALHO, 2023).

Figura 33- Entrevista com o Colaborador Lucas



Foto: acervo pessoal da pesquisadora Suzy Lisboa, 2023

Quando indagado sobre a sua trajetória profissional, explica que “antes já trabalhei em outra empresa onde todos eram ouvintes me sentia sozinho, ficava muito triste, mas, não lembro o nome da empresa”. Nesse momento, percebi alguma estranheza naquela conversação e logo depois, Lucas através de seu olhar, acaba informando que não queria continuar a entrevista, nem responder mais as perguntas. Agradei pela sua atenção e prestatividade com as respostas, porém foi solícito em registrar uma foto.

Em outra entrevista que realizei, foi possível dialogar com o primeiro colaborador de Il Sordo Gelato, Adriano Araújo da Costa. Faz parte desde o início da

empresa, quando ainda funcionava no bairro Coroa do Meio. A sua atuação, enquanto colaborador, é bastante diferente dos demais colegas de profissão. O ator social observado é, atualmente, folguista. Dentre os entrevistados, Adriano é o único que é delegado por Breno, o seu chefe, para ir até a loja da Il Sordo, em Salvador-BA. Podemos caracterizar ele como alguém muito comunicativo e com vasta experiência, já tendo passado por outras empresas.

Figura 34- Entrevista com o Colaborador Adriano



Foto: acervo pessoal da pesquisadora Suzy Lisboa, 2023

Os desafios enfrentados por Adriano são, basicamente, os mesmos enfrentados por seus colegas de trabalho que são surdos. A experiência do ator social observado no mercado de trabalho evidencia as problemáticas entre as relações de empregadores ouvintes e trabalhadores surdos. As empresas que Adriano teve contato, na maioria das situações que pode acompanhar, percebeu que seus líderes achavam um risco alto contratar Surdos e quanto incorporaram em suas instituições acabam inserindo o Surdo

em atividades básicas, normalmente, em circunstâncias das quais não pode opinar, modificar e aperfeiçoar. Nessas empresas não há políticas de acessibilidade para PCDs.

Em contrapartida, Adriano elucida que prefere trabalhar na il Sordo Gelato, pois o seu chefe é surdo e também os seus colegas de trabalho. Desta forma, observa-se que é uma relação de trabalho construída em um ambiente onde os envolvidos podem se comunicar.

Em todo o desenvolvimento do trabalho de campo, foi possível observar que parte substancial dos entrevistados Surdos não aprofundaram na discussão sobre as questões que eram, para eles, colocadas. Como consequência da não obtenção desses dados e sem poder estabelecer um canal de reflexão sobre o que estava sendo colocado, procurei ampliar as questões em diálogos informais, observações, descrições densas das realidades que se revelavam a todo momento. Tornando-se viável produzir conhecimento antropológico, dentro do recorte da classe de trabalhadores Surdos, embora consideramos que esses diferentes movimentos de coleta de dados, corrobora, também, para uma ideia de obtenção de informação, isto é, preenchendo os vazios que era criado e que não nos propicia informações, se tornando, em si, um dado importante a ser considerado.

Acredita-se que esses deslocamentos em campo complementou as lacunas de informações nessa circunstância etnográfica, porque os indivíduos que estão sendo entrevistados possuíam uma outra forma de interagir no processo de comunicação, sendo os diálogos mais sucintos nas respostas dadas. Possivelmente, os colaboradores Surdos, ao se depararem com um questionário, escrito na língua portuguesa, não tenham a dimensão do significado das palavras e do recorte social atrelado aos seus respectivos conceitos. Portanto, considera-se algumas hipóteses que podem servir de análise para as problemáticas enfrentadas nas entrevistas com os indivíduos Surdos.

A primeira hipótese diz respeito à cultura Surda. Muito provavelmente, a diferenciação cultural entre Surdos e ouvintes pode parecer uma linha tênue, de forma a passar despercebida, mesmo para aqueles e aquelas que possuem um olhar treinado. Se faz necessário levar em consideração, que a cultura Surda é uma identidade e como toda e qualquer identidade é fechada em si, com conceitos e práticas próprias de seu mundo. Ainda que ela flua e se modifique, ao lidar com um grupo social, com agenda própria,

com particularidades e processualidades que se diferenciam de outras identidades com visto em campo.

Se o indivíduo Surdo fala com as mãos e ouve com os olhos, entende-se que o seu corpo é o veículo de comunicação e apreensão de seu próprio universo e de tantos outros das adjacências do social. Como se pode esperar que esses mesmos indivíduos compreendam o conteúdo de significados das nossas perguntas? A educação do Surdo é diferente do ouvinte. Em termos de linguagem e comunicação, logo os significados são diferentes para ambos os grupos. Ainda que, Surdos e ouvintes, ocupem espacialmente os mesmos territórios ou em áreas limítrofes em termos de moradia. É necessário considerar que o processo de exclusão ao qual os grupos de Surdos sofreram, não só no mercado de trabalho, gerou como consequência a edificação de uma educação própria e informal de seus indivíduos.

Basta uma caminhada rápida pela cidade para perceber como os Surdo frequentemente andam em grupos, o que parece um paradoxo, pois mesmo tendo apoio de sua comunidade, se sentem solitários no processo relacional com os ouvintes, balizadas pelo preconceito e exclusão. Ao mesmo tempo, esse cenário pode nos ajudar a compreender a problemática da nossa pesquisa.

A segunda hipótese adentrar em outras realidades de pesquisa etnográfica, principalmente quando as respostas podem comprometer o entrevistado em sua jornada laboral ou pessoal. Por vezes, o simples fato de conceder uma entrevista já é suficiente para comprometer o entrevistado. Muitas dessas entrevistas ocorrem sem a identificação dos atores sociais observados na pesquisa. Nesse sentido, entende-se que há a possibilidade de que os colaboradores Surdos, que não aceitaram seguir com as entrevistas, tenham algum receio de sofrerem alguma perda profissional ou serem perseguidos, em seu ambiente laboral.

Como já foi explicitado, todos os trabalhadores Surdos têm experiência de trabalho em outras empresas e, conseqüentemente, por sofrer com a exclusão, acabaram sendo desligados de seus respectivos postos. Pode ser que a recusa para uma entrevista, para falar sobre o seu trabalho, seja na verdade uma tentativa de não se expor e manter, de todas as formas, a relação empregatícia com a gelateria il Sordo, ainda que exista uma condição favorável para autonomia dos colaboradores Surdos, na referida empresa.

A terceira e última hipótese, diz respeito à possibilidade de os colaboradores Surdos assimilarem algum tipo de sentimento de inferioridade ou vergonha social, por não se sentirem capazes de participarem de uma entrevista. Durante algum tempo, nesta pesquisa de campo, foi possível perceber que indivíduos de outros grupos sociais, entendiam que nada teriam a contribuir com as pesquisas que estavam sendo desenvolvidas.

Naquele momento, captei as sensações dos meus entrevistados e sua relação com os meus interesses investigativos de se aproximar de suas realidades, a justificativa ressaltada dos meus informantes se dava porque eles que acreditavam não falavam e nem se expressam tão bem, para uma circunstância como aquela. Outro fator que pode, também, operar no sentido de gerar a recusa desses indivíduos, é a tecnologia. Alguns deles não se sentem à vontade quando estão sendo filmados.

3.3 – Diálogos e conexões: a construção dos espaços relacionais de sentidos

Ao considerar o trabalho, enquanto categoria de análise antropológica, percebe-se que, no contexto de inserção dos indivíduos Surdos, outras possibilidades de se pensar o processo de visibilização desses atores sociais, frente a constituição do cotidiano em sociedade, nos leva a identificar que a trajetória dos atuais colaboradores da gelateria il Sordo, teve forte influência de forças antagônicas e que acionam diferentes sentidos que são captados no processo relacional. Evidentemente, que isso pode ser caracterizado, por uma observação prática da realidade – quando as relações de trabalho se relevam dramaticamente exploratórias para o Surdos – ou quando se amplia a discussão e abre espaço para um olhar epistemológico dessas mesmas forças a partir de uma percepção sensorial.

Por um lado, principalmente prático da realidade, onde ela se constitui com um embate entre classes sociais, as quais pode-se colocar aqui como aqueles que exploram e aqueles que são explorados. Portanto, ao apreender as experiências profissionais do Surdos, no mercado de trabalho, são construídas relações de poder que se consideram estrategicamente pensadas para desumanizar o Surdo.

O que poderia ser uma atividade que pudesse desenvolver a autonomia desses agentes sociais, acaba por se tornar uma ferramenta em que o grande Capital econômico, encontra como forma de mantê-los em seus postos, sem que se questione quais são as suas condições. Sendo assim, esse campo de embate e gerador de tensões sociais, prescreve a dualidade Conveniente x Inconveniente, a qual pode ser explicada a partir do quadro em que trabalhadores Surdos não se sentem úteis para a sociedade, quando ocupam vagas no mercado de trabalho onde a comunicação é hegemônica.

Todavia, para o empregador, há uma relação de conveniência, porque existe o silêncio e a necessidade de quem trabalha. Quando uma determinada atividade de trabalho deixa de ser funcional, para ser libertadora, então se subscreve uma relação de inconveniência, para quem está empregando. Neste sentido, acredita-se que é necessário refletir o sentido sobre como a conjuntura econômica implica na condição social dos indivíduos que nela vivem.

Em consideração a isso, qual é a necessidade de assinalar a historicidade do trabalho, como condutor das relações sociais entre os Surdos? Talvez porque tal atividade esteve desde os primórdios da humanidade, em suas mais variadas configurações, entre as eras históricas, sublinhando o cotidiano dos indivíduos e materializando os anseios das classes dominantes, quer sejam elas em estados-nações ou entre os povos tradicionais, as relações de trabalho acabam, por conseguinte, a balizar outras relações da sociedade.

No que se refere ao contexto dos trabalhadores Surdos, na atualidade, é o trabalho em si o próprio paradoxo do indivíduo. Quando se fala de trabalho, a palavra e seus significados nos remetem a uma amplitude de cenários. Neste aspecto, procura-se falar do trabalho que não agrega, não emancipa, não desenvolve e exclui, aqueles que não se adequam a comunicação dominante.

As atividades profissionais que são elaboradas e aplicadas, por exemplo, na gelateria il Sordo, nos parece que se enquadram perfeitamente com o ideal de trabalho que rompe a bolha social, pois os seus trabalhadores estão imersos em seu universo de comunicação, criam novas relações, sentidos com o mundo, tendo a possibilidade de se aperfeiçoar e alçar outras camadas do social.

Em suma, percebe-se nos diálogos em campo que o trabalho, nesse contexto,

estaria em uma via de mão dupla: em um dado momento ele aprisiona, noutro ele liberta. Evidente, que não se deseja aqui fazer apologia ao trabalho, muito menos de construir uma realidade no campo das idealizações, isso sem dúvida seria prejudicial para o campo etnográfico e conseqüentemente, para a produção de conhecimento antropológico. Contudo, fui convidada a refletir sobre o impacto da categoria trabalho como produtora de processos nas trajetórias dos colaboradores Surdo da gelateria il Sordo.

Dentro do contexto social brasileiro, a agenda econômica das empresas e indústrias do país, de modo geral, inviabiliza o processo transformador que o trabalho pode atingir, para os Surdos. Não seria o trabalho uma fonte inegável de realização do indivíduo? No atual cenário socioeconômico, a precarização do trabalho é regra e o desemprego estrutural, também. Há uma hiper normalização da pobreza. Então como pode o trabalho dessa sociedade capitalista, com essas características, ser justamente o provedor e mantenedor do protagonismo social dos Surdos? Não seria de se esperar que em um país que negligencia a educação e a cidadania das pessoas com deficiência, os subempregos não fossem espaços de acessibilidade ou de perspectivas de desenvolvimento social.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2002), estimou-se 24,6 milhões de pessoas declararam ter algum tipo de deficiência (14,5% da população total) o IBGE indica também que a porcentagem da população brasileira com algum nível de surdez chegue a 3,5%, ou seja, próximo a 5.750.000 pessoas. Onde estudam e trabalham essas pessoas? Hoje a inclusão é um tema que está em evidência, nas mais diversas áreas da sociedade, educação, cultura, lazer, trabalho, saúde, entre outros, a concepção de deficiência vem se modificando historicamente, ao passo em que as condições sociais são alteradas pela ação do próprio homem, o estilo e qualidade de vida se altera gerando assim novas necessidades. Isso foi perceptível nos sentidos captados no campo de análise que estava inserida.

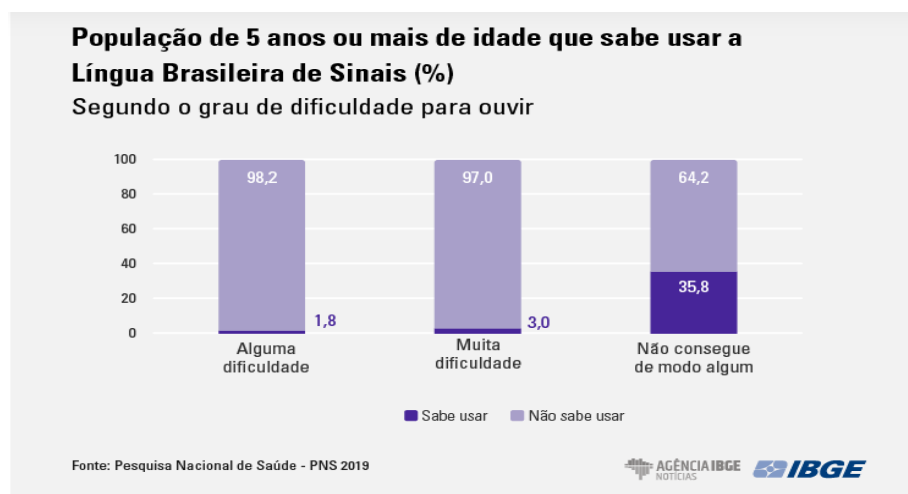
Além disso, ficou evidenciado nos diálogos tecidos, o papel que a educação exerce na trajetória e formação dos indivíduos Surdos, amparados na legislação vigente que salvaguarda o direito dos mesmos, porém sabe-se, também que a concretização dessa realidade ainda está muito distante no nível de acessibilidade que está sendo proposto, na atualidade. É com efeito que, se faz necessário questionar de que maneira o

mercado de trabalho acolhe os trabalhadores Surdos. Será que os empregadores, no Brasil, compreendem as dinâmicas multiculturais em que se inscrevem os trabalhadores com surdez? Ainda é bastante difundida a lógica de inclusão social, com base em uma ideia de igualdade de condições, sem captar seus sentidos nesses contextos de inclusão, mas também que necessita de permanência.

Identificou-se na pesquisa que quando o processo de inclusão social ocorre, considerando as limitações físicas, cognitivas, sociais, bem como as particularidades em que cada pessoa com deficiência está vivenciando, tende-se a oportunizar acessibilidade norteada por um senso maior de justiça, se compreende que há diferenças. Notadamente, a sociedade brasileira tende a negar e velar as diversas condições que se encontram, construindo o discurso da igualdade social. Nesse sentido, deixa-se a provocação para entender como o profissional Surdo pode estar em pé de igualdade social, se ele está apenas inserido no mercado de trabalho, exercendo atividades operacionais, mas não se encontra inserido nas atividades de cultura, lazer, esporte, assistência, educação e saúde.

Paralelamente, ao desenvolvimento da dissertação, coletei a informação que existem cerca de 2,3 milhões de pessoas no Brasil com algum nível de surdez (IBGE, 2021). Considerando esses números é indispensável pensar onde e como estão os Surdos brasileiros? Todos eles possuem acessibilidade em seus respectivos ambientes de trabalho? Qual o percentual de Surdos que usam a Língua Brasileira de Sinais? A Pesquisa Nacional da Saúde, desenvolvida no ano de 2021, evidencia que uma parcela mínima dessa população de Surdos, no Brasil, aprendeu e faz uso da LIBRAS.

Gráfico 01 – População de 5 anos ou mais de idade que sabe usar a LIBRAS



Fonte: Print da Agência IBGE, 2021

Validando o que os estudos nos mostram sobre a realidade dos indivíduos com surdez, no país, e em específico, os trabalhadores Surdos, observa-se algumas transformações foram estruturais para a referida comunidade. Podemos aqui destacar que o mercado de trabalho, pelo menos nos últimos 10 anos, obteve como atravessamento, o debate em que a sociedade mergulhou em seu universo, como é o caso das ponderações sobre gênero ou às questões raciais. É evidente que a iniciativa tem trabalhado para fomentar um espaço de inclusão, principalmente na mídia, com a construção de peças publicitárias, mas ainda muito pouco se tem falado sobre a condição das pessoas surdas. Avançou, é verdade, mas não tanto.

Ademais, o conglomerado de empresas ou da indústria, que segue à risca, a legislação, no que diz respeito às cotas para deficientes, tem priorizado aqueles que conseguem, primeiro se comunicar e segundo, operacionalizar a sua atividade laboral na cadeia produtiva a qual ela se propõe a ser parte. Deste modo, a comunidade de trabalhadores Surdos se vê invalidada em relação às outras deficiências e, de um modo geral, em relação à sociedade, porém seus sentidos são aguçados para uma mudança estrutural de suas inserções nesses espaços laborais.

3.4 – Percepções dos trabalhadores Surdos no contexto do il SORDO

Nesse momento, toma-se como base, os relatos fornecidos pelos colaboradores da empresa Il Sordo, a respeito de suas respectivas trajetórias atreladas às condições do trabalhador Surdo no contexto brasileiro. Para isso, adentra-se nas condições de subemprego em que se encontram os atores sociais desta pesquisa e de tantos outros atores que experienciaram a condição do trabalho, enquanto indivíduos Surdos. Nesse sentido, percebe-se que a empresa il Sordo, encontra-se na contramão de um sistema de exclusão e segregação, sustentado pela falta de comunicação e interação, sem negar seus interesses empresariais nessa seara.

Assim, ao contrário do que se trata aqui, é possível captar que se encontra numa condição humanizadora do trabalhador Surdo conforme salientado pelos entrevistados. Sem dúvida, se faz necessário destacar o papel emancipatório que referida empresa tem desempenhado nessas trajetórias. Paralelamente, o confronto com a realidade do surdo no mercado de trabalho trouxe a legislação como ponto de partida e de que maneira sua aplicabilidade se deu nos espaços laborais, as experiências dos trabalhadores surdos, nos

conduz a observar os seus efeitos na realidade social brasileira.

Na medida em que me parece que suas explicações não compete apenas a dimensão do campo da efetivação jurídica, mas se apresenta pelos interlocutores através das suas percepções e experiências embasadas através desse instrumento legal, ou seja, tocam em questões que envolvem a inserção da pessoa surda que se estabelece entre o indivíduo e o coletivo nas relações de trabalho, ao destacar os processos de sociabilidade e as interações como elemento fundamentais para efetivação de políticas de inclusão e permanência, conforme se observou na il Sordo.

Para a entrevistada Renata (2023) “a sociedade e o Poder Público, precisam entender a humanização, ao que se propõe a ideia de inclusão que só pode ser possível a partir do amplo desenvolvimento do trabalhador Surdo”. Sua fala nos conduz a pensar que é necessário olhar muito além das cotas, visto que a empresas e as indústrias podem cumprir perfeitamente o papel de incluir os indivíduos com surdez em postos de trabalho, todavia se essa inclusão atende apenas a completude dos números e da obrigatoriedade da lei, as condições do Surdo em contexto laboral tendem a ser degradante.

Com isso, percebe-se que as cotas não evitam que o Surdo se sinta, no ambiente de trabalho, desprezado e esquecido. Muitos Surdos falam que desejam realizar sonhos e por isso buscam um trabalho. Os relatos nos mostram que o mercado de trabalho, para a maioria desses atores sociais é sinônimo de extrema frustração.

Deste modo, Sassaki (2007) contribui para pensar a categoria de inclusão social como um processo elaborado estrategicamente para que os diferentes segmentos possam assumir seu lugar nas relações sociais dentro da sociedade. A própria noção de incluir é diferente da ideia de integrar, tendo finalidades distintas, a primeira carrega a concepção de uma sociedade que busca ser adequada para todos aqueles que fazem parte e a segunda perpassa a alusão de uma preparação prévia dos atores sociais para serem conectados no tecido social.

Portanto, não é apenas inserir a pessoa surda, como uma fórmula mágica, mas construir os mecanismos básicos que garantam a participação efetiva na integralização de todos nas inter-relações sociais. Com isso, a concepção de inclusão acaba sendo ora naturalizada/esvaziada de significado nas agendas políticas e ora, colocado em xeque

sobre a sua funcionalidade nas interações sociais, buscando outras possibilidades de refletir sobre o fenômeno marcado por sistemas de exclusão.

Os trabalhadores da il Sordo entendem que a conquista de direitos não foi um processo rápido e fácil. E a classe tem consciências que, mesmo com essas conquistas, o preconceito ainda não acabou. A Lei 7.853/89 é um divisor de águas na história de lutas da cultura surda, no âmbito nacional e aparece o tempo todo em suas falas. Logo, os objetivos foram, gradativamente, alcançados e conseqüentemente, houve um reconhecimento da sociedade.

Em outras situações, percebi que acionaram uma reflexão sobre a agenda histórica dos trabalhadores Surdos, que se constituiu como um ciclo de garantias, nos últimos 30 anos, ou seja, se estimulava, cada vez mais, esses atores sociais a ocupar os espaços da sociedade. Muitos desses indivíduos Surdos, que se encontram no mercado de trabalho, se sentem motivados a perfurar cada vez mais a bolha social que tanto torna invisível, a causa.

Essa reflexão só corroborou para entender como os atores e atrizes sociais surdos, percebem os seus direitos e observam a legislação que trata sobre a inserção da comunidade surda no mercado de trabalho. Dois principais pontos foram salientados: primeiro a ideia de conquista e segundo a de vitória foram cruciais para refletir sobre o processo de entrada desse segmento e a efetivação de uma mudança da prática. Também é o começo para a sensibilização daqueles que não são surdos. Tudo isso, oportunizou acessar espaços que não foram projetados para lidar com a diferença, através da ruptura de modelos que perpetuavam a exclusão.

Portanto, para os colaboradores entrevistados a legislação simbolizou uma mudança nos processos relacionais entre surdos e ouvintes, dialogando com as reivindicações do acesso educacional, mas também fez parte do debate de sua situação pós espaço escolar. Lembra-se justamente dos exemplos das mães de pessoas surdas, que compõem a ação de reivindicar o direito de seus filhos e filhas a terem acesso à educação formal e ao mesmo tempo, um emprego no mercado de trabalho. Relatam que suas mães passaram a vivenciar um campo de embate para conquistar o tão sonhado primeiro emprego, mas mesmo com leis favoráveis à causa, as empresas dificultam o acesso de trabalhadores Surdos.

Esse contexto, nos leva a pensar no papel da família na consolidação profissional da pessoa surda no mercado de trabalho. Além disso, mesmo com a criação da lei, sua efetivação não surtiu efeito imediato. Isso nos conduz a refletir sobre as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores Surdos em seus espaços de atuação que reforça a exclusão social em diferentes instituições da sua vida. Sobre este aspecto Lopes (2006) enfatiza que o ato de excluir se constitui por um conjunto de fatores que caracteriza o distanciamento de uma pessoa, ao configurar o desemprego estrutural, a precarização do trabalho, a desqualificação social, a falta de acesso a bens e serviços que desestabiliza as diferentes áreas da vida.

Tais exclusões e violências foram listadas por Nogueira (2014) desde o ato de não informar seus colaboradores surdos acerca dos eventos, confraternizações da empresa, não sendo convidados para outras sociabilidades, o afastamento criado, reforça os processos de exclusão e quando tomam conta do fato se vê sós no ambiente de trabalho, além de perceber a ausência de incentivos que integralizam a participação de todos.

O que faz aflorar diferentes sentimentos, sendo um deles, a tristeza que circunda as relações tecidas nos espaços laborais, mediante algo que os afetam, nesse caso a decepção e o desespero perpassam desde a procura de emprego até a sua inserção nesses contextos (SILVEIRA, 2009). Ressalta, com base nas entrevistas, o que os trabalhadores Surdos almejam é a contribuição com o desenvolvimento da sociedade, de modo que possam, ao mesmo passo, compartilhar como captar o mundo composto de particularidades, como este que se apresenta aqui.

É com efeito, que as reflexões construídas nas linhas anteriores, nos traz as sensações sobre a inserção da pessoa surda no mercado de trabalho, destacado um elemento que não foi tratado na legislação que é a sociabilidade, temática que se apresenta nas várias falas de trabalhadores surdos da il Sordo e que deve ser pensada como questão crucial para pensar as trajetórias de trabalho e o desenvolvimento da comunidade em foco. Outro ponto elucidado, refere-se a ideia de utilidade dos colaboradores surdos, entretanto é necessário que a sociedade esteja aberta a perceber a contribuição desse segmento nos espaços que atuam, através de um mecanismo que se alicerce no respeito a diferença para que a igualdade possa ser efetivada nas suas múltiplas maneiras de existir.

As questões sinalizadas permitiram nos aproximar de alguns pontos no que se refere a construção da legislação e sua contribuição para a inclusão das comunidades surdas no mercado de trabalho, como destacam até hoje, as pessoas surdas, que enfatizam as inúmeras mudanças que aconteceram em um intervalo curto de tempo, fazendo com que a comunidade atualizasse a cada instante seus repertórios de reconhecimento e identificação. Tudo isso, fortaleceram iniciativas de sucesso e empreendimento de trabalhadores e empresários surdos no país.

Naquele momento, de contato com os meus interlocutores da il Sordo o cenário político trazia as reivindicações da pessoa surda e ampliava para a sua inserção no mercado de trabalho, o desmonte das estruturas de violência e invisibilidade que oscilavam as suas trajetórias. A grande questão não era apenas se fazer presente no campo educacional, mas estabelecer várias entradas nos diversos contextos sociais. As alterações lançadas potencializaram uma outra maneira de se colocar no mundo. Salienta-se que esse repertório de ação dos trabalhadores Surdos, colaborou para a criação de um senso de comunidade, conseqüentemente o estabelecimento de uma identidade. Ao longo dos dois anos de pesquisa, foram inúmeros os espaços ocupados pelos Surdos que propiciaram a coletivização de uma causa.

Portanto, o movimento de se fazer existir segue a ação pedagogizante que está relacionado ao argumento segundo o qual as mudanças complexas pelas quais passa a sociedade brasileira remete para a necessidade de promover aprendizagens adequadas aos “novos” tempos. Para isso, atrela-se aos discursos e práticas políticas do século XXI sobre a inclusão que apontam para uma pluralidade de iniciativas de aprendizagens e para o afloramento das sensibilidades, bem como a formação de um perfil que promova as habilidades e competências para a inserção do surdo na contemporaneidade (GARCIA, 2017).

Desta forma, é que o mercado de trabalho aparece como uma porta de entrada para falar de inclusão e permanência da pessoa surda que apontam para a necessidade de mudança e provoca as alterações sociais entre o mundo do ouvinte para o surdo. Outro ponto que deve ser destacado é que os discursos que são construídos, em torno dos trabalhadores Surdos, nos ajuda pensar as categorias de: indivíduo, comunidade, cultura e identidade. Tais chaves analíticas fazem parte dos debates travados na produção dos conhecimentos da Antropologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação possibilitou desenvolver um olhar crítico a respeito da metodologia empregada em contextos de análises de indivíduos Surdos. À medida em que fomos nos aproximando do nosso objeto de estudo e dos sujeitos observados, percebe-se as implicações no desenvolvimento de uma etnografia com base em uma comunicação hegemônica. Verificou a necessidade de criação de novos parâmetros na abordagem aos entrevistados.

Portanto, o profissional da área de Antropologia nesse momento desenvolve as habilidades com o manuseio da Língua Brasileira de Sinais, contudo essa não deve ser a sua única ferramenta. Sem dúvida, é necessário que os antropólogos e antropólogas do país se aproximem da LIBRAS, principalmente se considerar que esta língua é relegada ao lugar de desprezo dentro do tecido social. Todavia, o fazer antropológico em contexto de comunicação não convencional, exige o exercício de ir além da linguagem.

Não obstante, pode-se aqui propor que, ao entrevistar indivíduos Surdos nas etnografias, possa considerar o contexto geral e, também, o contexto específico, em que estão orbitando. Não se pode falar de enquadramento, pois não há como enquadrar a diversidade de perfis de Surdos que se constroem, socialmente, tendo como base suas trajetórias, representações, condições físicas, psicológicas e neurológicas.

É justamente essa diversidade de perfis dos nossos atores sociais que torna o nosso campo etnográfico, algo bastante desafiador, no que diz respeito à obtenção de dados para análise e que, conseqüentemente, se tornam parte da produção do conhecimento da Antropologia. Talvez o caminho mais apropriado seja o de viabilizar pesquisas a curto, médio e longo prazo, que priorizem as dinâmicas das entrevistas com os Surdos, nas mais diferentes instâncias da vida social.

Aqui, nesta pesquisa, obtive-se um recorte específico, o qual possibilitou a observação do trabalhador Surdo, mas percebe-se que outros perfis podem contribuir, plenamente, para o estabelecimento de um parâmetro analítico. Durante o percurso etnográfico, em específico, nas entrevistas com os trabalhadores Surdo da Il Sordo Gelato, não foi possível apreender o volume de informações as quais esperávamos de início. A comunicação entre os Surdos, nos parece ser feita de forma bastante objetiva e por vezes, esses atores sociais não compreendiam a proposta de uma questão lançada, de forma que pudesse ser esmiuçada e trabalhada em múltiplos olhares.

Ainda há de se considerar que o ambiente profissional, pela formalidade, pode ter afetado os entrevistados. Assim, procurei captar seus movimentos de diferentes formas e uma delas foi a observação direta descrita no caderno de campo.

Com efeito, foi possível apreender que o mercado de trabalho brasileiro, não acompanhou as mudanças nas legislações, nos últimos vinte anos, no que se refere a salvaguarda dos direitos das pessoas com deficiência e em específico, as pessoas Surdas. A partir dos relatos obtidos dos atores sociais observados, foi possível notar quão impactante pode ser, no pior dos sentidos, o desenvolvimento de atividades laborais, entre os Surdos. Quando essa prática não é acompanhada de acessibilidade, inclusão e, sobretudo, integração, o ambiente de trabalho, para os Surdos, pode ser sinônimo de estigmatização e, por conseguinte, muito sofrimento.

Precisa-se levar em consideração que o mercado de trabalho, no Brasil, se configura como um modelo de cadeia exploratória do Capitalismo, em uma conjuntura bastante desfavorável para a classe trabalhadora, de um modo geral, e essa força de agenciamento não agiria diferente com trabalhadores Surdos, ao contrário, se torna mais impactante socialmente.

Esse cenário foi evidenciado através dos dados obtidos com as entrevistas dos colaboradores da il Sordo Gelato e trouxe uma gama de informações que nos faz compreender diferentes sociabilidades, através da Antropologia das Emoções ou a Antropologia do Corpo. Em um primeiro momento, pode-se pensar essas processualidades com base em uma experiência em que os Surdos classificam como extremamente solitária do ambiente de trabalho – quando falam sobre como foi trabalhar em outras empresas – ou como, por exemplo, vivenciam momentos de tensão e angústia e quando estão atendendo na gelateria il Sordo.

Num segundo momento, a utilização do corpo, enquanto uma categoria analítica, de modo que nos leve a refletir sobre como esse corpo, que na ausência de sentidos fisiológicos, captura o seu entorno e se comunica, através de uma linguagem social própria. Ambos os recortes citados aqui, não só nos ajudam a analisar o contexto em ambiente de trabalho ou, numa ideia mais macro, o mercado de trabalho, mas qualquer tipo de sociabilidade que se estabeleça entre Surdos e Surdos ou Surdos e não-Surdos.

Em contato com as atividades desenvolvidas pelo empresário Breno Oliveira, registrei que a comunidade de trabalhadores e empresários surdos, concordam que, na atualidade, surgiram algumas lideranças que desenvolveram a defesa da causa das

peessoas surdas, no Brasil. Isso foi potencializado pelo compartilhamento da agenda entre ouvintes e Surdos. Num primeiro momento, se observa empresários ouvintes que simpatizam com a defesa da causa surda e contratam trabalhadores Surdos. Num segundo momento, se destaca o cenário em que os Surdos já são empresários e contratam trabalhadores Surdos, de maneira a constituir particularidades no âmbito do empreendedorismo, como foi a empresa il Sordo.

A proposta dessa parcela da população com surdez é estabelecer a comunicação, agora utilizando a libras como arma de interação, traduzindo as experiências dos Surdos e traduzindo as experiências dos ouvintes que, na grande maioria, não estão preocupados em entrar no universo do indivíduo Surdo. Parece que o entendimento desse local de atuação do Surdo só acontece quando as pessoas possuem algum familiar que fica surdo. As pessoas com surdez relatam que sentem uma profunda tristeza por não serem compreendidas.

Outrossim, o debate nos espaços que transitava se dava como a comunicação poderia ser o ponto de partida para falar dos processos de exclusão dentro da sociedade brasileira, incluir não seria colocar pessoas em espaços, mais sim, um movimento de garantir direitos, nesse sentido que começaram a aparecer projetos e propostas de superar os vazios existentes. Com isso, empreender partia do sentimento de exclusão que os Surdos vivenciam, nos segmentos os quais são inseridos.

Ademais, a mudança da prática parte de suas sensibilidades para investir em outras formas de se relacionar com o indivíduo Surdo, promovendo a inclusão atrelada com o bem-estar, nesses contextos, além de destacar a necessidade da sociedade se permitir se inserir no universo da pessoa surda. Portanto, a discussão que precisa fazer foi saber o lugar da pessoa surda dentro da sociedade brasileira e como seria produzir as alternativas que podem servir na interação entre surdos e ouvintes ou surdos e surdos e outras deficiências.

Nesse sentido, a gelateria il Sordo, a partir de uma de sua matriz, nos fez estabelecer uma ideia de que temos, ali naquele tempo e espaço, a construção de uma experiência econômica, política e social, balizada pelos saberes e fazeres do empreendedorismo Surdo. Ainda que estejam se apropriando da prática produtiva de gelatos, que tem a sua origem na Itália, mas com adaptações em ambiente de trabalho é

possível constatar que há, nessa prática, uma troca e a geração de novos significados. Os colaboradores encontram, no empreendedorismo Surdo, além de sua fonte de renda, um refúgio para serem indivíduos sociais, que com comunicação própria, protagonizam uma forma singular de existência.

Por fim, foi possível apreender suas escolhas, iniciativas, desejos e sonhos atrelados a carreira profissional que estabeleceu, sendo a imagem da empresa uma inspiração para outros empresários surdos, ao mesmo tempo serviu para fortalecer seus empreendimentos e destacar o lugar do surdo no mercado de trabalho brasileiro e com isso, pode-se concluir que seu empreendimento e trajetória se conectam às ações internacionais para a promoção dos direitos da comunidade surda, com intuito de incluir e garantir a permanência apoiada na legislação que se amplia nas suas agendas ao interrogar o lugar da pessoa surda nesses espaços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES DE JORNAIS

ABE, Luciano. **Isolado no trabalho, surdo cria escola para ensinar língua de sinais**. Disponível em: <https://eunemsabia.com.br/2014/09/isolado-no-trabalho-surdo-cria-escola-para-ensinar-lingua-de-sinais.html> Acesso em: 03 de abr. de 2021.

VENAGLIA, Guilherme. **“Ainda percebo o preconceito”**. Veja, 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ideias/ainda-percebo-o-preconceito/> acesso em :03 de mai. de 2017.

IL SORDO GELATO. **Página do Facebook Il Sordo Relato**.2016.Sorveteria<https://www.facebook.com/search/top?q=il%20sordo%20gelato>. Disponível em: 05 de abr. de 2016.

INFONET. **O empreendedor Breno Oliveira é surdo e comanda a IL Sordo"**. 2016. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/cultura/ler.asp?id=182581&pagina=1> . Acesso em :12 de fev. de 2016.

ENTREVISTAS

ARAÚJO, Lenaldo Silva de. **Experiências de trabalho**. Entrevista concedida a Suzy Kelly Lisboa. Aracaju 18 de maio.de 2022.

OLIVEIRA, Breno Nunes de. **Experiências de trabalho**. Entrevista concedida a Suzy Kelly Lisboa. Aracaju 15 de jun.de 2023.

SOUZA, Renata Manguiera de. **Experiências de trabalho**. Entrevista concedida a Suzy Kelly Lisboa. Aracaju 08 de fev.de 2022.

COSTA, Adriano Araújo. **Experiências de trabalho**. Entrevista concedida a Suzy Kelly Lisboa. Aracaju 15 de jul.de 2023.

CARVALHO, Lucas Albuquerque. **Experiências de trabalho**. Entrevista concedida a Suzy Kelly Lisboa. Aracaju 25 de Agos.de 2022.

SANTOS, Maycon Jordan. **Experiências de trabalho**. Entrevista concedida a Suzy Kelly Lisboa. Aracaju 20 de abr.de 2023.

SANTOS, Gabrielle Vieira dos. **Experiências de trabalho**. Entrevista concedida a Suzy Kelly Lisboa. Aracaju 30 de mar.de 2023.

OLIVEIRA, Guilherme Neves. **Experiências de trabalho**. Entrevista concedida a

Suzy Kelly Lisboa. Aracaju 13 de abr.de 2023.

BIBLIOGRAFIAS

ASSÊNCIO, Ciberle Barbalho. Comunidade surda: notas etnográficas sobre categorias, lideranças e tensões **Dissertação** (Mestrado) Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia, 2015.

ASSIS SILVA, César Augusto. Entre a deficiência e cultura: análise etnográfica de atividades missionárias com surdos. 2011. **Tese** (Doutorado em Antropologia Social), FFLCH/ USP, São Paulo.

BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da. 2006. **Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Disponível no site: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em 20 de agosto. de 2021.

BERTOL, Raquel. Novos sentidos do trabalho: ruptura profunda de valores dominantes até a crise intensifica debate sobre emprego. **Caderno Prosa e Verso**. O Globo, 6 de julho de 2009.

BECKER, H. Problemas de Inferência e Prova na Observação Participante. In: **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. 2ª.ed. São Paulo: Hucitec, 1994, p. 47-64.

BIGOGNO, Paula Guedes. Você é Surdo ou Ouvinte? Etnografia com Surdos em Juiz de Fora – MG. **Dissertação** (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Juiz de Fora.

BUENO, J. G. S. Surdez, Linguagem e Cultura. **Cadernos CEDES**, Revista do Centro de Estudos Educação e Sociedade da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, nº 46, ano XIX, p. 41-56, set. 1998

CALDEIRA, Sofia. As potencialidades do estudo da imagem fotográfica na antropologia visual. **Revista de cultura visual**, 2017

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto Oliveira. **O trabalho do antropólogo**. 3. ed. São Paulo: Paralelo 15, 2006.

CERVINKOVA, H. Disability and the other in cultural anthropology. **Human Mosaic**, 30(1–2), 1996 p. 56–63

COSTA, Maria Claudia Lara Surdos no plural: uma etnografia de sociabilidades e experiências de surdos na cidade de Curitiba.2010. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

CORREIA, Luiz Gustavo Pereira de Souza. 2002. Imagem fotográfica e memória: Templo de Angola Xangô Catulho Onicá no Zambe através de um acervo particular de fotografias. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba.

CORREIA, Luiz Gustavo Pereira de Souza. “A pupila dos cegos é seu corpo inteiro”: compreendendo as sensibilidades de indivíduos cegos através das suas tessituras narrativas. **Tese** (doutorado) - Universidade Federal do rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia E Ciências Humanas, Programa De Pós-Graduação Em Antropologia Social, Porto Alegre, 2007, p.1-219.

CLIFFORD, James; MARCUS, George. 1986. **A escrita da cultura**: poética e política da etnografia. Tradução de Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens/edUFRJ, 2016. 388p

CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica; In: Clifford, J. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX (org. Gonçalves, J.R.S.) Ed. da UFERJ, pp. 17-62. 1998.

DIAS, Adriana Schmidt, *et.al.* **Disputas sobre normalidade**. Comitê Deficiência E Acessibilidade. Informativo especial da Associação Brasileira de Antropologia - Balanços parciais a partir de perspectivas antropológicas. Fev, 2016. pp. 1-6.

DIAS, Adriana Schmidt. Pensar a deficiência, algumas notas, e se me permitem um convite. In: ALLEBRANDT, D.; MEINERZ, N. E.; NASCIMENTO, P. G. (org.). **Desigualdades e políticas da ciência**. Florianópolis: Casa Verde, 2020. p. 163-200

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Editora brasiliense, 2007.

EDGERTON, Robert B. **The Cloak of Competence; Stigma in the Lives of the Mentally Retarded**. University of California Press Ltd. Berkeley and Los Angeles, California, 1967, p.233

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5a edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

GARCIAS, Rosalba Maria Cardoso. Disputas conservadoras na política de educação especial na perspectiva inclusiva. Rosalba Maria Cardoso Garcia (organizadora). **Políticas de Educação Especial no Brasil No Início Do Século XXI**. FLORIANÓPOLIS/ SC, UFSC - CED – NUP, 2017, p. 67-108.

GARDOU, Charles. Quais são os contributos da Antropologia para a compreensão das situações de deficiência? **Revista Lusófona de Educação**, 8(8), 2006, p. 53-61.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A Interpretação das Culturas**. 1ed., 13reimpr., Rio de Janeiro: LTC, 2008, p.3-21.

GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995

GOFFMAN, Erving. 1963. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004.

GURAN, Milton. **O olhar engajado: inclusão visual e cidadania**. 2007 Disponível em: www.studium.iar.unicamp.br/27/6/biblio.html. Acesso em 02 de ago. de 2021.

HALL, Stuart. 2014. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LISBOA, Suzy Kelly Barbosa. **Interrogando a noção de deficiência e evidenciando as trajetórias empresariais de surdos no contexto brasileiro**. Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022

LISBOA, Camila Barcelos. As imagens do silêncio: Uma análise das interações entre surdos de Belo Horizonte. 2007. **Dissertação** (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte

LEENHARDT, Maurice. **Do kamo: La personne et le mythe dans le monde mélanésien**. Paris: Gallimard, 1971.

LE BRETON, David. 2009. **As Paixões Ordinárias: Antropologia das Emoções**. Petrópolis: Vozes, 2009

LOPES, José Rogério. “Exclusão social” e controle social: estratégias contemporâneas de redução da sujeitidade. **Psicol. Soc.** Porto Alegre. v. 18, n. 2, p. 13-24, 2006. Disponível em: . Acesso em: 13 mai. 2019.

LOPES, Pedro. **Deficiência como categoria analítica: trânsitos entre ser, estar e se tornar**. Anuário Antropológico. Anuário Antropológico, [S. l.], v. 44, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/22948>. Acesso em: 01 jan. de 2022.

LOPES, Pedro. Deficiência na cabeça: convite para um debate com diferença. **Horizontes Antropológicos**, Volume: 28, Número: 64, Publicado: 2022

MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2007. “**Vai ter música?** para uma antropologia das festas juninas de surdos na cidade de São Paulo. Ponto Urbe São Paulo, Vol. 01. Disponível em: <https://pontourbe.revues.org/1239>. Acesso em: 03 de julho. de 2021.

MARTINS, Humberto. Sobre o lugar e os usos das imagens na antropologia: notas

críticas em tempos de audiovisualização do mundo », **Etnográfica**, vol. 17 (2) , 2013, 395-419.

MARCUS, George; FISHER, Michael. **Anthropology as Cultural Critique: An Experimental Moment in the Human Sciences**. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

MELLO, Anahí Guedes de. 2019. Olhar, (não) ouvir, escrever: uma autoetnografia ciborgue. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2019.

MELLO, Anahí Guedes de. O Modelo Social da Surdez: Dilemas e Desafios para a educação inclusiva. **Trabalho apresentado no XII Congresso da ARIC** (Association for Intercultural Research), realizado em Florianópolis, Brasil, de 29 de junho a 03 de julho de 2009.

MELLO, Anahí Guedes de; AYDOS, Valéria; SCHUCH, Patrice. **Aleijar as antropologias a partir das mediações da deficiência** . Horizontes Antropológicos, Volume: 28, Número: 64, 2022.

MURPHY, Robert. **O corpo silencioso**. Nova York: W.W. Norton, 1987.

MURPHY, Robert. Encontros: O corpo silencioso na América. Em B. Ingstad & S. R. Whyte (Eds.), **Deficiência e cultura**. Berkeley: Imprensa da Universidade da Califórnia, 1995, p. 140-158.

OLIVEIRA, Daisy Mara Moreira de. Os surdos de Aracaju : observação do discurso cultural e identitário dentro do contexto social ouvinte“. 2012. **Dissertação** (Mestrado) Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós Graduação em Antropologia social, São Cristóvão/SE

OLIVEIRA JUNIOR, João Mouzart. 2021. "A Complexidade da Vida": Cibercultura e a formação do Ciberracismo nas relações de interação dentro e fora do mundo digital na contemporaneidade. In: Jamile Borges (Org.) **Estudo em Rede: Tecnologias, cultura e educação**.

_____.2021. “Entre a rua e o ciberespaço”:Ciberracismo nas redes sociais brasileiras. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em estudos étnicos e Africanos, Salvador.

PIERUCCI, A. F. **Ciladas da Diferença**. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia: Editora 34, 1999.

PICCOLO, Gustavo Martins. Contribuições antropológicas aos Estudos da Deficiência.

Rev. Bras. Ed. Esp., Bauru, v.28, e0099, p.105-120, 2022

REID-CUNNINGHAM, Allison Ruby. **Anthropological theories of disability.** *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, n. 19, 2009. pp. 99-111.

RESTREPO, Eduardo.2018. **Etnografía:** alcances, técnicas y éticas. Universidad Nacional Mayor de San Marcos.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão:** construindo uma sociedade para todos. 7. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

_____. **Vida independente:** história, movimento, liderança, conceito, filosofia e fundamentos. São Paulo: RNR, 2003.

_____. **Envelhecimento e inclusão social:** o projeto agente experiente, Rio de Janeiro: PUC, 2007. Disponível em: . Acesso em: 15 mar. 2017.

SILVEIRA, Flávia Furtado Rainha. As representações sociais dos surdos e a construção das suas identidades. 2009. 422 f. **Tese** (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações), Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SOUZA SANTOS, André Luis “Vestir a Libras no corpo”: A construção de uma “diferença” demarcada pela “cultura surda” na Zona da Mata Mineira.2019. **Dissertação** (Mestrado) – Minter UFV-DCS/UFRJ/Museu Nacional /Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro/Viçosa.

SPRADLEY, Thomas; SPRADLEY, James. **Deaf like me.** Gallaudet University Press, Washigton,1987.

STAPLES, James. & MEHOTRA, Nilika. ‘Disability Studies: developments in Anthropology’, in S. Grech & K. Soldatic (eds) **Disability in the Global South: The Critical Handbook**, Springer, 2016, pp35-49.

STRATHERN, Marilyn. **Fora de contexto:** as ficções persuasivas da antropologia (seguido de comentários e resposta). Editora Terceiro Nome, 2019.

_____. 1999.No limite de uma certa linguagem. **MANA** 5(2):157-175.

_____. 2006. **O gênero da dádiva.** Campinas: Editora da UNICAMP.

TYLER, Stephen A. “Post-modern ethnography: from document of the occult to occult document”. In: James Clifford & George Marcus (Eds.). **Writing culture:** the poetics and politics of ethnography. Berkeley: University of California Press, 1986 pp. 122-140.

VIANA, Alvaneí dos Santos. A inserção dos Surdos no mercado de trabalho: Políticas

públicas, práticas organizacionais e realidades subjetivas; Rio de Janeiro, **dissertação** de Mestrado, 2010.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009

KESKÜLA, MARINS. Revista Antropolítica, v. 54, n. 2, Niterói, p. 436-450, 2. quadri., mai./ago., 2022

ANEXO

ANEXO 01- Termo de Autorização Para uso de imagem e Depoimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL CURSO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Através do presente termo, a pesquisadora *Suzy Kelly Barbosa Lisboa* do projeto de pesquisa intitulado **MÃOS E CORPOS QUE FALAM: O ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE TRABALHADORES SURDOS NO IL SURDO GELATOS EM ARACAJU/SERGIPE**

a realizar as fotos/filmagem que se façam necessárias e/ou a colher depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. A pesquisadora responsável e sua equipe comprometem-se em cumprir as Res. 466/2012 e 510/2016 CNS. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos/imagens (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor da pesquisa acima especificada, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004). Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Aracaju, em __04__ / __05__ /

__2021__

Assinatura do(a) participante: Renaldo Gilson de Araújo

Assinatura do(a) pesquisador(a): Suzy Kelly Barbosa Lins

Assinatura do(a) participante: Renata Jaqueira de Santa

Assinatura do(a) pesquisador(a): Suzy Kelly Barbosa Lins

Assinatura do(a) participante: Gabrielle Vieira dos Santos

Assinatura do(a) pesquisador(a): Suzy Kelly Barbosa Lins

Adriano Araújo Costa

Breno Gomes de Oliveira
Quilene Neres Oliveira

Lucas Albuquerque Carvalho
Márcia Lúcia dos Santos

ANEXO 02 – Roteiro de Entrevista



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE PROGRAMA DE PÓS
GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL CURSO DE MESTRADO EM
ANTROPOLOGIA

MESTRANDA: Suzy Kelly Barbosa Lisboa

ORIENTADOR: Prof. Luiz Gustavo Pereira De Souza Correia

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM TRABALHADORES
SURDOS**

CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO DOS TRABALHADORES SURDOS

Bloco 1: Perfil dos Entrevistados:

Nome:

Idade:

Estado civil:

Formação completa:

Tempo de Trabalho Na Empresa IL Sordo:

Classificação /Trabalho Integral/ Parcial/Hora

Bloco 2: Trabalho, sua importância e trajetória profissional.

1.Como você entender a categoria trabalho?

2.Quais os desafios da Pessoa Surda no contexto do trabalho brasileiro?

3.Exerce outra atividade de trabalho? Sim () ou Não (). Se sua resposta for sim qual?

4.De que forma você observa a trajetória de empresários Surdos no contexto brasileiro?

5.Pode por favor, contar um pouco da sua trajetória profissional?

6.Quais os benefícios produzidos pelo programa de inclusão do profissional Surdo? Da ótica da empresa, da comunidade Surda e da comunidade geral

Bloco 3: profissional Surdo e suas relações.

1. Como você entende a classificação de profissional Surdo?
2. Quais são as dificuldades que a pessoa Surda enfrenta para ter uma profissão?
3. Quais os desafios da rotina profissional do Surdo no mercado de trabalho?
4. De que maneira você ficou sabendo da seleção de profissionais Surdos para atuar na Gelateria IL Sordo?
5. Como você se vê dentro do mercado de trabalho e especificamente na Gelateria IL Sordo?
6. São aplicados os direitos trabalhistas na empresa IL Sordo? Quais?

Bloco 4: PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DOS TRABALHADORES SURDOS IL SORDO GELATO EM ARACAJU/SE.

8.Quais são as estratégias de comunicação utilizadas para que o atendimento possa ser efetivado? Exemplos Libras, Leitura labial, etc

9.Quais mudanças ocorreram em sua vida após o trabalho?

10.Quais as emoções que você poderia descrever na sua trajetória familiar, educacional e de trabalho?

11- Breno fale/ explique um pouco o que ser um empresário Surdo?

12- Você conhece/ lembra de outros empresários surdos que vieram antes de você?

13- como você entende como pessoa Surda? 14- Como você entende e que é:

-Cultura Surda

-Identidade Surda

-Comunidade Surda

14-Como você diferencia cada.

15-Você utiliza essas palavras no cotidiano?

ANEXO 03– I Festival de Libras de Sergipe

**I FESTIVAL
DA LIBRAS
DE SERGIPE**

**LIBRAS É A CHAVE
PARA INCLUSÃO**

Dia 24.04 | das 15h às 19h
na il Sordo - Treze de Julho
Rua Cristóvão de Barros, 90

mais informações
@ipaese.escola
@ilsordogelatto ou @ejs.se

veja a programação
completa

REALIZAÇÃO

IPAESE

il Sordo

EJSSE

ANEXO 04- Depoimentos



ANEXO 05– Comemoração do Dia do Trabalhador

